



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.^a

QUARTA-FEIRA 1.^o DE JUNHO.

N. 652.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de maio de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, prevenindo-a da desgraça que pode acontecer em consequencia de estar destampada uma bocca de lobo á rua da Fonte Nova de S. Miguel e existir ao pé da mesma um formidavel fojo, de sorte que na distancia de dois passos corre-se perigo de pisar no chão. No domingo se abysmaria um homem naquellas profundezas á não ser o soccorro, que lhe prestaram de uma tenda de ferreiro visinha.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, chamando sua attenção para uma troça de negrinhas depravadas que se reune em baixo dos tamarinheiros, na Praça do Commercio, onde portam-so com geral escandalo da moral e da decencia.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, para que informe o motivo que o leva a consentir que o Sr. Antonio de Aquino Gaspar faça da rua de Santa Thereza deposito de suas carroças, impedindo assim o transito, com manifesta infracção da postura n.^o 41 do codigo municipal. Cumpra.

—O homem do cisco lançou um imposto sobre as ganhadeiras.

—Authorisado por quem?

—Tem licença nas mangas.

Elle de per si legisla, sanciona e põe em execução.

—Isto é brincadeira.

—Foi cousa que eu vi, ninguem me contou.

Segunda feira, appareceu no Pelourinho um agente do accio e embeijou de cada quitandeira dous vintens, ameaçando as que punham duvida em dar, de não poderem son-tar-se na quintada.

—E' um pechinchão!

—Si a mamata continuar, é melhor que

cavar diamantes, por que não dá trabalho.

A quitanda, de tarde, é frequentada por numero maior de cem ganhadeiras, a dois vintens são uns quatro mil e tantos reales que vão suavemente cahindo nos bolsieulos do feliz homem.

—Talvez não seja assim.

Pode tambem ser obra de algum esperto que pregasse uma logração nas quitandeiras e na empreza especulando em seu nome.

—Amanan.

—No templo sagrado resoam canticos de alegria em louvor ao Altissimo, que derramou sobre este povo o prodigio de sua inefavel graça.

—Os franciscanos primaram.

—Os humildes serão elevados.

A ordem franciscana, professando pobreza, foi a primeira nesta terra, a dar o exemplo de gratidão e reconhecimento, elevando preces ao Todo Poderoso pelo indisivel beneficio da terminação da flagelladora guerra que desolava o paiz á 5 annos.

—E' uma lecção ao governo, que parece esquecido deste indeclinavel dever.

—Hoje termina a augusta solemnidade pela commemoração dos mortos.

—Ha cousas singulares nesta vida!

—Acasos que parecem prevenção.

—Justamente. Ha tempos cortaram uma arvore no Terreiro.

—E a policia nunca soube quem foi o mal-fazejo.

—Agora, a que fica bem fronteira da que foi serrada, acha-se toda esfolhada, com os galhos nus, em quanto as mais arvores estão viçosas o frondosas.

—Mas ao que attribue V. isso?

—Eu não peço, nem dou explicação; tão somente obsorvo a notavel coincidencia que se dá.

—No domingo, na Quinta das Beatas, um creoulo do nome Belchior, carpina, suicidi-

dou-se, tomando grande quantidade de veneno.

O suicida falleceu pela manha e até 4 horas da tarde ainda não se tinha feito corpo de delicto.

—Qual a causa que o levou a praticar semelhante attentado?

—Consta que foi por ter castigado barbaramente uma escrava da amasia e ter de responder a um processo por esse acto de deshumanidade.

—Ahi está! praticou um acto de barbaridade e logrou a sociedade, que o quiz punir, privando-se da vida e commettendo ainda um crime para com Deus!

—E Elle que pela sua infinita bondade tenha pena de sua alma.

—Entre a rua de S. Miguel e ladeira da Poeira, na Estrada, ha um extenso tanque.

—E' um pantanal que quasi nunca secca

—A agua estagnada sujeita á acção do calor solar deve ser um poderoso incentivo a salubridade.

—E demais a mais, como a tal lagoa confina com o cano, que acha-se entupido, a gente da visihança, depois das dez horas, vae ali despejar seus penicos.

—E quem vê aquella rua assim alagada, não acredita que ha pouco foi calçada!

—Que ainda está se calçando.

—Capitão, venho contar-lhe um caso que se deu na sexta-feira.

—E eu prompto a ouvir-o.

—Um charuteiro de nome Dionisio foi passeiar ao Rio Vermelho e mais alguns amigos, cujos nomes ignoro, levando em sua companhia uma parda chamada Paulina.

A's 9 horas da noite, quando de lá voltavam, na esquina dos Afflictos, disse Paulina: —*eu queria saber qual foi o s..... que me chamou p....., porque dava-lhe uma punhalada.*

Um dos companheiros de Dionisio sae a frente e diz: —*foi eu, o que quer?*

Ahi Paulina saca de um canivete de mola, e deu-lhe uma canivetada sobre a omoplata. Vendo-se ferido corre atraz da aggressora de cacete e dá-lhe algumas cacetadas.

Dionisio tratou de se safar da rascada.

Os outros companheiros trataram de se pôr ao longe das garras da policia.

—A qual compareceu ao logar do efficto?

—Não.

—E' de admirar; um barulho tamanho, onde rolou canivetadas, cacetadas, gritos de aqui-d'el-rei, e não appareceu nenhum soldado de policia!

—Não tem duvida; esta terra está entreguo as baratas.

—O homem do cisco massa a paciência do publico todos os dias repisando a publicação de certos artigos de seu invejavel contracto.

—Não quer duvidas.

—A proposito, permite uma pergunta?

—Duas e tres.

—Quem tem obrigação de varrer e limpar os beccos e travessas em que não ha moradores?

—A empreza, está claro.

—Então ella é deixada por conservar em immundo estado de porcaria a travessa por baixo do recolhimento da Misericordia.

—Um logar transitadissimo.

—E' insuportavel a fedentina que dali exhala; a exerescencia e podridão arranca nauseas; as materias em decomposição prejudicam a saude.

—E por cima está uma enfermaria para molestia epidemica e contagiosa.

—E tudo isto nada vale para quem deve se interessar pelo bem estar geral!

—Capitão, o Rufino Albergaria, como sabe V. Ex., mora no convento de S. Bento.

—E' velho isto.

—Na sexta-feira, quando entrava elle para o convento, pelo lado da horta, foi acometido por um sujeito que refrescou-lhe o pello de chibatadas.

—E não sabe quem foi o sujeito?

—Parece-me que não.

Gritou aqui-d'el rei e que lhe acudissem, a ponto de se ouvir os gritos da rua!

—Então e por isso que outro dia eu o encontrei acompanhado de dous guarda-costas.

—Ha de ser.

—Esta é uma das de *rebimbomaio!*

—V. foi a S. Francisco?

—Fui.

—Apostou que não reparou n'uma cousa.

—Diga qual foi.

—Os retratos estampados nos quadros representavam a todos os generaes de espada na mão, com excepção do Caxias que trazia a sua na bainha.

—Ah, é porque elle sempre zelou a hora de sua espada.

—Então é por isso que lhe chamam a espada virgem?

Olhe que ha cousas que nem de proposito.

—As irmandos do charidade encastifuram com o mordomo encarregado do cemiterio e lhe moveram tão furibunda guerra, que este

vin-se obrigado a resignar o cargo para não desprestigiarse.

— Grande poder tem estas mulheres nesta terra!

— Dizem que em consequencia de queixas dellas, o provedor dirigiu um officio ao mordomo em termos que não pactuava muito com a dignidade deste.

— Eis ahí como ellas symbolisam a paz e a concordial

— Entrou para o logar o Lino boticario.

— Eu não pretendo negar os predicados deste senhor. Porem occupado e tão cheio de afazeres como é, duvido que elle possa desenvolver a actividade do Sr. Franco Lima.

— E será grave injustiça o não reconhecer os muitos melhoramentos promovidos no Campo Santo pelo Sr. Franco Lima.

— Mas a nada se attende, quando tem de se satisfazer caprichos das irmans de charidade.

— Capitão, indo eu outro dia á cidade baixa vi uns pretos reunidos tratando sobre a liberdade da filhinha de um delles.

Depois de discutirem quasi todos sobre o facto do senhor da preta exigir 150\$ rs. por uma negrinha de mez e meio de idade, concluíram pedindo que supplicassem do cujo um abatimento na quantia exigida pela negrinha.

Um delles que ainda nada tinba fallado disse:

— *Capiton*, eu qué fallá, eu entendeu que esse nan tán denreto, proqué eu achou pra mim qui primero deve forrá bunda de mãe di elle, pra enton forrá bunda de negrinha, di contra rio mãi di elle continua pari e sempre nosso forra, forra, logo mior é forra mãe di ere primero.

— Tan denreto, tan denreto, primero forra mãe di ere, responderam os outros, apoiando o orador que acabava de occupar a tribuna.

— Foi uma idéa bonita, em frases rusticas, pois que elle não podia exprimir-se melhor.

— Apoiado!

— Os voluntarios voltaram hontem á palacio á reclamar seus soldos.

— Dizem que não ha dinheiro.

— Foram á thesouraria e dali retiraram-se sob a promessa de que hoje infallivelmente seriam pagos.

— Acho bom; o governo deve despachar esses homens para acabar com um espectáculo que nada tem de agradável.

fsto de venha hoje, venha amanha, massa na verdade.

— Mas si não ha?

— Si não ha, tome emprestado; é uma di-

vida sagrada que devo ser paga promptamente. E' dinheiro que não foi ganho aqui paulatinamente.

— Tem razão.

— E alem disso para que estar a exacerbar os animos com essas delongas?

— Capitão, uma noite vinha eu pela praça do conde d'Eu e vi um ajuntamento de pretos e pretas conversando sobre a morte de uma preta no hospital de charidade, a qual, diziam, entrara para a Santa Casa levando 1.000\$ rs. comsigo, porque não se fiou nos seus patricios para os guardar.

Segundo a conversa, quando entrou ella para o hospital, não estava a sua molestia em aprado estado de gravidade.

Ora, ali, como sabe V. Ex., quando entra qualquer individuo com dinheiro as charidades irmans tomam, para entrar quando elle se restabelece. Assim aconteceu com a infeliz.

De momento a molestia tomou character grave e a desventurada morreu.

Sendo levado ao conhecimento dos parentes della o seu fallecimento, estes vieram, e como tinham sciencia de que ella entrara para o hospital com 1.000\$ rs. exigiram que se lh'os entregasse, pois queriam fazer o seu enterro,

Mas, capitão, ahí é que está a cõusa.

O dinheiro sumiu-se, disseram que a preta não tinha levado dinheiro algum.

— Mas isso não passa sinão de suspeitas de parceiros e parentes da africana; talvez mesmo que ella não tivesse entrado com dinheiro.

— Agora isso é que é preciso ventilar.

— Ora, ventilar uma conversa de pretos estupidos.

— Pois por serem estupidos mesmos é que muito bem se podia dar o caso, vistô como tinha-se a tangente—*são estupidos, são pretos!*

— Pois V. cré que as *honradissimas* irmans de charidade iam lá, si tivessem tomado o dinheiro da preta para guardar, negar depois della morta?

— Mas.....

— Não ha mais nem menos. Ora vá bugiar!

A PEDIDO

— Mas a compra dos cavallos. Quanto podia deixar?

— Não ter sempre a má ventura.

Desta teta p'ra mamar.

Voltaremos.

— Capitão, sabe que estou envorronhado?

— Então porque?

- Ora deixe-me, tenho até pejo do contar.
 —Diga sempre, sabo que somos.....
 —Os atalaias da moralidade.
 —Nem mais nem menos.
 —Eu creio que o facto é verdadeiro, por que não posso duvidar da ingenuidade de quem me narrou.
 —Sem duvida algum titular?
 —Qual!
 —Deputado?
 —Peior um pouco.
 —Vigario?
 —Nada, nada disso.

Foi o freguez do carvão, integerrimo africano, em quem diviso a personificação da sinceridade.

Na sexta-feira 27 do p. p., chegou-me elle á casa taciturno e tendo satisfeito o motivo de sua vinda, ia retirar-se, quando sahi-lhe ao encontro:

«—Que é isso, papae João, que tem V. hoje?

O bom do preto cobre o rosto com a callosa mão e diz-me:

«—Vregonha xinhô, vregonha só. Deixa, deixa sahi papá Juan.

E nisto dispunha-se a retirar-se, quando ea, á força de rogos, obtive d'elle a seguinte narrativa:

«Ni sexa fêra qui passou, iô vae pássanno ni prota di casa di xinhá siribissipo, e iô oiá pra dentro di jenella di casa qui fazê demanda di casamento e abi tá gritaiada munto; iô pensá que é min parecêro que tá fazendo baruo ni cosinha de xinhá siribissipo; mai quando iô oia denreto, vê home que cara di êre tá cumo cara de demonho, tá maió di que rocha qui tá ni terra de Vianna. Esse home tá feito diabo qui sahe di infreno; tá cheio di macriação, dizendo desafôro a branco cumo êre. Nosso negro não dizê cõusa de procaria assim, cumo êre tá dizendo; bocca di êre tá sujo qui parece monturo. O outro qui tá ovino, tá cum paciencia; não respondê esse zavregonhado. Iô tan prêto, nam pore fará na vissa de xinhô nome feio que esse home dizê a outro. Iô dizê a mim parente di pão qui tá ahi junto: «esse insorente, merecê qui outro dá bofetara ni êre pra non sê attrevido. Por isso anani turo ni rua fara di êre; gazeta já bota podre di êre di fora; chama elle *olé*; sicarado; preverso; qui ten dua muié riman; chama êre abutre qui anda comeno pombinha di freguezia. Eu fica cum vregonha di vê esse xicaramento ni casa de siribissipo e vem miembora.

—Que horror! que immoralidade! Os homens incendiarios deviam ser sequestrados do consoreio humano para não escandalisarem a sociedade.

- Capitão, que tal a historia?
 —Já disse que é horrivel, porque muito pode o orgulho, a ignorancia e o despeito.
 —E' porque os lobos de hoje são mais cordeiros do que outra cousa; do contrario teria dado ao tal salabardote incivil e grosseiro uma leccão de civilidade e boa educação.

Gildesonso, a ciganinha
 Vae nutrindo seus amores;
 A paixão rasgou seu peito,
 Ella lhe *sergio* as dores.

Dizem que ha em Santo Antonio
 Fonte que faz espantar,
 Della jorra agoa *dourada*;
 Lá vae V. se banhar.

VARIÉDADES.

Estudante, frade e bispo.

Certo estudante foi tomar ordens.

O bispo e um frade lhe fizeram taes perguntas que o pozeram a arder.

Afinal o bispo sabiu-se com esta:

—Quantos são os inimigos d'alma?

—São cinco, respondeu o estudante.

—Cinco? replicou o bispo, pois diga quaes são.

—Mundo, demonio, carne, vossa excellencia reverendissima e aqui o senhor frade.

ANNUNCIOS.

Cidadãos brasileiros!

Não tardando a raiar o dia anniversario da nossa emancipação politica, dia para nós de tanto jubilo e incommensuravel recordação pois que assignala feitos de verdadeiro patriotismo de nossos maiores, o abaixo assignado tenente-coronel do batalhão *Defensores de Pirajá*, encarregado de guardar no dia 5 de julho, os emblemas da nossa liberdade, fiado n'esse santo entusiasmo, convida a todos os Srs. que receberam cartas para officiaes do dito batalhão, e a todos os artistas que lembrando-se dos que nos deram este dia, queiram comparecer em sessão, no sabbado 4 de junho as 7 horas da noite no largo do Theatro n.º 87. Fazendo ao mesmo tempo sciente, que todas as despesas serão feitas pelo batalhão, sendo os ditos officiaes obrigados no dia a trazerem sua gente o apresentarem-se uniformizados, para cujo fim são convidados á reunirem-se em sessão.

Bahia 31 de maio de 1870.

Marcellino Coelho do Amaral.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.^a

SABBADO 4 DE JUNHO.

Ns. 653—654.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1^{rs.} por serie de 10 numeros; 5^{rs.} por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de junho de 1870.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. chefe de policia, reclamando contra as assuadas que se dão repitadamente no passeio publico, promovidas por alguns estudantes do lycee que vão para ali todas ás tardes com duas bandeiras.

Isso só seria desculpavel; mas o peor é o lesacato á que se vêem expostas muitas familias e os apupos e vaias que muita gente recebe.

Espera-se que S. S. fará desaparecer semelhante inconveniente que priva muita gente de ir ali distrahir-se.

—Ao Ilm. Sr. Dr. juiz de orphãos, pela segunda vez pedindo lhe que seja entregue a um mestre, ou recolhido a qualquer estabelecimento de educação do Estado, o menor orphão, Eduardo, que vive como creado do Sr. major Pontes, afim de que aprenda um officio, para não vir a tornar-se prejudicial e incommodo á sociedade quando, chegando a idade viril, se achar privado de um meio de vida licito, e com o espirito contaminado pela pernicioso influencia da educação abandonada e viciosa, que actualmente recebe.

Agora anda elle por Itapagipe no mais desrespeivel estado. á servir como escravo, maltratado e sujo. Espera-se que S. S. a quem a lei confiou a missão de velar pela sorte dos infelizes privados do desvelo dos que lhes deram o ser, attenda as razões expostas.

—Capitão, um pombo com uma cerva, que prole produziria?

—Eu não sou naturalista; mas pareco-me que é cousa impossivel.

—Não ha nada impossivel; a natureza obra prodigios pelas mercês que lhe facultou o Creador.

—Que asneira! onde ja se viu tirar geração um quadrupede com uma ave!

—Ha pouco eu li no *Jornal do Commercio* que uma cabra dera á luz um animalajo parte gente, parte cabrito.

—Carapetões, rapaz,

—Não duvido.

Mas quer V. Ex. que lhe diga? Ha phenomenos que põe um homem perplexo. V. Ex. mesmo se admiraria se visse, como eu tenho visto. todos os dias um certo passaro bisnau, o qual não é cardeal por que em logar da cabeça vermelha tem as pernas, adejar em torno a toca do bichinho, cahir dentro e la se deixav flear por muito tempo.

—Isto cheira a pomada.

—V. Ex. quer ver?....

—Já....

—....Sinto que não possa ser com a preseteza que quer, pois tenho o que fazer.

Mas, depois que acabar o choro no Collegio, va me esperar no *Maciel* de cima, que eu vou lhe mostrar o logar.

—No dia 5, ás 4 horas da tarde, na rua dos Artistas, terá logar a collocação do pau annunciador dos festejos de 2 Julho, que costumam fazer ali os meninos da freguezia de Santo Antonio: pede-se o concurso do publico para que o acto se torne mais esplendido.

—Capitão, a tripolção ás vezes está despachando canastras.

—Houve alguma cousa?

—Eu disse a V. Ex. que tinha entrado para mordomo do Campo Santo o Sr. Dias Lima e a rapazeada não sei onde se lembrou de um Lino boticario para arrumar na noticia.

—Distracção, distracção.

—E' preciso que V. Ex. recommende ao encarregado da officina mais attenção.

—O barão de S. Lourenço consagrou um capitulo do seu relatorio com que largou a presidencia, a fazer a apologia do homem do cisco.

—E' bom quando se tem um pregoeiro do tão alta fama.

— S. Ex. não desperdiça vasa para proclamar-o de laborioso activo, diligente, pressuroso, agil, ligeiro, subtil etc.

E agora conferiu-lhe a patente do especial na materia, e conhecido como capaz de levar a effeito o servico etc.

— E' que S. Ex. ja experimentou.

— Mas dos que serve tanto esforço?

S. Ex. por um lado a pôr o homem nos cornos da lua e este por outro a desmentil-o com suas obras.

— N'uma epocha de tantas molestias e não se vê estas agoas estagnadas!

— A causa é a muita chuva que tem havido.

— Mas si são as agoas da chuva que ficam estagnadas porque não fazem esgoto?

— E que fedentina exhalal!

— Que quer, si os capins apodreceram!

A quem pertence essa roça?

— Isto pertenceu ao finado conselheiro Reboças; mas por morte d'elle a familia vendeu aos Ariamis, e estes alugaram a companhia de Vehiculos.

— Neste caso, a quem compete providenciar que providencie, visto como o mal recalhe em grave prejuizo da salubridade publica.

— Capitão, segunda-feira, um tigre humano dilacerou com açoutes as nadegas de um seu escravo, e depois applicou sobre as chagas em carne viva, pimenta moída.

— Oh! que monstro!

— Esta horrorosa atrocidade, redobra de hediondez pelo facto de ser o paciente um menor.

— A natureza devia ter horror de produzir semelhantes abortos.

— A fera escolheu a rua *sem compromisso* para theatro de sua enorme barbaridade. Chama-se *Zé de artes ferreiro*, alcunha que lhe dão por andar envolvido em papeis, dar-se ao mesmo tempo a sordida agiotagem e ter esse menino sido aprendiz daquelle officio.

— Já sei quem é a hyena.

A' subdelegacia da Sé já foi levado um seu moleque encontrado cahido em uma escada. Era um deforme esqueleto, com a pelle sobre os ossos e esta coberta de sevicias e martyrisada de queimaduras.

O subdelegado de então, amigo de contemporizações, mandou de novo pôr a victima á sanha do algoz, entregando-a, mas por observações do algem reconsiderou e remetteu-a para o hospital para ser curado á custa do cruel senhor.

E nisso consistiram as providencias.

— E são por essas condescendencias repro-

vadas que a impunidade alça a cabeça e estas scenas ferozes se reproduzem.

Quanto soffre um caixeiro.

Das entidades soffredoras que existem no meio da sociedade, o caixeiro é uma das que merecem particular menção.

Coitado! Anda sempre, como lá dizem, da sala para a cosinha; e inda em cima aturand, que nem de leve se lhe agradeça o seu servico, desde pela manhan até á noite.

E não se julgue que é só o caixeiro de venda ou de barraca de carne secca o que soffre. não: o guarda-livros e o caixa tambem tem seus momentos de amargura, seus instantes de dissabor e desgosto. Si um ou outro caixeiro passa boa vida, no geral a sua esphera é a do soffrimento.

Amanhece o dia, e emquanto o amo está bem a seu commodo deitado, já o pobre caixeiro, de maço de chaves na mão, vai de cabeça baixa em procura da loja, armazem ou escriptorio. Abre; espaneja; limpa e espera pelo amo. Mas, são oito horas e o homem não chega. Barriga de caixeiro tem sempre fome, e muito mais pela manhan. Assim, o Sr. Antonio pensa que poderá ir tomar a sua chicara de café, no botequim fronteiro. O diabo porem persegue aos caixeiros e faz com que, em quanto toma o café, lhe chegue o amo. E' cedo e a falta do caixeiro nada vale: mas os amos não entendem assim e ficam logo com uma cara enfesada e irritados, de sorte que, quando o Sr. Antonio vem apparecendo, inda mastigando um restinho do seu pão, o recebem com gritos e maus modos.

— Sr. Antonio, onde esteve?

— Fui almoçar, meu amo.

— E' a desculpa! é a desculpa! não podia esperar que eu chegasse. Desta maneira não me serve, temos o caldo entornado.

Ora, não se dá uma impertinencia igual! Certos amos julgam que em pagando um caixeiro tem feito tudo e que nenhuma deferencia devem guardar com elles, trazendo sempre a razão de que assim foram tambem tratados quando caixeiros.

O elemento dos amos está sempre na zanga. Quando chegam a loja ou escriptorio sem motivo para tal, principiam a procural o, ou a inventar um. Assim pois, sempre acham que o baleão não está bem limpo; que as cartieras estão cheias do poeira, e que em nada disso se cuidou, porque só se cuida em conversar, sem que se cumpram os deveres. Além de tudo mais, tem sempre os caixeiros de serem reprehendidos sem motivo.

Um caixeiro natural do paiz já soffre muito: contudo guardam os amos certas con-

templações para com elles, porque os conhecem; mas quem quizer ver o que é soffrer, que considere a um pobre caixeiro filho de outro paiz, sem conhecimentos no logar onde está. Oh! elle varre a loja e a rua em frente della; si é armazem, limpa o candieiro e o vae lavar no caes; limpa os sapatos do amo e anda de tamancos, e o que é peor de tudo, quando resmungo é chamado a contas, onde nunca tem salido á favor, sinão recebendo-o em moeda de palmatoria, que não é por certo a mais corrente. Safa! que não é das melhores cousas.

E que me dizem de um caixeiro que resmungo quando o amo lhe diz alguma cousa? Vae logo para o olho da rua e ninguem o quer receber, porque o amo para vingar-se vae logo dizendo que o sujeito tinha moça de casa posta; tomava sorvetes; comia doces e até fumava á sua custa.

—Emfim, acabam sempre, deu-me um grande prejuizo!

Na classe dos amos ha tambem especuladores. O maior lucro no commercio é sempre ao que se aspira e por isso elles querem ter caixeiros sem pagar e entram a especular.

Trazem pois as folhas cheias de annuncios de quem se quizer metter de caixeiro em sua casa: ha muita gente desempregada, sem meios de vida, e semprealguem apparece, que elle promptamente recebe.

Já se sabe que o primeiro anno é sempre gratuito. Muito bem! entra o caixeiro, trabalha e trabalha muito para agradar, mas ja no fim dos onze mezes, achou sempre o amo especulador alguma coisa para fallar, e d'ahi forma um barulho, que acaba por despedir o caixeiro, que sahe, e que o serviu de graça, por onze mezes.

Ha por ahi muito amosinho que tendo negocio a 8 annos, inda não soube o que foi pagar um caixeiro. Bella especulação! Pobre classe de caixeiro!

Ha caixeiro, que tem de procurar rendas, fitas, bicos e sapatos, para a mulher de seu amo, hade ver se encontra sapotis para ella que está de desejos e outras mil coisinhas.

Outros tem de levar os filhos de seu amo á eschola e aturar que lhe vão elles ao quarto, remexer em tudo, quebrar alguma galanteria que tem etc.

Dizem muitos, que não ha coisa tão boa como seja caixeiro de inglezes. Sempre são bem pagos e tem sua casaca de festas no fim do anno.

Até certo ponto concordarei.

Mas, quando o inglez introduz na pância suas duas libras de queijo podre e suas quatro garrafas de champagne, quem é que lhes

atura as monas? Quem lhes onve os repellões em meia lingua? Os pobres caixeiros.

Para um caixeiro de inglez ser querido por seu amo, deve como elle enfarruscar-se á custa do grog, o á laia de funil, deixar escorrer pela guela abaixo tudo, menos chumbo derretido. Verdade é que a paga ingleza é excellente, custa a encontrar-se um inglez amo especulador.

Inda quando o caixeiro atura o amo, tem um passe, que é elle quem lhe paga; mas quando alem do amo tem o caixeiro de aturar a mulher do amo, os filhos do amo e as suas impertinencias? He mais que terrivel!

E' triste sorte pois a do caixeiro. Este escripto hade ser muito bem accito, mas não fiquem os senhores caixeiros com o bico doce pois que pretendo apresentar o invento do quadro, e dizer tambem quanto soffrem os amos.

A PEDIDO

—Capitão, grandes novidades tem apparecido depois de nossa ultima conferencia.

—Já vem V. com suas historias.

—Lembra-se quando lhe fallei que o *Pipiacega* ia casar-se?

—Isto é tão velho, que não vem nada ao caso.

—Pois olhe, não ha quatro mezes que elle casou-se e a querida *Elimia* teve seu bom successo em 30 de maio!

—Pode muito bem ser um milagre, ha tantos phenomenos!

—O que me admira, capitão, é que a noiva do *Pipiacega* foi creada em uma casa de ensino!

—Que quer V., si a desmoralisação hoje está em moda, e o que mais me admira é que ainda hajam pais de familia que continuem a mandar suas filhas em semelhante covil.

—Que quer, meu capitão, si quando falleceu o *cort-x-lenha*, algumas dellas ficaram em casa e as outras foram para a missa do 7.º dia, e o *Pipiacega* que encheriga tanto, descobriu o milagre antes do matrimonio.

—Não me conte mais estas cousas, que são nocivas á sociedade.

—Capitão, receba noticias do padre *Maneca*.

—Ja nem me lembrava dessa peste.

—Continua em sua vida dissoluta e debachada.

—Em toda parte ha de mostrar o que é aquelle traste nojentol

—Mau mouro nunca pode ser bom christão, capitão.

E um capadocio daquelles nunca será boaréz.

Em logar de cumprir os deveres que seu ministerio lhe impõe, tem semcado a intriga e plantado a discordia no meio do rebanho que lhe confiaram.

A crapula e a orgia são seu evangelho, o pagode e a sensualidade sua moral; a licenciosidade é o edificante exemplo que dá.

O frasco de agoardente a tira collo, as castanholas, o pandeiro, o vú e a viola são seus favoritos predilectos.

—Pela *Encarnação* da Virgem! Estes ministros da religião são quem a desacreditam!

—Si ha cousa de que menos se importa o indigno pastor, é de curar as almas entregues a seus cuidados.

Um exemplo basta:

N'um logar chamado *Mudá*, um enfermo em artigo de morte, pediu confissão; foram chamal-o e elle exigiu cavallo para ir; (note que a distancia é pequenissima) trouxeram-lhe cavallo, mas o ministro impuro regeitou dizendo que o animal estava magro e queria um cavallo digno de si.

—Um egual a elle sem duvida.

—E como não havia outro cavallo, deixou-se ficar em santo ocio e o enfermo morreu sem os sacramentos.

—E faz-se de um lobo destes um pastor!

—Uma degradação do clero, que para correção ha muito deveria estar no porão deste navio de gargalheira ao pescoço.

(*Continúa.*)

Effluvios amorosos.

Ail que paixão atrevida
No peito, se me encalhou!
Parece que o mesmo demo
No coração penetrou!

De noite, leva-me o mixo
Cá dentro a pinotear;
Que não vejo meios nem modos
D'um pouco os olhos grudar.

Paixão violenta como esta
Eu nunca tinha sentido!
E, si isto não tem um termo,
Devéras fico perdido!

E tu, Engracia, és origem
De todo o meu soffrimento;
Pois dês que te puz os olhos
Metti-te no pensamento.

Já te escrevi quatro linhas,
Co'a ponta do coração;
Em que te punha ás claras
O fogo desta paixão!

Mas tu metteste no sacco,
Dem quietinha, a viola;

—E são por essas conue...

Como si amor tão fogoso
Fosse um pedaço de sola.

Engracial faz-te de cêra,
Deixa de ser pedregosa!
Verás depois, meu anjinho,
Que vida nossa ditosa!

A' beirasilha d'um lago,
N'uma cabana modesta,
Iremos, juntos, morar,
E viveremos em festal

Com as hervinhas do monte,
E os passarinhos do matto,
Faremos finos quitutes
E viveremos barato.

Emfim, Engracia, te digo
Qu'a sorte que nos espera
O proprio rei de Marrocos
Fôra feliz si a tivera!

Decide-te, pois, oh bella,
Emquanto dura este frio...
Sinão... mando-te á fava
E mudo-me para o Rio!

Será á juizo dos professionaes, e por *conveniencia* ou commodidade publica que se conserva desmanchado á cinco mezes, o passeio da encosta da fortaleza de S. Pedro?

Espera-se que o S. A. de Lacerda explique isto á camara municipal e ao publico, para que se convençam de que para a companhia dos trilhos urbanos é esta a melhor forma do serviço

U

—Capitão, até hoje o nosso immediato, está em expectação.

—Qual a razão?

—Por não lho quererem entregar a policia da freguezia do Barracão, onde ha muito mamão.

—O que queres dizer com isso?

Que sendo o nosso amavel commendador Wernech; o Alexandre Dumas bahiano... o prefeito de policia deve empregar a esse raro talento... visto elle querer assumir a vara tão somente para dar casunés nos seus inimigos politicos e para boa policia do logar e não para viver da subdelegacia como esses insubordinados...

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, para que lance suas vistas para a travessa da rua do Castanheda, afim de dispersar a reunião de moleques que se ajuntam na mesma rua, offendendo a moralidade publica e juntamente a quem passa pela mesma rua. O Sr. capitão Braga policia a cidade toda menos esta rua.

O vulto da escuridão.

Junto a uma campá isolada,
Por tristes flores cercada,
Dorme um vulto sobre o chão;
De quando em quando soluça
E a face ao peito debruça
Mostrando seu coração.

Não falla, e si alguém o chama
Levanta da dura cama
Fitando os olhos no chão;
Um echo ao longe s'escuta,
Depois co'a morte elle luta
Soltando um ai de trovão.

A brisa sacode as flores,
Levanta aos ceus seus odores,
Lançando o vulto no chão;
Depois na poeira engolphado
Ja quasi que sepultado
Pede a Deus o seu perdão.

Quem é, ninguém o sabia,
Ali so o vulto dormia
Nas noites de escuridão;
A terra toda tremia,
E, si o negro vulto estorceia,
Subia o fogo do chão.

Até que afinal um dia
Depois que tudo dormia
O negro vulto fallou:
«Fui sempre mulher perversa,
«Por Deus do mundo dispersa,
«No inferno hoje estou.

«E' aqui que tudo s'apaga,
«O diabo a ninguém afaga;
«E' um eterno penar:
«Os homens passam sorrindo,
«Vendo as mulheres se unindo,
«P'ra n'um momento queimar.

«Por toda mulher espero,
«Por isso não desespero;
«E' rara a que aqui não vem;
«Algumas por falladeiras,
«Outras por bisbilhoteiras;
«De mil escapam so cem.

«Por isso a que fôr vaidosa,
«Faceira, cheia de prosa,
«Se aprompte p'ra se queimar;
«Aqui se encontra de tudo,
«Pois neste lugar tão mudo
«Hão de todas vir parar.

«Quem dera eu voltasse ao mundo,
«Embora n'um triste fundo
«Deitada n'um duro chão,
«A Deus, so a Deus adorava;
«E a propria lingua cortava
«Si elle me desse o perdão.

Assim o vulto fallava
E a fria campá baixava
Soltando um ai de trovão;
A terra toda tremia
E si o negro vulto estorceia
Subia o fogo do chão.

Por isso vejam meninas,
Formosas, bellas, traquinas,
Como é fero um tal viver;
Não sejam tão embusteiras,
Não sejam tão falladeiras,
Do contrario hão de ferver.

VARIÉDADES.**O passeio ao cemiterio.**

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

Sombria estava a noite, e procurava eu a claridade que longe me vinha das habitações.

Figurou-se-me porem avultar uma cidade com suas torres, seus palacios e jardins, e algumas luzes a vaguearem pelas ruas. Aproximei-me, achei um cemiterio: as torres e palacios eram os tumulos, as luzes os pyrilampos.

—Ahl é uma cidade de mortos, pensei eu, e não vejo aqui, ao menos, como entre os vivos, grande differença entre os filhos de Adão. Não vejo cabanas e choças, todos são alojadas em marmoreas habitações.

—Menos eu, disse um.

—E eu, disse outro.

—E eu....

—E eu!...

A multiplicidade de vozes que da terra rasa me vinha, me atordoou. Voiei para um rico mausoleu e ouvi que de dentro sahiam estas palavras:

«—Fui rico, muito rico; mas si se olhar a utilidade e ventura que tirei de minha riqueza, conclue-se que fui pobre, muito pobre.

«Era tão avaro, que me privava da menor commodidade que me podesse custar um real. Muitas vezes mal disse do Creador por ter feito o homem sujeito a tantas precisões; e achava mais prazer em supportar a fome e o frio, ao mesmo tempo que entesourava montes de ouro, do que quando a extrema necessidade me forçava a comer um pedaço de pão, que era mister pagar depois, por que eu nunca o pagava antes, receiando morrer e ter desembolsado alguns cobres para comprar o que outrem teria depois de comer. Morri so e ás escuras; embora presentissemos aproximar-se a hora do passamento, entendi que era loucura pagar a quem me visse morrer, sendo acto que não necessita testi-

munhas, e menos quiz gastar luz quando não tinha nada a fazer e estava para fechar os olhos para sempre. Quando os meus herdeiros souberam que eu estava morto, correram, mas já não acharam tudo, por que tendo eu os arredado de mim, outros se apressaram a visitar os recantos do meu albergue.

Que dor seria ver aquella gente arrancar soalhos; quebrar gavetas; arrasas o facto que tantos annos eu havia poupado o lançar a mão ao dinheiro que topavam para o irem gastar em ninharias!....»

Mais que isso ainda faz partir o coração: a prodigalidade de meus herdeiros que á minha custa me mandaram construir este dispendioso monumento, com si eu por isso lhes devesse ficar obrigado!....

(Continúa.)

Origem do ditado

*Mulher, relogio e cavallo
Não se confia a ninguem.*

(CONTO Á ZIGUE-ZAGUE.)

Bello tempo era aquelle em que n'aldeia
Entre si, bons amigos, se fiavam

Os aldeões;

E reciprocamente se ajudavam.

Como christãos

Oh! tempo das comadres

Em que os paes eram paes e os curas padres
(E melhores compadres)

E as raparigas

Boas amigas,

Boas mães, excellentes parideiras,

E sobre a idade optimas parteiras.

Tempo que já lá vae

Das mutuas confianças!...

Naquelle tempo um pae

Deixava as filhas sós (umas crianças

De vinte annos, as vezes,

Quando um anno deitava quinze mezes),

Deixava as filhas sós... ia á ventura

Por esse mundo além,

Quem lhes fazia mal, antes do cura,

Quem?

Antes do santo cura dar de mão

A' choça do aldeão?

Tempos da boa fé! tempos patriarchaes!

Edade de ouro? Qual edade de ouro! Edade

Da humana confraternidade,

Quem se lembrava lá da vida dos metaes?

Vivia nesse tempo o sôr Miguel

Em doce regalo,

(Vida de leite e mel)

Na posse de um cavallo,

E um relogio de algibeira

Que melhor que o sol regulava

Como elle o gabava;

Quando vae, certa vez... la esquecendo,

O sôr Miguel tambem se regulava,

Com sua companheira,

(Quanta inveja me está elle mettendol)

A senhora Marianna,

Mocetona moreninha,

O seu tanto delgadinha;

Mas... casta como Suzanna

Coitadinha!

Como dizia,

Certo dia

Ao visinho Miguel o sôr Fabricio,

Homem de muito criterio,

Tirando a juiz de paz

(Que sabe honrar esse officio)

Nem prasenteiro, nem serio,

Assim entre o dous e o az...

Estampa em nosso tempo não vulgar

Um verdadeiro alvar;

Foi pedir emprestado

De uma só assentada

A mulher, o relogio e o cavallo,

Não sei p'ra que funecção.

Não fez o pedido abalo

Na boa fé do aldeão

Foi-lhe o despacho lavrado

De uma pennada:

—Como requer.

Naquelle tempo sim, quizera eu pretender,

Pedir não veixa a ninguem,

De mais a mais emprestado;

—Quem pede é porque não tem;

—Quem nega é que anda empestado.

Dizia n'aldeia

A' bocca cheia.

Dias depois, Fabricio devolveu

O cavallo manco,

A mulher desfigurada,

E, sejamos francos,

E tambem menos delgada,

Segundo a voz da malicia,

Que pelos casaes correu.

Do relogio, porem, boa noticia

Nunca mais sôr Miguel recebeu.

D'onde nasceu o ditado

Que ainda hoje voga tem;

Fique-se nelle assentado,

Escusado é demonstral-o:

Mulher, relogio e cavallo

Não se confia a ninguem.

Cousas de fazer desesperar um santo.

Charuto cansa-queixo.

Mosca impertinente a pousar no nariz.

Camisa sem botão.

Trinear pedra no arroz.

Bicho de pé que apparece na noite em que não temos phosphoros.

Ouvir limar os dentes de um serrote.

Montar depois de jantar bem, um burro com trote inglez.

Espinhas de peixe em banquete de cerimonia.

Espirro em noite de rendez-vous.

Pingo de rapé quando se está escrevendo.

Somma errada que não se acerta.

Cachorro latindo sem cessar fora de horas.

Batter debalde á porta vindo do theatro.

Finalmente, questionar com sujeito teimoso que embirra em chamar linha recta a isto —

Curiosidade archeologica.

Lê-se no *Jornal do Recife*:

«Tendo a camara do Crato officiado ás camaras das villas do alto sertão de Pernambuco, convidando-as a adherir a idéa da criação de uma provincia, que abrangesse o territorio do mesmo alto sertão e o do Cariri, a camara da villa Santa Maria (hoje Boa-Vista) respondeu nos seguintes termos:

«Illns. Srs. presidente e mais membros da camara municipal da villa do Crato. Accusamos a recepção do officio de Vs. Ss. de 24 de outubro proximo passado, e respondemos conforme as nossas prudencias e sentimentos.

«Corroborar com a sua sanção e geralmente da assemblea geral legislativa do Imperio é *inabrogada* deliberação?! Porem sendo *perfulcada* por nossas mutuas vontades, in-
trepidamente e com energia?

«Identificamos a Vs. Ss. que os nossos representantes da provincia jazem no estado sonoento, que não procuram nossas melhoras!!?

«Caso haja necessidade (como de facto) de crear-se novas cidades, seja contemplada a villa das Flores, que alem de commodidade é fructifera! annexando-se as duas villas de Cabrobó (Boa-Vista, Tacaratiú, e mesmo fazenda Grande; pois temos predilecção a nossa provincia: tão linda!! como fallada?! E ser uma das primeiras *ingidas* no solo brasileiro).

«Extranhamos por extremo Vs. Ss. *amasacrarem* o melindro dos chefes e magistrados deste continente!! Tratando-os de orgulhosos indolentes, immoraes!?

«Temos obrigação contrariar retrahindo de Va. Ss. esse mau pensar de maneira que os chefes e magistrados *dejaçentes* a essa (não são *perfeiconotado*!!) porem cumprem suas obrigações; e não é das suas intenções *frangir* o pacto social entre a nação e S. M. o im-

perador, e não vivem *prescuidando* aos povos com sofismas enganadores!?)

«Não são atterro a irrupção que lhes não compelem *provabilicidamente*; que nestes lares nunca houve movimento extraordinarios!!... Demais a mais afirmamos a Vv. Ss. que cumpriremos á risca a deliberação de S. M. e da Constituição.

«Deus guarde a Vs. Ss. por muitos annos.

«Imperial villa de Santa Maria em sessão de 16 de novembro de 1830.

«*Silvestre Affonso d'Assumpção*, secretario escrevi.

Antonio da Fonseca, Joaquim José da Silva, Antonio Delgado, Rufino Mendes, Manuel da Silva Torres, Gonçalo Pinto.»

Dois sujeitos attenciosos.

M. Luiz, jardineiro, morador na rua do Hospicio, entrava hontem, depois d'uma curta ausencia, em seu domicilio quando viu, com grande espanto, que a porta do seu quarto particular estava entre-aberta.

Empurrou-a; e achou-se diante d'um individuo com formas herculeas, que tinha arrombado os moveis; esvascado as gavetas e que mettia tranquillamente em um pequeno inrasso todas as preciosidades que encontrava.

Este colosso dispunha-se a ativar-se ao jardineiro. quando este tirando politicamente o seu chapéu, lhe perguntou:

—Não é aqui que mora o Sr. Luiz?

—Não, senhor,—respondeu o ladrão com a mesma politica; morou aqui, com effeito, mas agora mudou-se e mora n'esta mesma rua na casa n.º 17.

M. Luiz retirou-se agradecendo e saudando.

Fechou docemente a porta, tirou com cuidado a chave, e foi chamar a policia que agarrou o ladrão; na occasião, em que elle, depois de ter terminado de empacotar as joias, se dispunha a sahir.

Vicio e virtude.

Um mancebo de Tagliacozzo, que estava prestes a casar-se, resolveu expulsar seu pai, de casa para fora, e encerral-o em uma pequena casa de campo, com medo que a companhia do pobre velho desagradasse a sua joven noiva. Seu pai que tinha mais de cem annos, estava longe de ter forças para poder resistir-lhe n'essas condições; elle o montou em um tilbury e o levou para a pequena casa do campo na qual devia ser encerrado.

«Meu filho, diz-lhe o velho, en sei muito bem o que queres fazer-me; porem so te peço um favor, é de ao menos levar-me junto á meza de pedra que está no jardim.

O filho conduziu o velho pai até esse lugar, e quando lá chegaram, aquelle retor-
que-lhe:

—Muito bem, agora podes abandonar-me, por que foi aqui que outr'ora abandonei meu pai.

— Ah! meu bom pai, exclamou o mancebo, se eu tiver filhos, será aqui também que elles me trarão para me abandonarem?

Pensando assim elle tornou a conduzir seu velho pai para Tagliacozo, deu-lhe o melhor gabinete de sua casa, e o lugar mais distincto na meza do banquete, no dia de seu casamento. Deus o abençoou e elle viveu sempre respeitado por seus filhos.

Victor Rossi.

Modelo de requerimento.

Assevera-nos quem deve saber-o que o seguinte fóra lançado na caixa da secretaria da guerral

Senhora.—Diz Fulana de tal, Viuva que foi casada com o fallecido defuncto fulano de tal, Capitão Mor da bicha, ordenanças, ou chuços, como a *Vossa Magestade* mais conta fizer, que na vida do finado nunca a ella lhe faltou o precizo, e ao presente, pelas trapalhadas destas cousas que *Vossa Magestade* muito bem hade saber, se acha no ultimo aquartelamento da vida, sem ter nem para o seu tabaco nem para a bruxa da noute, que é o que as vezes ainda lhe custa mais que o pão; e como ella, e o seu defuncto, e todos os defunctos seus ascendentes, sempre forão vassallos mui legitimos, e lhe aborrece ver tanta miseria em sua casa,

Pede a *Vossa Magestade* seja servida mandar essa gente das cortes, ou do jury ou como é que se chama, que lhe paguem a mesalidade d'uma mesada mensal todos os mezes, que não seja menos de seis mil reis, que assim mesmo não é de mais. Assim Deos ajude a sua alma.

E. R. M.

Uma aposta fatal.

A mania dos inglezes pelas apostas foi causa recente de um tristissimo successo, acontecido em Londres.

Um marítimo subia pelo Tamisa na sua lancha, quando uma repentina refrega a foi sossobrar. O infeliz esforçava-se para chegar á margem.

Uma grande multidão se reuniu no caes e de repente empenharam-se varias apostas.

- Sabe nadar? diziam uns.
- Não, não sabe, responderam outros.
- Vae afogar-se.

—Não vae tal.

—Aposto dez libras em como se afoga.

—Dez libras, em como não.

No entretanto, dous barqueiros que tinham presenciado o acontecimento saltaram para os seus barcos e partiram da margem opposta em auxilio do infeliz. Poucas remadas mais, e alcançam-o e salvam-o; porem naquelle momento ouve-se do caes um grito geral que dizia:

—Fora! Fora! Ha aposta!

E a estas palavras sacramentaes, os barqueiros param e voltam para terra; e o infeliz afogou-se.

Epigramma.

Certo dia um pregador,
Ja na cadeira elevada,
Disse o thema; mas a peça
Ficou-lhe dentro engasgada.
Uma vez, e outra, e outra,
Na pobre testa bateu;
Mas de balde que a cachola
Nem por isso se rendeu.

Olha fixo os seus ouvintes,
Depois diz, fallando a estes:
«Senhores, eu vos lastimo...
«Que bella peça perdestes!!!»

Ignacio de Barros Leite.

ANNUNCIOS.

Cidadãos brasileiros!

Não tardando a raiar o dia anniversario da nossa emancipação politica, dia para nós de tanto jubilo e incommensuravel recordação pois que assignala feitos de verdadeiro patriotismo de nossos maiores, o abaixo assignado tenente-coronel do batalhão *Defensores de Pirajá*, encarregado de guardar no dia 5 de julho, os emblemas da nossa liberdade, fiado n'esse santo entusiasmo, convida a todos os Srs. que receberam cartas para officiaes do dito batalhão, e a todos os artistas que lembrando-se dos que nos deram este dia, queiram comparecer em sessão, no sabbado 4 de junho as 7 horas da noite no largo do Theatro n.º 87. Fazendo ao mesmo tempo sciente, que todas as despezas serão feitas pelo batalhão, sendo os ditos officiaes obrigados no dia a trazerem sua gente e apresentarem-se uniformizados, para cujo fim são convidados á reunirem-se em sessão.

Bahia 31 de maio de 1870.

Marcellino Coelho do Amaral.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª

QUARTA-FEIRA 8 DE JUNHO.

Ns. 655—656.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.º rs. por serie de 10 numeros; 2.º rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Brotas, chamando sua attenção para os factos tumultuarios que se dão em uma tasca pertencente a um tal João Valente, á rua da Valla, dessa freguezia.

A' noite é frequentada por gente desordeira e de má indole e converte-se em uma arena de assuadas, motins e bebedeiras, o que dura até pela madrugada, servindo demais a valhacouto de individuos suspeitos.

No domingo ultimo houve grande motim e pancadaria nesse asylo do vicio e da ociosidade, inquietando a toda visinhança. Espera-se que S. S. lance severas vistas para semelhante foco de perturbação do socego publico.

—Tudo anda desencontrado na cathedral.

—Nunca vi caiporismo assim!

—Parece praga!

Quando vão os conegos, faltam os musicos, quando vão os musicos falta alguma cousa!

—É' como casa de ferreiro da maldição.

—Domingo, dia em que a igreja celebrou uma das mais solemnes festividades, dia em que o Salvador do mundo realiso sua promessa de enviar-nos o Spiritio Santo, não houve musica no Collegio!

—Porem o que é certo é que todos os mezes sahe da thesouraria uma certa quantia para pagamento dos musicos da cathedral.

Mas como ninguem responde pelas faltas que commette, o desmazello hade continuar.

—Capitão, é notavel esta coincidencia.

—Pois diga la.

—Francisco Solano Lopez nasceu n'uma terça-feira; n'outra terça-feira subiu elle á presidencia do Paraguay, e n'outra terça-fei-

ra foi o dia de sua morte, e o que é mais, em terça-feira de entrudo e por mão do Xico Diabo.

—A Exma. Sra. D. Anna Ferreira Nery recebeu hontem a mais significativa prova de demonstração do apreço á suas virtudes.

Innumeras senhoras encorporadas, accompanhadas da corporação academica foram cumprimental-a em sua residencia.

—A mocidade sempre prompta á collocarse a frente de qualquer idéa nobre, não podia eximir-se de tomar parte em tão merecido tributo ao merito.

—Receba a modesta e charitativa D. Anna Nery a effusão com que seus patricios foram saudal-a como laurel de seus nobres e desinteressados feitos.

—Capitão, no becco das Quebranças, casa n. 67, ha um caboclo que aluga quartos aos voluntarios da patria, com o fim de comprar-lhes o armamento.

—E elles vendem; pelo que a thesouraria geral não quer pagar-lhes o soldo.

—Ah! já sabe disso?

Mas não acha V. Ex. que a policia deve intervir nesse modo de negocio, fazendo o especulador entregar o armamento aos voluntarios, ficando estes obrigados a restituirem o dinheiro pelo qual o vendeu?

—Que duvida!

—Acção indigna!

—Tão indigna como o ente mesquinho que a está praticando.

—Quem é aquelle couza ruim?

—O *Zé menino*, não conhece?

—Para mim é prazer não conhecê-lo.

Com que diabolica placidez se apraz o escarasco de amassar as faces do pobre preto com uma taboa, como si praticasse uma acção louavel!

—Que genio malevolol

Regozija-se como si se deleitasse com al-guns simples entretenimento.

—Com que riso escarnecedor vê o sangue

escorrer dos rebentados beiços do desgraçado. Com que ironica nota ludibria dos soffrimentos da victima!

—É preciso não ter sentimento de homem; não respeitar as leis sociais, para fazer garbo de acção tão vil, praticada publicamente no meio da rua, nos estaleiros da indolencia.

—Mas V. não está vendo? Como, quem passa, pára admirado para ver este novo invento de castigo, elle encara um dos circumstantes e fingindo dirigir-se ao escravo, diz:

«Eu não se metto o chicote em negro, como em mulato.»

—Mulato!... mas o que quer dizer mulato?...

É para que serve um branco tolo, ignorante, uma posta de carne, que, si por alguma cousa se distingue na sociedade, é apenas por um punhado de dinheiro que possui, Deus sabe como ajuntado?

Metterá o chicote em mulato, é verdade; mas no que tiver a desdita do ser seu escravo; pelo sensual appetito de muito branco de generoso que, relacionam-se com os escravos, tem a brutalidade de conservar os fructos de seus lascivos gozos debaixo do azorrague.

—Prato ou mulato, si elle tem para metter o chicote é pela desgraça do paiz que alimenta em seu seio a escravidão, para muito passador de moeda falsa, possuindo-os, legal-os a filhos torpes, estupidos e malvados.

—Pode ser que aquelle preto, que publicamente é esbofetado, nutra no coração mais nobres sentimentos do que o branco que a cada passo despele sua mão do casa para fora e o trata com desprezível desdem.

—Um acontecimento surpreendedor veio abalar o credito e sobresaltar a fortuna publica desta terra.

—Sei do que vae fallar.

—Diversos cidadãos, todos de fortuna, estão declarando pela imprensa que são victimas de uma arrojada especulação.

Com o desaparecimento de um negociante, abarrotaram na praça um enxame de letras, reputadas falsas, representando um valor subido de centenas de contos de reis.

Reina a desconfiança e a incerteza em todos os animos.

—Neste andar a cidade vae nadar n'um mar de firmas falsas.

—Ha sujeitos, cujas posses são abaixo de medianas, e se diz entretanto, que possuem sommas exorbitantes representadas nessas letras, sem declaração de onde as houveram.

—De muito credito devia gozar o tal negociante fugido para achar tanto abono!

—Dizem tambem que ha dellas algumas cujos vicios por demais grossieiros, á primeira vista d'olhos se reconhece a fraude.

—E a policia ainda não se moveu!

Por que ja não chamam os possiblereas de taes letras, para darem explicação da procedencia dellas, da legalidade com que foram transigidas, a ver si por esse ho conductor chega até o criminoso?

Não pode ser que nesse intrincado novella, haja quem figure de prejudicado, quando esta teja a rir-se interiormente, esperando ganhar cento por cento na tentativa?

—Tudo é possível nesta terra onde os ladroes são tão audaciosos.

—Si ha cousa, para a qual a policia deva seriamente convergir suas vistas, esta é uma dellas, por que a propriedade alheia não deve ficar exposta aos assaltos dos saltadores.

—É preciso tranquillisar os animos esombrados pela afouteza e desembaraço com que os empalmadores se arretracessam a bolsa alheia.

—Aqui, onde os testamentos e firmas falsas, as concessões e os recibos pullulam á cada canto, é preciso em nome da lei, dar um exemplo tremendo aos falsarios e falsificadores.

—Descubra-se a verdade e se pure-se o joio do trigo.

—Que desgraça, capitão.

—O que succedeu, homem de Deus?

—Hontem 6, ás 6 horas da tarde, uma das diligencias da companhia de Vehiculos, em viagem do Bonfim para a cidade, passou por cima de uma preta velha, defronte do subindo em que esteve o Hotel Brazil, na Calçada, deixando-a arquejante.

A' esta hora terá fallado.

—Coitadal! Deploro sua fatal sim e lastimo o pouco cuidado que ha continuamente da parte dos conductores e imprudencia dos transeuntes.

—A camara municipal mandou afornosar o Terreiro.

—A praça do Conde d'Eu.

—Ou isso.

—Qual é o afornosamento?

—Os assentos collocados em redor das atouros para o povo refrescar-se.

—Eu nunca vi maior porcaria. Para fazer aquillo antes nada fazer.

—Nada tambem lhe agrada!

—Visto não deitar cousa capaz, era melhor deixar como estava.

É para ficar quatro pans e pregar um taboa em cima, trabalho que duas pessoas

faziam á vontade, emprega um batalhão de gente!

— Tanto, não é demasiado, que estão á muito mais de quinze dias arranjando a cousa e ainda não deram cabo.

— Capitão, estou encolerizado.

— Sofreu alguma contrariedade?

— Não; mas estou escandalizado com a falta de attenção do homem sem coração que deitou pimenta nas nadegas do escravo.

— Foi uma acção barbara.

— Mas sabe o que fez depois?

— Não.

— O moleque fugiu; uma pessoa de consideração encontrando-o no lastimavel estado em que se achava, levou-o ao senhor e pediu-lhe que não o castigasse mais.

O descortez prometteu assim fazer; mas apenas a pessoa virou as costas, agarrou o coitadinho, e como visse que elle não resistiria a novos açoites, não por compaixão, mas pelo receio de perder o valor do escravo, castigou-o cruelmente pelo corpo e faces.

— Na verdade é nojento e baixo procedimento.

— Tão indecente desattenção da parte do bruto revoltou-me.

— V. não sabe que cada um obra acção de seu nascimento?

— Eis a fé e contricção com que aquelle sujeito volta de adorar ao Senhor do Bomfim!

— Puchando por um punhal e querendo ferir e matar a todos, aqui na Calçada.

— Que sarceiro!

— Quanta gente a presenciar!

— Menos aquella que é mais necessaria nestas alhadas. A que tem obrigação de moderar os turbulentos.

— Um homem so pondo uma rua em alarma!

— Quando Deus tirou-lhe uma perna, é por que viu que elle não era boa réz.

— Lê-se na *Opinião Liberal*.

«A' IMPRENSA BRASILEIRA. — Todos os jornaes desta cidade e das provincias, sem distincção de crenças politicas, tem applaudido e animado a propaganda civilisadora contra a escravidão.

«Não ha duvida que este procedimento faz honra ás illustradas redacções dos jornaes brasileiros.

«Todavia a imprensa, pharol que na vanguarda dos seculos espanca as trevas da barbaria, pode e deve mesmo concorrer com mais efficacia em auxilio desse bello e gran-

dioso movimento emancipador, que vae por todo o paiz.

«Ja não queremos que combatam energicamente esse crime, de cuja tolerancia somos todos os brasileiros cúmplices; basta-nos um procedimento mais prudente, indirecto e todavia do grandes resultados:

«— Basta que todos os jornaes, diarios ou periodicos, desta côrte e das provincias, recusem publicar em suas columnas vendas, arrematações, alugueis, quaesquer annuncios ou editaes tendentes á auxiliar esse horrivel commercio de carne humana, e bem assim os annuncios para apprehensão de escravos fugidos.

«Quando o legislador brasileiro cobriu a face de envergonhado e mandou que cessassem os pregões e leilões de escravos, não é a imprensa, o fanal da civilisação, que ha de empunhar o martello e repetir os brados consternadores que o pudor publico comprimiu nos labios mercenarios do leiloeiro de escravos.

«Cesse tambem a voz da imprensa brasileira de apregoar a venda do homem pelo homem.

«Não aceite ella a participacão que o legislador reputou indigna no leiloeiro e no official de justiça porteiro dos auditorios.

«Ao menos, assim, já que não o somos, pareceremos civilisados aos olhos do mundo europeu, e daremos um grande passo na regeneração do paiz.

«Encaminhando este convite, a *Opinião Liberal* confia que elle será benignamente acolhido pelas illustradas e muito dignas redacções de todos os jornaes, assim da côrte, como das provincias.

— Lê-se na mesma folha:

POESIA

recitada pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho no dia 6 de maio por occasião das felicitações em casa da Sra. D. Anna Ferreira Nery.

Foste heroína—ao fogo das batalhas
Brilha o teu nome—eterna claridade!

Foste heroína—embora entre guerreiros,
Curva-se o genio da guerra á charidade.

Foste heroína—ao serenar de angustias
Ergueste á gloria os immortaes tropheus!
De cada lagrima que apagaste aos bravos,
Mais uma estrella se accendeu nos ceus.

Foste sublime—ao leito de agonias
Quando chegavas—se mudava a sorte...

«Ella é a morte?—» perguntava a vida,
«Ella é a vida!—» respondia a morte,

Foste sublime—dos cruceis despojos
Que a luta deixa na campina extensa,

Senhora sempre, os entregaste á patria,
A' patria afflicta nessa dor immensa.

Eram soldados semi-mortos, lividos,
Que a custo erguendo-se do ensanguentado chão,
Vinhão pedir-te p'r'as feridas —balsamo,
Como o infante que mendiga o pão.

E déste as graças de teus cofres, todas...
Em mil enfermos, mil soldados novos...

A' charidade p'ra que servem *titulos*,
Se tem por throno o coração dos povos?!

Foste heroína —ao serenar de angustias
Ergueste á gloria os immortaes tropheus!
De cada lagrima que apagaste aos bravos,
Mais uma estrella se accendeu nos ceus.

Quanto soffre um amo.

Quero hoje dar um alegrão aos senhores amos, para não deixar muito ufanos aos senhores caixeiros, que tanto gostaram de ver descriptos seus soffrimentos.

Um amo!... oh! coitado do amo, que engole tantas mentirosas pilulas como verdadeiras, que é bigodeado, massacrado, enfezado, e até não poucas vezes reduzido a miseria por seus caixeiros! Coitado!

O amo pode affligir-se, pode zangar-se, pode ter a necessidade mais urgente: o caixeiro nem se aballa; está, quando muito, calado para não levar algum grito, e muitas vezes lá no fundo de seu coração se está rindo das afflicções do amo, e até, vingando-se nelas de alguma offensa que tenha contra elle.

Ha entre o caixeiro e o amo uma guerra declarada: o amo pode sim gostar do caixeiro; mas o caixeiro raramente gosta do amo, pois que mais experiente, não quer que elle fume, que va ao baile de mascaras, e tenha cavallo de estribaria. Pela mesma lei, por que o moço extravagante não gosta do velho conselheiro, o caixeiro tem raiva do amo.

E tanto é assim, que no contar do dinheiro, o caixeiro nunca se engana a favor do amo; no ajustar das contas, ainda que o amo seja muito esperto, o caixeiro tem sempre saldo a favor; pois quando elle não apparece nos livros da escripturação, já está em seu bahú bem acondicionado.

E que me dizem do que soffre um amo, nas escapulas dos caixeiros? Entra um amigo do amo no escriptorio ou loja; o pobre amo se entretém n'uma conversa, e o caixeiro que não perde vaga e anda mais alerta do que uma sentinella avançada, vai se esgueirando e lá foge a comer um pastel na confeitaria, ou a jogar uma partida de bilhar.

Um dia, e em um dia em que o amo muito necessitava do seu caixeiro, lá chega uma parte de doente, e muito encommodo do cai-

xeiro que não pode descer ao escriptorio, e que está bem fresco em alguma patuçada rindo-se do amo!

Um caixeiro é o homem mais achacado que se conhece; pois para as escapulas é necessario que padeça sempre de dores de cabeça, sangue pelo nariz, dores de dentes, e outras cousinhas que servem de desculpa a escapula.

Ha outro genero de escapulas em que o amo conhece que é embaçado; mas que não tem remedio senão roer em silencio a sua raiva.

Eil-a:

—Sr. José, vá ali no escriptorio do Williams, e me saiba si elle tem madapolões bons para se aviar aquella receita. Vá depressa, um pé lá, outro cá.

—Sim senhor responde o Sr. José; bota o chapéu na cabeça, e lá se vai.

O amo lhe disse que fosse depressa; mas a recommendação ficou esquecida, e o Sr. José conversa com os outros caixeiros que encontra, vai beber seu copo de refresco, diz sua pilheria, e leva boa hora primeiro que venha para a loja, onde entra muito fresco, sem dar cavaco: com tudo reparou sempre para a cara do amo, e já está de mentira prompta, no que são insignes todos os caixeiros.

—Ora, Sr. José, uma hora para ir ali! O Sr. apura-me a paciencia!

—Senhor, o escriptorio do Sr. Williams estava fechado, e eu tive de esperar.

—Por que não se veio embora?...

—Eu julguei que não fazia mal, e Vm. nada me disse.

E o amo não tem remedio sinão calar-se e contentar-se que o mal de muitos consolo é.

Entre os caixeiros ha uma praxe muito seguida. As suas despezas extraordinarias devem ser feitas a custa dos amos. Si o diabo lhes metteu em cabeça de ter uma moça, então deixam de entrar para a gavetá, o importe de algumas varas de algodãozinho.

Si tiveram uma tentação de jogar e perderam, então uma conta se cobra, cuja importancia o amo não vê, e cujo cre lor jamais é achado em casa, e passa por caloteiro. Um doce que se come na ausencia do amo, é por sua conta: uma chicara de café é inda por sua conta.

Isto são cousinhas pequenas, não fallando quando o caixeiro se deixa persuadir que deve enriquecer logo, e que seu amo bem pode contribuir para a execução de uma tal persuasão.

Para os caixeiros é um tempo precioso, aquelle em que o amo adoece.

Então ficam amos, e tiram seu ventre de miserias: si são caixeiros de loja, não ha conhecida que não tenha as suas varas de cassa, não ha parente pobre.

Si são de escriptorio, então as chaves eriam ferrugem, por que elles ali não põe os pés sinão por fructa.

Da classe dos caixeiros, nenhum ha que tanto massacre o amo, como sejam os das casas de melhados.

Namoram a custa do vintem de manteiga, e da meia libra de bacalhau.

Como tem estes caixeiros gosto muito es tragador e corrompido, se derretem de amores por deidades muito precisadas. Sempre é a filha de Jerusalem que lhes mora em frente, sempre é alguma cousa ruim, que lhes retribue o seu amor, a custa da meia libra de bolaxinhas americanas, do vintem de azeite de mamona para a luz.

Ora um vintem d'aqui e um dez reis d'acólá, acabam por derrotar o amo, e obriga-o a desistir do negocio, amaldiçoando o.

Pois si e armazenem, venda, ou casa de molhados, cujo dono não pode estar a testa! oh! o dia em que se abrem as portas, é a vespera de se feixarem, por que o caixeiro de nada cuida, e leva os dias a trocar palavras, e aos empuchões com as freguezas que lhe vem comprar alguma cousa, e principia logo a criar galos debaixo de algum canistrel vazio de louça, e á botal-os-para brigar.

Coitados dos amos! soffrem, o que ao demo esqueceu, dos caixeiros.

O bonito porém no meio de tudo isto, é ver, quando algum é lançado fora, e está desarranjado, a innocencia que proclama, os trabalhos que allega, e o que padecia de seu amo, que não reconhecia nada d'isso, e que despedindo-o, assim é que lhe pagou todos seus valiosos serviços.

Não ha caixeiro que tenha consciencia de suas agencias.

E quando o caixeiro encontra certas amas para o deffenderem das accusações dos amos?

Aqui o leitor que julgue quanto soffrerá o amo do caixeiro.

E' uma infelicidade o ter caixeiros!

Agora, entre as duas classes soffredoras, qual soffre mais?

Não quero decidir, cada qual que julgue

A PEDIDO

—Capitão?

—Que viu?

—Qual a classificação do pae, rico, que

tendo dous filhos, ambos legitimados, a um dá esmerada educação, confia-lhe a direcção e uso-fructo dos seus bens, e ao outro entrega ao mais desprezível abandono, sujeitando-se o infeliz para não perecer á miseria, a trabalhar de servente de pedreiro, por que nem um officio lhe mandou ensinar?

—E' preciso saber as razões que para isso influem.

—Queixas contra a mãe.

—Então é um pae desnaturado, por que vingase no filho das offensas que tem da mãe.

—E depois diz que espere por sua morte para herdar.

—Está bem boa essa!

Ja elle sabe quem hade morrer primeiro. E em quanto não morre, o filho que vá soffrendo necessidades e alimentando-se de esperanças.

—E desejando a morte de quem lhe deu o ser, unico meio de safar-se da miseria.

—Deus fez gente de todo calibre!

—O guarda do chafariz da Baixa' dos Sapateiros espancou uma rapariga.

—O motivo?

—Questões por causa d'agoa.

A rapariga foi tirar um caneco d'agoa, elle não consentiu; uma preta, do barril que tinha comprado, deu um pouco d'agoa áquella.

O homem tomou isso como affronta e desabafou-se lançando mão dos meios extremos.

—E' sem razão.

—Foi como me contaram.

E accrescentaram que as quitandeiras tomando o partido da companheira espancada, abriram a bocca em cima do homem e contaram a historia de um troco de cobre por papel todas as tardes.

—Capitão, capitão, capitão!

—O que tem, que é isso que succedeu?

—V. Ex. não sabe, não viu?

—Que historia é esta? Não viu e não sabe o que?

—O *frei Rufino* comprou um revolver.

—Para que?

—Disse que vae desafiar para um duello um sujeito que deu-lhe umas chibatadas.

—Pois um covardo daquelle, desmoralizado da maneira porque foi pelo *Albergaria*, vae lá desafiar ninguem para duello!

—Capitão, eu o vi carregando o revolver dentro da cella.

—Si V. o viu dentro da cella carregando o revolver, não é então para um duello e sim para....

—..... algum crime que elle doseja commetter.

—Sim, um assassinato, por exemplo, meio porque se vingam os covardes.

—Um frade assassino!

—Aquillo é uma onça, é capaz de comel-o vivo!

—Safa.....

—..... do bicho!

Quem me dera.

Quem me dera ser o espelho,
Onde vaes teu rosto ver;
O cestinho de costura
Quando á tarde vaes cozer.

Quem me dera ser o gato
De teus mimos objecto;
O papagaio inquieto
A quem daes tão meigo trato.

Que me dera ser o pente
Que teus cabellos enfeita;
Ou a voz do passarinho
Que teus ouvidos deleita!

Quem me dera ser o prato,
O garfo, a faca, a colher,
O copo onde vaes beber,
A saia, o chale, o sapato.

Em vez de ser, como dizes,
Um solitario poeta,
Quizera ser o alfinete
Que em teus vestidos se espeta.

Mas eu não sou nada disso,
O meu desejo é baldado;
Sou um lorpa desgraçado,
Um toleirão sem toutiço.

VARIÉDADES.

Os jogadores.

Um jogador, tendo perdido em certa occasião, além de outras muitas, uma avultada quantia, ao chegar a sua casa fez com carvão uma grande cruz atraz da porta de sua alcova, e jurou que, por aquelle symbolo sagrado nunca mais havia de jogar. Passou-se com effeito algum tempo sem que elle jogasse; mas pouco a pouco foi-se inclinando, e uma noite, chegando elle á casa de um seu conhecido, encontrou ali uma grande reunião de pessoas que jogavam cartas, e indo a sentar-se também á meza lembrou-se da cruz e do juramento que havia feito e exclamou:

— Ah! diabo! isto é horrivel!

— O que aconteceu? perguntam-lhe.

— Deixei a vela accesa atraz da porta, e vou apagal-a, até logo. Voltou a casa imme-

diatamente, foi ao pote d'agua, e começou a lavar a porta até desfazer a cruz, fallando comsigo mesmo: — Meu Deus.... o dito por não dito; esta cruz é de carvão e não foi feita com devoção. Acabado isto, dirigiu-se novamente á casa do jogo, e sentando-se á meza disse. «— Agora sim, estou fresco, posso jogar desembaraçado. N'essa noite perdeu elle mais que nunca.

— O' diabo, sem vergonha! exclamou elle furioso, dando-se na cabeça com toda força. Bem me disse meu compadre, que eu ja nasci com o baralho na mão, cheio de oitos e noves e que acabarei desgraçado e desconceituado.

Accusação injusta.

Pela estrada publica caminhavam dous frades em direcção a uma aldeia onde iam pregar.

Um delles montava um soberbo cavallo, ricamente ajaezado e o outro era levado por um esganicado e lazarento sendeiro.

Questionando sobre as cousas de Deus não repararam as duas entidades fradescas n'um extenso rio que lhes ficava na frente.

— Como passar este rio? disse o mendicante ao seu companheiro que lá na margem d'alem ria do pobre franciscano.

— Fustigae o jumento, irmão, e assim podereis passar a salvo como eu.

O pobre frade em colicas e ancias arremetia furioso a esfollada barriga do seu burro, que a corrente pouco a pouco ia arrastando.

— Recorra ao Santo Nome de Jesus, irmão.

O franciscano sentiu faltar-lhe o burro debaixo das pernas, tremeu de raiva!..

— Nem sequer me falle em Jesus, irmão.

Sorriu-se o outro frade e aproveitou-lhe a phrase.

Chegaram finalmente ao seu destino e o filho de S. Ignacio, que a levava fisgada, foi logo direitinho ao vigario geral a recomendar-lhe o franciscano como herege, pois renegava o nome de Jesus.

Benzeu-se o santo varão, e mandou incontinenti chamar o franciscano.

— De mau christão o accusam, irmão, que renega o nome do Filho de Deus. Veja se tem alguma cousa que allegar em sua defeza?

— Nego a accusação, respondeu o mendicante, com toda a placidez de espirito.

— E' porque o irmão não se lembra que ao passar um ribeiro, onde por milagre não ficou afogado, disse que nem em Jesus lhe fallassem.

— Recordo-me perfeitamente, e também da razão porque o disse, quando o nome ineffavel do verbo Eterno é proferido, até os irracionaes ajoelham reverentes; e na critica po-

sição em que me achava, quo seria de mim se pronunciasse o Santissimo Nomo de Jesus e o jumento ajoelhasse?...

A justificação valeu e o santo varão ficou com a cara a uma banda.

Bons conselhos.

Nunca te esqueças de ti, porque os outros de ti se não lembram.

Nunca sejas tolo para ti, e do juizo para os outros.

Foge de mulheres si queres ser homem por mais tempo.

Come do melhor, para que o medico te não visite a miudo.

Come pouco se queres comer por mais vezes.

Não logres na razão a besta em que andares, porque te logras a ti, se te deixa no caminho.

Corteja a todos para seres cortejado.

Não sejas casamenteiro, porque quem casou mal, diz que mau fim tenha quem lhe fez o casamento, e quem casou bem, não te agradece.

Não jogues amiudadamente, para não perderes cinco cousas, tempo, brio, amigo, dinheiro e paciencia.

Mas si jogares, não contes com o que ganhares, sem calculares o que tens perdido.

Não apalpes em casa de ferreiro, nem peças em botica bom mercado.

A's bôdos do teu amigo vai rogado; porem aos seus contratempos vai voluntario.

(A. P.)

⊕ passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

(Continuação dos ns. 653—654.)

N'outro mausoleu escutei as seguintes phrases:

«—Não fui mais feliz que esse miseravel, ainda que fui rico e não avaro.....

«Passava, é verdade, os dias a calcular aonde estariam seguros os meus dinheiros e de que maneira os poderia accrescentar; mas gastava com profusão quando era mister mostrar generosidade, ou quando se tratava dos meus prazeres. Prazeres!... não os havia para mim. A alma humana, explica Alexandre Magno chorando por não ter mais mundo para conquistar—nada do que possuímos é aquillo que nos contenta. Um homem opulento deve ser grave e imperioso; e para melhor o ser, olhava pouco para meus filhos e raras vezes os via e nunca os acaraciava: por isso me olharam elles primeiro como um estranho e como um inimigo depois, quando

lhes não dava todo dinheiro que lhes era mister para corromper muitas mulheres; estafar muitos cavallos e jogar com todos os pelotiqueiros.

«Apezar do muito que me custou a educação de meus filhos, elles apenas aprenderam a bem se vestir e entrar em uma sala de baile. Isto succedeu, não por elles serem necios; mas porque sendo eu um homem de grande riqueza e distincção, não me ficava bem olhar para a educação de meus filhos (e sim para a sua fortuna, que todos os dias augmentava) e seus mestres não olhavam para elles como a seus subordinados, porque isso seria falta de respeito a mim e aos meus; antes meus filhos conheciam que seus pedagogos e mentores eram seus dependentes. Como meus filhos tinham aprendido o trato social, quando a morte lhes fez a vontade e me levou deste mundo, elles se vestiram de luto, privaram-se quinze dias de irem aos theatros, á não ser disfarçados, e me fizeram umas sollemnes exequias, á que convidaram todas as pessoas que podiam dar lustre a funcção. Amigos e inimigos, conhecidos e desconhecidos, foram rogados a alumiarem-me para que me não enganasse no caminho. Mandaram meus filhos edificar-me este tumulo que os honrasse e muitas vezes ordenam a seus lacaios de virem pôr-me corôas de flores, o que estes mercenarios, rindo e dizendo chufas, cumprem á pressa, para irem vagar a outros negocios de mais monta.

Tambem em paga, são meus filhos olhados como o typo do amor filial.

(Continúa.)

A compra.

Encontraram-se na mesa redonda de um hotel tres agentes viajantes de casas commerciaes.

Entabolada entre elles a conversação, disse o primeiro que agenciava vinhos, outro que procurava sedas, e o terecero narizes.

—Narizes! exclamam todos. Como narizes?

—Nada mais simples, respondeu, onde encontro narizes que servem á nossa casa, compro-os. E agora noto, disse, voltando-se para um dos companheiros, tendes um magnifico nariz que me convem. Offereço-vos por elle 1,000 francos. Só terei direito ao vosso nariz depois da vossa morte.

Concluiu-se o negocio; o feliz possuidor do nariz recebeu os mil francos, sujeitando-se a pagar uma duzia de garrafas de champagne si se arrependesse do negocio.

Acabado o jantar, ao aconderem os charutos, o comprador do nariz chega se ao vendedor com uma tenaz vermelha do quente, e com

a maior civilidade diz-lhe, approximando-lh'a do nariz:

—Perdoae, senhor, é estylo nosso marcar-mos a mercadoria que compramos.

Comprehende-se que o negocio desmanchou-se logo, e que o dono do nariz teve de regalar os circumstantes com as 12 garrafas de Clicôt.

Um desagradavel achado.

Dous amigos passeavam no campo, e um cão os acompanhava. O dono do cão assegurava que não existia animal mais sagaz, mais esperto que o seu cão.

Dito isto, atira por entre o capim uma moeda de ouro, e volta logo á cidade visinha com seu amigo e seu cão.

—Vae, diz elle de repente:

Vamos, ligeiro! busca, busca o que perdi!

Veloz como o vento, o cão se atira fora das portas da cidade. Suas orelhas agitaram-se como si fossem azas, e breve estava no bosque; mas havia sido precedido por um alfaiate que estava em viagem.

Este, deitado sobre a relva, vira luzir a moeda, e dando graças á sua boa estrella, tratou de guardar seu thesouro.

Chega então o mensageiro, arquejando, e seu maravilhoso olfacto lhe revelou logo a moeda da moeda.

Um cão estúpido teria vivamente ladrado contra o alfaiate; mas este não, pensou elle comsigo:—a dissimulação é agora necessaria no mundo.

Em consequencia festeja o alfaiate, como conhecido velho; e para lhe dar um penhor de sua felicidade, lambe-lhe a mão com uma fingida ternura.

—Ah! que excellente estrella é a minha? Que bello e novo achado! exclamou o alfaiate; e acariciando o cão fez com elle pacto de amizade.

Ao pôr do sol, dirigiram-se juntos para a cidade, e comeram na estalagem, no mesmo prato.

Depois o viajante pôz-se a dormir em plena segurança, pois que o seu Jonathas ao lado de sua roupa montava guarda rigorosa.

Infeliz alfaiate! O edificio de sua confiança não repousava senão sobre a arcia! Ao despontar do dia o cão roubou a calça do viajante.

Vôa, e traz para seu senhor o fructo de seu roubo. O involucro era pessimo, mas o miolo era bom, a moeda estava na algibeira da calça.

Cheio de espanto e de colera, o alfaiate atira-se fora da cama, e lembrando-se do bem que perdera, dá franca sahida as suas lagrimas.

—Ah! diz elle, essa peça é nova. Estúpido que sou! confesso que até o presente eu não vira a velhacaria sinão sobre dous pés.

Mas este dia de sombria desgraça grava em meu espirito a seguinte verdade:—aude sobre dous pés, ou sobre quatro, o bajulador é um velhaco.

—A polvora, diz um sujeito em uma palestra scientifica, é de invenção moderna.

—Como, interroga outro, si já no tempo de Virgilio usavam os romanos de armas de fogo?

—Os romanos? está enganado, enganadissimo.

—Qual enganado, nem enganadissimo! pois Virgilio não diz: *Arma virumque cano?*

—E a que vem isso ao caso?

—E' que no tempo do poeta, ajunta o latinista, já so fallava de *armas de vareta e cano*, que não são senão as de fogo.

Uma descarga de gargalhadas applaudiu a nova interpretação.

Resposta torta que indirecta.

Andava uma velha muito lépida tratando de um negocio que não via caminhar, e obtendo audiencia de D. João III enviou-a este para a mesa da consciencia.

Passaram-se dias ou semanas, e o negocio emperrado não sabia do tribunal. Tornou a velha á presença do rei; requereu de novo e D. João III respondeu-lhe que já a tinha remettido para a mesa da consciencia.

—Mande vossa alteza a consciencia ao demo, que sempre está fechada! exclamou a pretendente.

El-rei gostou da boa saida da velha e disse-lhe:

—Pois filha, abramol-a! e despachou-a.

Satisfação.

Um valentão das duzias, tornou a levar umas pancadas, com que havia muito tempo o tinham ameaçado.

Agora estou contente, disse elle, pois vejo-me livre do susto.»

Epigramma.

Um tolcirão motejava
De um certo sabio que tinha
As orelhas muito grandes,
Como a homem não convinha.

«Assim mesmo—diz o sabio—
«Notai que fallo e não zurro;
«E vós zurraes, mas as tendes
«Mui pequenas para burro.»

Ignacio de Barros Leite.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.^a

SABBADO 11 DE JUNHO.

N. 657.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1,5 rs. por serie de 10 numeros; 5,5 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
10 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. inspector da repartição aduaneira. afim de que advirta ao chefe da 3.^a secção, *frango creme*, para que, estando no exercicio de suas funcções não se ponha a ler jornaes, demorando assim as partes, o que nunca se deu no tempo do ex-ajudante *S. Paio V.* E como disto resulta não só prejuizo a fazenda publica, bem como graves complicações aos interesses commerciaes, espera-se que S. S. dará as devidas providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, participando lhe que na *Jaqueira*, ao *Buraco de Sinhá Anninha* vão diversos individuos com a maior cara-dura, banhar-se nus em pello, á qualquer hora do dia.

Sendo semelhante procedimento uma falta de decencia, prevista pela postura municipal n. 80, espera-se que S. S., por amor a mesma decencia, faça executar restrictamente a mencionada postura, no que diz respeito aos taes individuos.

—Assim como ha males que vem para bem, ha melhoramentos que atrazam.

—E' a lei das compensações, meu rico.

—A empreza actual do cisco em vez de beneficio causa males.

Antes della o lixo não andava amontoado pelas ruas.

—Estou gostando de lhe ouvir discorrer hoje.

—O homem do cisco não dispõe de meios, habilitações e actividade para desempenhar a tarefa de que se encarregou e tudo anda de mal a peor.

—Pois olhe; o barão de S. Lourenço que é mais authorisado que V., affirma e bate pé do contrario.

—Elle affirma com palavras, talvez por pena ou affeição ao homem, emquanto eu nego com factos.

A rua das Pincezas, na cidade baixa, é a primeira.

—Incontestavelmente.

—Pois a primeira rua do commercio está em estado de porcaria, não se varre.

No largo da Conceição encostado as grades do arsenal, ha montões de lixo; a rua do Celheiro é um monturo, sem tirar nem pôr; ali podem gerar-se crocodilos e varijeiras.

Ora, á vista do conteudo, diga-me si eu fallo atôa?

—Não, não; suas palavras tem muito peso.

—Capitão, uma curta e breve historia.

—E que interesse.

—Duas velhas, muito velhas, possuam uma casa soffrivel na qual habitavam; mantinham-se do producto de rendas que cosiam.

Um certo zangão, desses que vivem farejando onde ha viuvias que tenham de seu, e pessoas decrepitas sem decendencia, para encartar-se, tomou o cheiro a casa das velhinhas e metteu-se a protector dellas.

Conseguiu em pouco tempo fazel-as mudar-se para uma casa de menos valor, dizendo que o aluguel, que rendia a dellas, dava para pagar a em que iam morar e ainda sobrava alguma coisa para as suas despezas.

—E' um dos mais difficeis obstaculos a vencer o coseguir fazer gente velha resolver-se a mudar da casa em que habita ha muitos annos.

—Continuou o melcorio a inculcar-se de bemfeitor das mulheres; mas o beneficio consistia em receber-lhes o aluguel da casa, cobrar-se do aluguel da em que ellas moravam e entregar o resto com alguma coisa pouco mais; fazendo assento do que dava como despeza feita por elle com o sustento das velhas, de sorte que estas em pouco lhes deviam avultada quantia.

Lançou mão da propriedade das mulheres e mandou alevantar um soberbo edificio, de que hoje é dono.

Uma das velhas morreu e a outra existe ainda, a qual continua a ser soccorrida pelo

eujo, provando elle com isso que é uma *boa e compassiva alma*.

—É por meios taes que da noite para o dia improvisam-se fortunas!... é adquirindo por esta forma se consegue accumular.

—Dizem que um sargento de policia levou uma horrivel navalhada?

—E' exacto; no dia 9.

—Como foi isso?

—A creoula Constança, moradora á ladeira do Saboeiro, na quinta feira, pela manhã, despejou um ourinol de trampa na porta de uma adversaria, diz ella que em represalia por ter recebido equal ultrage.

—Disforço injustificavel.

—O policial Osmo Pedro, passando depois, e vendo-as em contenda de palavras, prendeu Constança, que oppoz formal resistencia, a ponto de atirar o policial ao chão, tomar-lhe o bonet e pôr-se em fuga.

Dous soldados prenderam-na de novo um pouco adiante e ella continuou a resistir.

Passando nessa occasião o sargento João José de Freitas, empregado na secretaria da presidencia e vendo os companheiros de praça em taes apertos, pois que a mulher sosinha lhes fazia dar agoa pelas barbas, tomou parte no conflicto e passou a esbofetear excessivamente a Constança, a qual saccando do bolso uma navalha retalhou medonhamente a cara do sargento.

—Oh mulherzinha estabanada!

—Constança ficou tambem muito espancada e com diversas contusões provenientes das refadas que levou.

—Mas não dizem que é prohibido os soldados usarem dos refes?

—Então quer que o soldado seja espancado sem se defender?

—Porem V. disse que o sargento esbofetou-a primeiro e, sendo ella uma mulher livre, não está no caso de receber semelhante ultrage.

—Concordo; mas primeiro atirou ella o soldado ao chão.

—Com o que o sargento não tinha que intrometter-se e, quando interviesse, devia ser por meios legaes.

—Os dous soldados quando viram o sargento ferido um correu e o outro pôz-se ao largo.

—Manicacas!

—Constança afinal foi conduzida á presença da authoridade que procedeu as formalidades da lei.

—Está isto uma embrulhada inconcebivel!

Vae todo mal da maneira porque se fazem as cousas aqui.

A mulher, a principio, não tinha sido encontrada em flagrante, portanto não podia receber a voz de presa e, a dar-se, devia ser tanto a uma como a outra; logo que o policial Osmo não fez isso, não andou em regra; obrou com parcialidade.

—Sr., Constança já é conhecida por seu genio rixoso.

—Quando é provocada; eu tambem conheço-a; é uma infeliz, que, de mais a mais, não regula bem da bola.

—Diabo leve a falta de sizo que dá para ferir os outros.

O que ninguem pode negar é que praticou um crime.

—Concordo; porem com suas attenuantes.

A regra de proporção.

(Continuação do n. 298.)

Vemos lorpas bachareis viverem de assignar papeis e razões de rabulas, e muitos mesmo sem as lerem, porque não as entendem, e quasi írem á cadeia e serem suspensos, por falta de regra de proporção; porquanto, si consultassem sua vocação propria seriam melhores alfaiates e optimos sapateiros.

Vemos medicos e cirurgiões desacreditados e mal vistos. curarem todas as moléstias com um unico remedio e fazerem operações extemporaneas e mal cabidas, por falta de proporção nos remedios apropriados ás moléstias, e operações apastadas em certos casos.

Vemos sacristães robar em as alfaias e mais objectos da egreja e assim andarem enganando os pios devotos, que lh'as ministram. por falta de proporção, sem terem em vista depois a vergonha e desarranjo e mais que tudo o triste epitheto de ladrão nas costas, como neste numero muita gente boa entrada tem e muito franca.

Vemos pobres militares perderem a maior parte de seus vencimentos, para locupletarem os rebatedores ou uzurarios de suas bolsas e depois andarem perdidos, por falta de proporção.

Vemos prelados mal governarem suas dioceses, por entregarem-n'as de boa fé a certos bigorrilhas e bilhostres. para venderem as vigararias, e fazerem vergonhosas sermônias na classe sacerdotal, para assim desacreditarem aquelles, em cujo nome se fazem estas transigencias, por falta de proporção. pois si aquelles bem pensassem, deviam tirar de si estas sangue-sugas e harpias.

Vemos homens casados consentirem suas mulheres com toda liberdade aceitarem presentes e retribuirem, sem indagarem d'onde lhes vem e vão, por falta de proporção. Os que assim obram são testas de muros, e in-

capazes de todo o qualquer vislumbre de vergonha.

Vemos filhos familias ricos gastarem deseneadernamente, para satisfazorem seus vicios e ganharem a opinião de outros seus amigos aduladores e desfructadores do seu, enquanto o tem, e ao depois os desprezarem, por os terem bem depenado, por falta de proporção.

Seria um nunca acabar, e nunca esfriar a musa. quer em prosa, quer em verso, quer em rima, quer em pés quebrados, quer em monosyllabos, si nós quizessemos nos tornar verdadeiros criticos do tempo, pois que si mais mundo houvera lá chegara, ou como Alexandre o grande que chorava pelas barbas a baixo, por lhe dizerem os geographos, que ainda havia mais mundo a conquistar, pois que tal era a sua ambição, que desejava, como pirata, tudo vencer.

Não, não prosigamos; façamos como os cossacos, que ligeiros cortavam as bridas da cavallaria do grande Napoleão, atacando-os de improviso, e depois se retiravam; assim façamos nós, temos discorrido o dito quanto convém, e é preciso.

Até mais tarde que não será longe.

A PEDIDO

—Não entre ahí, arrede-se.

—Dê licença; vou urinar.

—Não pode.

—Então para que é que a companhia Bahiana estabeleceu esta cloaca aqui na ponte?

—Não sei; indague. O que lhe digo é que não pode urinar.

—Está bem, fiço-lhe a vontade; quando um não quer, dous não brigam.

Precisa-se saber quaes são os officiaes que foram chamados para completar o corpo de policia, por que ainda continuam os provisórios arrastando as espadas pelas ruas desta cidade, sem terem prestado serviço algum, so sim recebendo o soldo; em quanto estão de fora os que expozeram suas vidas no campo da guerra, bem como alguns do 41, que por 5 annos affrontaram a morte e as privações.

Basta.

—Sr. *Folô*, abra os olhos.

Não se faça de peteca, do contrario um meninorio com partes de *gonçalo* passa-lhe a bola.

Para exhibir uma serie de pestanejos sem rebuço, faz das suas costas *alvo*, quando as vê voltadas, o novo *Guimar*; *cim*, ouviu?

Depois lho diremos em que consiste o espectaculo.

VARIÉDADES.

○ passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

(Continuação dos ns. 655—656.)

Passei-me á outra campa humilde, que em vez de marmores e flores era coberta da relva dos campos. Senti que o seu morador dizia:

«—Assim como me vês desprezado e esquecido, ja fui festejado e bem quisto. Era mau cidadã; mas as minhas riquezas me faziam sombra. Meus defeitos e vicios eram apregoados por perfeições e virtudes. A minha prodigalidade se chamava generosidade de principe; ao meu mau genio—espirituosa vivacidade; aos meus caprichos—interessantes celebreiras. No tempo dessa minha veia de prosperidade, quando os meus amigos enchiam o meu palacio, um delles fez a traducção de uns versos de Ovidio. (Creio eu, mas não o juro, pois das lettras so sabia o preciso para ler o escrever cartas de convites e de amores, e jamais occupei o meu tempo com aquillo que eu chamava sonhos do poeta.) Ri-me muito dos taes versos que resavam pouco mais ou pouco menos:

«A riqueza tem amigos,

«A pobreza vive so;

«Acabou-se a charidade

«Ninguem dá ponto sem nó.»

«Tive porem occasião de me arrepender da minha alegria fóra de tempo. Mas quantos Mauricios ha no mundo que se riam quando fatigados sobem a montanha, pensando no valle delicioso que os aguarda, e que chorem quando se acham nelle, lembrando-se que outras montanhas lhes será forcoso passar? Apezar disso, os Mauricios, que nunca conhecem os homens, são as mais das vezes insolentes na felicidade e pusilanimos na desgraça.

«Empobreci.... e me vi so....

«O sonho que desprezei do poeta latino, se realizou em mim. Meus defeitos se avantajaram, a proporção que o rico veu que os cobria foi cahindo.

«Vi-me pobre, vicioso, velho, doente e abandonado; e tinha a consciencia de ter gastado a minha fortuna, a minha mocidade e a minha saude para prejuizo dos outros e ainda mais para o meu!

«De todos os males, o mais custoso de soffrer são os remorsos, quando somos infelizes,

pois si o vento da prosperidade sopra, varre uma parte desses negros e tetricos vapores.

«Quando morri, ninguem se encommodou por meu respeito.

«Era um louco, diziam, que gastou o seu e o alheio. Era um homem sem costumes e sem moralidade....

«Não digo que fossem injustos para comigo, mas si a fortuna me não virasse as costas, si um rico herdeiro me succedesse, teriam usado a mesma linguagem?

(Continúa).

Pleito celebre.

Quasi todos se lembram, de certo, de que os jornaes americanos noticiaram ha tempo o nascimento de um homem duplo, isto é, dous homens unidos pelas costas.

Estes dous homens, ou esta dupla individualidade casou-se ultimamente com duas irmans gêmeas, cuja mãe para as differenciar tinha collocado uma borbulha artificial de cera no hombro esquerdo de uma dellas.

Dous mezes depois de casados, houve um fogo em casa estando todos deitados; o fogo extinguiu-se, salvando-se a muito custo as pessoas da familia.

No dia immediato, cada uma das metades da dupla individualidade buscou a outra metade do sexo opposto, e, para a conhecer, procurou o signal no braço; mas, oh! fatalidade! a borbulha de cera, havia-se derretido com o calor do fogo.

Ambos queriam ter direito á mesma mulher, por nenhum saber verdadeiramente a sua.

Finalmente a questão foi aos tribunaes, e até agora ignoramos o resultado.

Pae e filho:

—Meu filho, diz um pae, andas com más companhias; porque não procuras pessoas de bem? Olha que quem á boa arvore se chega boa sombra o cobre.

—Mas, papæ, responde o sabio filho, de ruim ninho sae ás vezes bom passarinho.

Pancada de amor não dóe.

A historia que vamos referir confirma o adagio antigo que ficou escripto.

Engana-se todo aquelle que suppõe prestar um serviço á humanidade, intervindo em brigas que tenha por objecto o deus vendado. Não é de balde que o demoninho anda sempre ás contas com os seus penates, cae aqui, cae acolá.

Mirem-se neste espelho os que pensarem diversamente. O caso passou-se em Antuer-

mesmo, na Europa como na China, na America como em toda a parte.

«Quarta-feira de manhan, nas immedições da Grande Praça, em Anvers, um individuo travou uma conversação algum tanto livre com uma camponeza. Esta enfasiada já com as declarações que lhe eram dirigidas, mimoseou o seu interlocutor com duas bofetadas tão fortes, que o fizeram cahir por terra.

Como é de costume, reuniu-se em volta muita gente; o individuo pouco fora de si com a lição que acabava de receber, estava esfregando as faces enquanto que os palradores, sempre frequentes em taes occasiões, davam á lingua, commentando o facto.

Mas eis que de repente a camponeza, talvez atacada de remorsos, toma o braço do seu adversario e condul-o a uma taberna proxima, onde lhe pagou não pequeno numero de copos. O espancado fez-lhe logo o pedido do casamento, ao que ella parece não se ter mostrado insensivel, porque ficou immediatamente estabelecido o dia para celebrar os esponsaes.»

Querem-no mais claro?

Massa de panella.

Tendo o Eterno a fantasia
De povoar o universo,
De feitio mui diverso
Creou muita bixaria.
Pôz os peixes n'agua fria,
Nos ares mil aves bellas,
Na terra sapos, gazellas,
Bicharôcos em fartura:
Mas somente a creatura
Fez da massa das panellas.

ANNUNCIOS.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho. feito de encommenda pelos melhores fabricantes, na bem areditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encommenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª

QUARTA-FEIRA 15 DE JUNHO.

Ns. 658 — 659.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs. PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe o boato, que corre pela voz publica, de que sabbado á noite fallecera nos Mares e sepultara-se domingo no cemiterio do Bom Jesus uma moça de nome Maria, em razão de achar-se gravida, e querendo occultar esse estado, consultara uma parteira, a qual administrou-lhe uma beberagem, que sem produzir o effeito desejado, a levou a sepultura.

Não é a primeira vez que resultam consequencias funestas pela imprevidencia com que se tolera que taes mulheres achando-se reformadas do mundo, se arvorem em curandeiras.

Neste sentido, pede-se a S. S. que mandando syndicar do facto, á ser exacto, faça pesar as penas da lei sobre a causadora, embora indirectamente, dessas duas deploraveis mortes.

—Ao mesmo, observando-lhe que é improprio do adiantamento desta terra o spectaculo por demais repugnante de achar-se o campo do Forte de S. Pedro convertido em uma vasta jogatina, onde immensidade de individuos sem occupação, installados por baixo das arvores, entregam-se a pratica desse vicio, sem respeito as leis e as autoridades. Espera-se, outro sim, que S. S. dê ordens para que haja a mais severa vigilancia sobre certas casas de proposito estabelecidas pôr ali e onde se dão todas as scenas, que a moral condemna.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um desconchavado e incommodo samba que ha á noite, em sua visinhança, no sobrado n.º 16, á rua da Ordem 3.ª, em que moram algumas creoulas. Alem da matinada e tribusana de pés, os convivas do tal *soirée de pobre*, quando sentem

excesso de calor, não são muito escrupulosos em respeitar a decencia, visto que, de janelas abertas, cada um se põe á fresca, deixando ver o corpo dos pés á cabeça. A actividade e zelo de S. S. não consentirão, de certo, que semelhante orgia continue.

—Os Srs. que assignaram o *Rocamble* e não quizeram pagar, cheguem para ajustar contas.

Pois os Srs. continuam a zombar e nada de cobres?

Entendem que os pontuaes devem pagar para os Srs. ler de gauderio, embora lhes fique a pecha de caloteiros?

Ora vejam qual das duas querem: ou pagar ao Miguel e ao Maximino, que irão receber; ou lerem seus nomes em lettra redonda, por motivo que não é la muito lisongeiro.

Decidam.

Mesmo que é preciso saldar o debito em que se está para com os bons pagadores.

—Tenho ouvido dizer que para as bandas da *estrada de pau*, dão-se factos reprovados, immoraes.

—Conte-me que quero ouvil-o.

—Um delles é que na Pojuca morava um velho com tres filhas honestas, duas menores.

Um inglez, empregado na companhia, seduziu a uma, deflorou-a e depois raptou-a.

—Aposto que não foi o guarda tronco.

—Nem eu estou dizendo que foi elle.

—Algum tempo depois, o *godême* fez a mesma graça com a segunda.

Estuprou a menina em casa do pae e depois levou-a para a mesma casa onde tinha a outra irman.

—Bravo communismo!

Para ser completa a polygamia, a ambas o mesmo leito.

—A primeira seduzida não com a sociedade, desgostou-se pouco tempo enlouqueceu.

—Está o resultado.

do de Lima.

do theatro.

ao parecer vai muita gente ao

—Os inglezes por ali são mais do que o presidente em palacio, e por isso o velho viu com olhos gordos suas duas filhas prostituídas, por um seductor, habitando uma so casa, sem nada ter a oppor, e antes foi compellido a tornar-se as boas com o *befesteque*, para não soffrer.

—As vezes succede assim; a victima é obrigada a beijar a mão do carrasco.

—Agora, dizem, que um outro empregado da estrada, brasileiro, entendeu que, si não foi crime o inglez deflorar duas filhas do homem, muito menos elle a terceira, e *firme no* proposito de seduzil-a, arranjou uma interina chefatura para estação perto onde mora o velho.

—*Conquistou* a menina e disse-lhe que fugisse e seguisse para Catú, onde elle a embarcaria no trem e a levaria para uma casa a *Cruz do Damião*.

A menina gramou duas leguas a pé, e chegando em Catú embarcou, mas como não ha gostos perfeitos, o pae tinha dado por falta da joia e telegraphado participando o occorrido ao perversor das primeiras que é hoje seu camarada.

—Pelos signaes sei quem é o magano. E' um rapaz que ja teve o atrevimento de dar um beijo em uma senhora embarcada no trem, pelo que foi suspenso; e que sendo subdelegado...

—Que laia de auctoridade!

—... raptou uma menina na freguezia de Santo Antonio e depois de desfructal-a, offereceu-a a um estudante.

—Escute o resto.

O inglez é uma especie de padre *Manuel da Hora*, que tudo que vê cobiça. Em Pitanga foi ao encontro da pequena e embarcou-lhe a viagem; mas em vez de entregar o fardo a seu pae, chamou á sua folha.

—E' por demais ambicioso; nada lhe farta.

—O chefe maior do trem suspendeu o empregado brasileiro pelo acto immoral que praticou.

—E ao inglez?

—Como é seu patricio ficou impune.

—E dizem que os inglezes são um povo amigo da justiça!

—Uma empreza com taes empregados não inspira confiança a uma senhora de transitá-so pelo risco de ser ultrajada.

—Como ja aconteceu com a que o tal sujeito animou-se a beijar.

—Este é *firme no* impudor.

—Um dos officiaes ultimamente chegados, contou-me esta espirituosa anedocta.

Achava-se em tratamento em um dos hos-

pitães de Buenos-Ayres um soldado que fôra ferido no arroio Bellaco.

Gemendo com as dores exclamava desconsolado:

«Meu Deus! Meu Deus!»

A estas vozes, acudiu uma formosa joven, irman de charidade e lhe disse:

«Porque chamas por Deus? Diz-me o que queres d'elle, por que eu sou sua filha.»

Então replicou o soldado com um sorriso malicioso:

«Pedirei a Deus que me conceda a dita de ser seu genro.»

—Que massada! Ha tres dias estou impossibilitado de concluir um negocio.

—Quem lhe empata?

—Tenho um papel preso na relação ecclesiastica, por não haver quem passe uma certidão.

—Então os empregados desappareceram?

—Não sei; disseram-me que o conego Cyrillo, a quem competia passal-a, está atacado dos nervos e não ha quem o substitua.

—Que modelo de repartição publica!

—E pague se emolumentos, direitos e impostos e soffra-se impecilhos!

—Venha cá, Sr. aspirante. Vm. está um tanto insubordinado. Por onde se metten hontem, á noite, que não compareceu á bordo?

—Desculpe-me, capitão; andei pelo Caes Dourado e descuidei-me; quando quiz embarcar o escaler tinha largado.

—Aposto que não dá nada de novo.

—Pouca cousa; uma conversa apenas.

—Cujo interesse é nenhum.

—Tem algum, pois refere-se em parte a tripolação.

—Então desembuche.

—Em casa da Chica Onça, dois sujeitos dialogavam assim:

«—O chefe de policia mandou chamar o Paiva á sua presença.

«—E recebeu-o muito zangado; mal o homem foi transpando a porta do gabinete, gritou-lhe que tinha pessimas informações d'elle.

«—São intrigas do cabo do destacamento, que sendo subornado por João Cardoso, quer perseguir-me; ao passo que consente que João Cardoso pratique toda sorte de fraude, respondeu Paiva.

«—Não prova, disse o chefe.

«—Até com testemunhas, disse o Paiva.

«—Tranco-lhe as portas.

«—Authorisado com a lei, Sr. Dr., é como posso fazel-o.

«—O Sr. com quem pode contar? Com tres ou quatro amigos o com o *Alabama*; en-

tretanto o cabo aqui conta comigo, com o presidente, com o juiz municipal, com o comandante do corpo e com todas as praças do batalhão.»

—Mas V. crê que um magistrado circumpecto e grave, como é o Dr. Antero, fosse lá baratear sua dignidade de authoridade a tal ponto?

—Não.

—Então para que me vem contar conversas de bocorios que andam pescando de oreilha?

Era preciso que o chefe de policia fosse um homem desasisado, uma authoridade estonteada, um character leviano, para se expor a jogar palavras inconvenientes com uma parte que vae á sua presença e trazer a balha o humilde *Alabama* que nenhum mal lhe faz e antes nutre desejos de ajudal-o em sua ardua tarefa.

—V. hoje causou-me serios cuidados.

—Porque?

—Julguei que tinha enlouquecido. Encontrei-o na rua de Baixo n'uma furibunda carreira que não dava assumpto a nada.

—Quer saber a causa?

A falta de regularidade que ha nas empresas desta terra.

—Mas então?

—Os trilhos urbanos annunciam viagem a 7 e 20; levo minha familia para o largo de S. Bento, e só depois das 8 horas é que chega o vehiculo.

Vou comprar bilhetes e dizem-me que fosse compral-os na Piedade.

Ora, faça idéa em que aperto me vi; tendo o trem de partir dahi a 5 minutos!

Para voltar com a gente para casa era cravo; não tive remedio sinão largar-me na estafadora carreira em que me encontrou, para ir a Piedade e voltar em tempo.

—Tudo aqui broma. Os trilhos urbanos garantiram tanta cousa e vão pouco a pouco faltando ao que prometteram.

—Não se pode dar maior pouca vergonha, capitão.

—Que alteração é essa? modere-se.

—Ora deixe-me! assim tambem é demais.

Arrancar do povo dinheiro, para dar-se a um homem que coopera para prejudicar a salubridade, cria montureiras aqui e ali dentro da cidade, é escandalo que não se qualifica.

—E lhe doe a cabeça isso?

—Em cima tem elogios quem faz um contracto para limpar as ruas e é o primeiro a infringil-o com grave prejaizo do publico e desar nosso aos olhos do estrangeiro.

—Não seja exagerado.

—V. Ex. faz-me um favor?

Dê um passeio a Cova da Onça para ver com seus olhos.

O homem do cisco não commette um dolo fazendo dali despejo?

Um lugar tão habitado, onde ha uma casa de educação, a agglomeração de materias putrefeitas, não pode trazer graves inconvenientes á saude dos moradores?

—Pode sim; mas o que eu acho impossivel é que elle faça isso.

—Si não é elle, são seus agentes, o que eu duvido; porque estes não quererão sujeitar-se a uma demissão, a uma pena.

—E em todo caso, a responsabilidade é d'elle, sendo exacto, porque relaxa a empresa.

—Certo e certissimo; tenho visto; não é cousa que me contassem; hontem tive a cachimonia de tomar a numeração de dois carros que despejavam lixo, quando eu passei.

—Quaes foram?

—20 e 23.

—Bom; quem falla assim sem rebuço, tem consciencia do que affirma; neste caso o Sr. chefe de policia, si não quer que digam que é compartcipe do deleixo, que tome providencias.

—Continua o Sr. Manuel Bento de Lima a mostrar que é um portento:

«Manoel Bento de Lima, Membro e Delegado da Companhia inter nacional Forence, e Luso Brasileiro do Rio de Janeiro, Cirurgião Alferes da Sessão de Batalhão n. 1 da Guarda Nacional, Juiz de Pas e Municipal Substituto interino deste Municipio, Presidente da Camara Municipal e Agente do Correio.

FAZ SABER AO RESPEITAVEL PUBLICO que, por impedimento do respectivo Juis Municipal o Alferes Antonio Antunes Maciel, se acha no exercicio deste em prego, por ser o Veriador mais Votado, da Camara; por isso que dará audiencia—Audiencia nos dias 4.^a feira de cada semana as nove horas do dia, e sendo feriado nodia imediacto, despachará em todos os dias uteis das 8 horas da manha até omeio dia e das 2 ate as 4 datarde.

E para que chegue antecia de todos e não haja ignorancia mandei publicar e afixar o presente e dital. Mato Grosso 23 de Janeiro de 1870. Eu Julião Francisco da Cunha, Tabellião e escrivão do Juizo Municipal que o escrevi.

Manuel Bento de Lima.

● **passeio no largo do theatro.**

Parece o contudo do ser ao parecer vai muita cousa; parece que dirá muita gente ao

ler o titulo d'este artigo, que é elle bem pouco significativo. Assim é, porque não quize-
mos imitar a estas cousas que por ali se
conhecem, com rotulos mui pomposos, titu-
los extraordinarios, e afinal de contas, desen-
rolada a novidade não passa de um sabonete
sem cheiro, ou d'algunha pouca de manteiga
de porco com fumaças do pomada cheirosa.
A modernice tem adoptado este costume;
sempre muito espalhafata e poucas obras;
muita illusão e nenhuma realidade.

Mas.... basta de exordio e vamos ao ar-
tigo.

Hoje é em nossa cidade um logar bem cheio
de considerações o largo do theatro, ou praça
de S. João.

Nos annaes dos filhos tirados á patria; na
historia dos vadios, no vasto alfarrabio de
suas cavallarias, merece particular menção
esse largo: para elles é o balcão mais afama-
do, e onde vendem sempre a bom vender as
suas mercadorias. Não sei por que, (elles que
o digam) esse largo se tem tornado celebre.

De um lado, assentos protectores, e que
pena é não terem ouvidos; do outro, longa fi-
la de mercadoras de doce e rolettes; em fren-
te um hotel e uma fileira de botequins e von-
das, sem fallar na brisa que abi reina sem-
pre, o que tudo concorre para fazel-o um bom
e agradavel passeio, e precioso rendez-vous
de *negocios sem nome*, e pouco conhecidos.

Isto posto, considerarei com o leitor o lar-
go e nelle passearei.

São seis horas da tarde. Ja pouco ha de
luz, e o crepusculo do dia apenas mal per-
mitte conhecer os objectos: a noite faz a pas-
sos graves a sua entrada triumphal, em pre-
sença do seu inimigo—o dia, que foge ás car-
reiras por invariavel regra da natureza. O
largo está cheio de passeiadores; uns que pro-
curam, outros que desejam ser procurados.
N'uma e n'outra parte, em grupos, conver-
sam, annunciam as novidades, e não poucas
vezes fallam da vida alheia os passeiadores.

La estão, as portas dos botequins, outros
grupos que, si não passeiam, vem até ali
em busca de palestra, ou de parceiros para a
contenda, onde tudo se decide no correr de
uns dados, ou no baralhar de umas cartas.

Aquelle pois que passeiar por ali, se rega-
lará de ver boas cousas e muito terá que
contar.

O passeio no largo do theatro é em ver-
dade muito agradvel, e quem o fizer com ou-
vido attento e curioso ouvirá cousas para com-
posição de muitas novellas. É de lamentar
que por elle não estirasse as pernas um Pau-
lo de Koke, pois que ricos romances compo-
ria elle por certo!

Ouviria n'um canto, a mulher, que depois
de viver muitos annos com um homem, de-
pois de haver sido por elle levantada do pó,
fugindo do sua casa, ali está a commerciar o
infame commercio de seu corpo e usando de
termos que revellam sua miseria.

Ouviria ao mancebo trahido pela amante,
a contar com enfaze ao seu camarada, que com
elle passeia pelo braço, os favores que obteve,
os seus dias de felicidade.

Ouviria o negociante quebrado queixando-
se sosinho das faltas que experimenta agora,
e que buscou o passeio no largo, para allivio
de seus pesares.

Oh! ouviria muitas cousas, pois que n'este
logar se tratam muitos interesses differentes.

—Onde me heide encontrar com V. á noi-
te? pergunta-se por ali.

—No largo do theatro. Eu vou dar um pas-
seio e ali lhe esperarei.

—Pois bem: olhe não falte.

D'estes rendez-vous se fazem todos os dias
entre si, os gaiatos da moda, os amanteticos
de boa vida, que formam d'este largo o final
de seus passeios.

E não deixam elles de ter razão, pois que
para maior bem, quando enfarados se acham,
tem ali hoteis, onde busquem uma conver-
sa, uma limonada, um taeo para o bilhar,
um charuto, ou um sofá para descansar.

E não deixam elles de ter razão, que ao
redor d'este largo, a civilisação, que estuda
cada voz mais os gostos da humanidade, tem
collocado, como habil que é, diversos cha-
marises para illusão de seus sentidos, esva-
siamento de sua bofeça e perdição de seus sen-
timentos.

Depois de haver passeiado por algum tem-
po, depois de se haver embriagado de fresco,
é bom, é sem replica muito bem, dar um ou
dois passos, e poder tomar uma boa chicara
de café, um bom copinho de conhae, ou uma
chavena de chá com sua torrada.

Passeios como estes, são um manancial de
felicidades para certa gente. Ali, o homem
que não comeu todo o dia, facilmente toma
uma amisade de onde lhe parte um convite
para refrescar-se ou petiscar em alguma das
casas destinadas para este fim. Com geito e
modo, o fumante sem dinheiro, acha não se
bom charuto para fumar, como até provisão
d'ellos para o dia seguinte. E as mais das ve-
zes, graças a sua industria, a mulher que
veio passeiar em busca de fortuna, leva com
que matar a fome, o acalentar os gritos do
estomago, creedor que não admitte desculpas.

Ora, pergunta-se: não parecia por certo o
titulo do artigo sugeito a um tal desenvolvi-
mento?—Pois foi, o inda de muito maior po-

deria sel-o, si me não atacasso a senhora preguiça.

A PEDIDO

- Então, ainda namora muito?
 —Com quem?
 —Veja si quer que descubra tudo.
 —Diga, não temo.
 —O que V. não tem, é pudor praticando tamanha pouca vergonha, sem o menor respeito a moral publica.
 —Não se importe.
 —Os moradores dos *pés de laranja* bradam contra a publicidade com que V. e sua *ella* patentciam os impulsos do coração.
 —E o Sr. constituiu-se procurador delles.
 —Sim, meu *academico*. Entendo quen'uma janella, não se procede tão livremente; si fosse n'um logar solitario, por detraz de alguma *moitinha*, va lá.

—Capitão, ha tempos um dos jornaes diarios de Minas, publicou um phenomeno que naquella provincia se deu de uma poreater dado á luz um leitão semi-humano.

- E a que vem isso agora?
 —Si as conchinchinas e cadellas fossem fecundas ou de natureza identica, em Latronopolis se admiraria mais um parto, filho da extravagancia humana.
 —Que cousa sem pé nem cabeça!
 —Não sei si tem ouvido alguém fallar de um certo cujo que, dizem os meninos do *trem de paz*, gostava dessa variação, brutal em sua essencia.
 —V. sempre sahe-se com cousas!
 —Si não é vero é bem trovato, capitão.

- Novidade!
 —Para dizer qualquer cousa não é preciso fazer alarma.
 —O *Neptuno* abandonou seus dominios, em busca da sua *ella*, que voou como icaro e cahiu no pincaró de uma *pedreira*, onde, sempre gorda, com o seu nenê, parece disposta a gastar so oleo de *babosa* em seus negros e curtos cabellos.
 —Mais vale um gosto que quatro vintens.

—Aquelle heroe é um dos muitos, si é que não mente uma ethiope beldade, que depois de si lhe apoderar a mania de *virar gato* de noite, mandou para a roda um pecurrucho.

- Linguarudo!
 —Quero não dar credito ao que *ella* me disse, por que lingua de mulher sempre é lingua de mulher; todavia não sei a razão,

porque o *Joaquim garopeiro*, deixando a cara metade em um *porto seguro*, e travando aqui relações com uma *nympha* do Caes do Ouro, de nome *Izabelzinha*, deu tão mautrato a uma sua afilhada, que lhe originou uma formidavel hydropezia, molestia que durante nove mezes atormentou e so depois deste tempo começou a declinar.

—Ah! V. hoje está para esmerilhar a vida alheia? Suma-se. •

- Que gosto estrambolico.
 —De quem. homem?
 —Daquelle moço que trepa-se n'um pé de gongalo alves, e põe-se a imitar o macaco nas momices, para quem está na *calçada* da rua.
 —Celebreiras.
 —Mas como a cousa cheira a *tijollo* e os namorados tem a propriedade de se parecerem uns com os outros, isto é, em serem patetas, merece desculpa o tal Cupido com honras de macaco.

—Com tudo é bom que faça o seu *tijollo* de maneira que não dê escandalo.

—No Rio de Janeiro os garotos cantam e aßoviam a seguinte cantarola.

«Chegou o tempo feliz
 Do progresso e d'invencioni;
 Os templos de pedra cahem,
 Levantam-se de papeloni.
 São ideias do mironi
 Que prepara o barroconi.

Com tinta, sarrafo e panno
 Apanha-se muito tostoni;
 E sobre um logar profano
 O povo faça oracioni.
 Mas a rir-se o lazaroni
 Vai pregando logracioni.

Depois que chore a desgraça
 A patria afflicta a pedir
 O dinheiro dos impostos
 Por ahi é qu'elle ha de ir.
 E viva la proteccioni
 Que se deu ao macarroni.

Oui. »

—Talvez seja lembrança de algum maligno em allusão ao templo de papelão que está edificando o genro do Sr. Itaborahy.

Atenção.

Chama-se os dous moços que entraram as nove horas e um quarto do dia 2, no *Passo da Patria*, para que venham deitar o chapéu de sol no logar de onde o tiraram por *engano*, para não darem logar a que seus nomes, tão conhecidos, sejam publicados por uma ninharia, que nada adianta.

O prejudicado.

VARIÉDADES.

● passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

(Continuação do n. 657.)

De outra campã dizia uma voz sentida:

«—Tu, ao menos, foste rico e feliz no mundo, e, si depois cahiste na pobreza e abandono, deveste-o a ti: mais eu, nasci no seio do infortunio, toda vida me vi a braços com elle, apesar dos meus muitos esforços, para sabir da sua tutella.

Ninguém me ajudou na minha tarefa, por que todos os que tinham vontade não tinham forças, e os que tinham estas, faltava-lhes aquella.»

Esvoacei para um elevade tumulo pensando—este ao menos não se queixará de sua vida.

«—Enganas-te, me sussurrou, ninguém com mais justo motivo solta queixumes, pela desgraçada vida que teve. O meu infortunio, por ser dourado, nem por isso deixou de ser infortunio. Fui toda a minha vida opprimido, contrariado; oppresso e illudido.

Nada me daria allivio sinão chorar e lamentar-me, mais o mundo se ria de minhas lagrimas, motejaria de meus queixumes. Assim, era obrigado a sorrir, quando desejava chorar; recebia felicitações e visitas, quando desejava estar só.

Este mesmo monumento á minha memoria me pesaria, si as cousas deste mundo me importassem ainda, por que foi levantado pela pessoa que mais dissabores me deu na vida.»

Si os ricos se lamentam, que admira que os pobres o façam? disse eu, com as minhas pequenas azas. Deus seja louvado, que me não fez um desses entes humanos, que padecem por que são loucos, por que são pobres, ou por que são muito ricos. Antes ser, como eu sou, uma humilde

Mariposa.

● Soldado generoso.

Em frente d'uma estação do caminho de ferro, um pobre saltimbanco, trazendo consigo dois filhos, tinha parado ao pé d'uma vendedeira de maçãs, peras e uvas, que os pobres pequenos devoravam com os olhos.

—Eu tenho fome, pae; disse o mais pequeno.

O pae não respondeu; seu rosto se mostrava amargurado.

—Tenho muita fome, repetia o pequeno.

—Não ouve o que diz essa criança? disse um militar, que ia com licença e levava algumas provisões.

—Ouço muito bem, respondeu o pae; mas que heido fazer, si não tenho um real de meu?

Vamos a ver o que se pode fazer. E o soldado tirando o embornal, safou um grande pedaço do pão, e o deu ao saltimbanco dizendo:

—Tome, dê de comer a essas crianças. E como o pobre pae agradecesse com effusão; o digno militar acudiu logo, dizendo:

—Nada de palavras; quando um dia tiver bastante; é fazer o mesmo a quem tem fome.

● homem mais malvado.

Ultimamente entretiveram-se algumas folhas inglezas a procurar qual seria o homem mais malvado. As opiniões differiam muito, como era de esperar. Apontaremos algumas das mais originaes.

Disse o *Exchange* que o typo do malvado estava no homem que, depois de ter demorado em seu poder durante muitas horas um numero de periodicos, o reenvia com as palavras *não quero*. Esse homem, segundo o *Exchange*, seria capaz de comer o jantar de um cão cego, e de correr depois o cão a pedrada, so por ser cego.

O *Iron City* diz que faria peior do que isso, porque mandaria embora sua mulher, passada a lua de mel, escrevendo-lhe nas costas estas palavras com giz: *Não quero*.

O *Standard* é de opinião que o malvado reubaria o giz e se serviria delle para branquear a sua roupa suja, para não dar que fazer a lavadeira.

Segundo o *Star* seria o maior malvado o que perseguisse um rato doente, e, depois de o ter agarrado, mandasse fazer a autopsia no cadaver do bicho para entrar na posse de um grão de trigo que elle roubara.

Pela sua parte o *Torch-light* diz que seria o miseravel que amaldiçoasse sua mãe cega, por ir mendigar um bocado de pão a sua porta, ou aquelle que desse dez reis a um filho para o mover a deitar-se sem ceia e no dia seguinte lhe pedisse dez reis pelo almoço.

Emfim, o *Banner* entende que o maior malvado seria o que vivesse folgadamente do lido suor de seu pai decrepito, e quando o velho ja não podesse trabalhar, o mandasse para um asylo de beneficencia e vendesse depois o seu cadaver a estudantes de medicina.

● Effeitos do ciúme.

Era uma vez um homem casado; aconteceu que um dia fosse visital-o um amigo, e ambos encorraram-se em um gabinete para melhor tratarem em liberdado de seus negocios.

A esposa do dono da casa, mulher ciumenta em extremo, ainda estava na cama; mas, ouvindo fechar-se a porta do gabinete, levantou-se, vestiu-se com uma presteza inacreditável, e correu a escutar pelo buraco da chave o que se passava entre seu marido e a pessoa recém-chegada. Acreditou, sem duvida, que era mulher, pareceu-lhe mesmo ouvir rugir a seda do vestido, e que tinha ouvido tossir a introduzida. Porém, afinal, convenceu-se de que era um proximo de calções, quem conferenciava com seu marido.

Mas, oh dôr! ouve o seguinte dialogo:

— Ainda mais dinheiro? Santo Deus, que a tal Felicidade nada tem de Santa, já me tirou do bolso cerca de 2:000\$ rs!

— Pois, meu charo, console-se comigo, que a Esperança já me custa mais de cinco, e ainda nada.

Façam os meus leitores idéa como ficaria a ciosa esposa que taes palavras ouvia com a desesperação da mulher trahida.

— Ouve, continuou o da Felicidade, cuidado que minha mulher não o suspeite siquer, porque não gosta destes negocios, e lá se iria o dinheiro adiantado.

— Descansa, e quando iremos vel-as?

— Tenho grande desejo; agora mesmo si o quizeres.

— Pois vamos. Sejam ellas o que a gente deseja, é o que se quer; a minha é ouro fino.

— E a minha! ah! estou louco de contentamento.

De repente ouve-se um estrepito horrivel na porta do gabinete, que se abre, de par em par, ao impulso da força e dá entrada a uma mulher, a uma féra com os cabellos soltos, vestida machinalmente e no maior estado de exaltação possível.

— Si passas, mato-te e mato-me tambem; exclamou a bichinha, dirigindo olhares de fogo sobre o pobre marido; e o senhor, amigo traidor, fora, fora immediatamente da minha casa.

— Porém, mulher... senhora, disseram os dous quasi a um tempo.

— Nem mais uma palavra, retorquiu ella, rangendo os dentes de raiva; nem mais uma palavra! O senhor ha de fazer-me o favor de não tornar mais á minha casa, e tu... tu... nós o veremos depois.

Quasi arrastado por um braço pela esposa em colera, o amigo desceu até a porta da rua, que cerrou-se após elle.

Não houveram forças humanas que acalmassem aquella féra.

Momentos depois, quando seu marido a viu mais tranquilla, e livre do acesso de loucura porque havia passado, lhe perguntou então:

— Ora, agora diz-me, porque foi que fizeste tanto barulho?

— Porque foi? ainda me perguntas? pensas que não ouvi tudo?

— Tudo o que?

— A tua conversa sobre Felicidade e Esperança?

— Ca, ca, ca, ca, ca...

— O senhor ainda ri-se?

— E porque me não hei de rir? Agora o verás.

E o esposo abriu a gaveta de uma secretaria, e mostrou á sua mulher, boqui-aberta, as acções das sociedades mineralogicas *Santa Felicidade e Esperança*.

— Meu Deus! exclama estupefacta a ciosa mulher, pois era disto que fallavam?!

E abaixou o rosto corrida de vergonha.

Aproveitar-lhe-hia a lecção?

Duvidamos.

Esta casta de bicho, rarissimas vezes se emenda.

Graças desengaçadas

com que certas moças pretendem se tornar interessantes diante das visitas.

Dar uma carreirinha quando vae buscar alguma cousa na sala de dentro. Ora, si isto é feito por uma menina de corpo elegante, vá; mas si é praticado por uma que quer ser bonita e orgulhosa, só a caxação.

Quando lhe fallam em casamento dizer logo que não quer para não deixar a companhia dos paes.

Encommendar a todos os conhecidos livros de novellas e romances modernos, para não os ler, dizendo todos os dias que a obra é muito interessante e que está anciosa de chegar ao fim para ver a conclusão do enredo.

Dar a negrinha recados na janella, para se levar a camarada da vizinhança.

Esconder-se, tardar em apparecer e até fingir-se zangada, quando está em casa rapaz que a elogiou por bonita, que é para ver si com o arrufo excita maior paixão.

Fingir-se innocente e ingenua para ganhar fama de bom genio e apparecer casamento depressa.

Andar toda retorcida com tregeitos para imitar faceitices.

Importunações diabolicas.

Conversa em dia de sahida de navio.

Visita comprida á doente perigoso.

Emprestar cavallo á estudante em dia de festa.

Hospede de cerimonia por mais de tres dias.

Sogra falladeira morando em casa.
Cobrança a hora que se está jantando.
Visinho que pede fogo todos os dias.
Pobre teimoso a pedir osmola.
Serviço de guarda nacional em dia de chuva.
Freguez que tudo quer ver e nada compra.

Motte

Sou feliz por que não amo.

GTOZA.

Amei-te porque fui tolo,
Não sabia quem tu eras,
Mas agora sei de veras
Que fazes muito tijolo;
Que tenhas algum miolo
E' so o que a Deus reclamamos,
Contra ti furias não chamo,
Porque em vão chamaria,
E dizer não poderia
Sou feliz por que não amo.

Perguntas e respostas.

Que elemento se inspira das flores? — Aroma.
A virtude que mais lisongea? — Felicidade.
O sentimento que mais abranda? — Doçura.
A nota de musica que mais se condemna? — Re-publica,
Aonde mais se dirige a mão para os cumprimentos? — Palácio.
Que luz se fabrica nas casas? — Clara-boia.
O nome de homem que junto ao artigo varia de sexo? — Luiz-a.

Cousas difficéis de se achar.

Amigo verdadeiro.
Mulher que falle pouco.
Moça que não queira casar.
Dinheiro no meio da rua.
Negro sem catinga.
Marinheiro delicado.

Cinco cousas perdem uma casa.

Hospedes.
Funcções.
Desmazelos.
Linguas compridas.
Maus visinhos.

Cousas que fazem rir.

Um sujeito endefluxado que se esquece do lenço.
Um namorado a quem o sapato aperta o calo.

Um redactor de folha diaria em dia de chegada de vapor.

Um militar de uniforme e barretina montado em um burro.

Um padre de cabelleira furada.

Uma mulher solteira, bem comportada, que aluga os fundos ou a frente da casa a homem do commercio, que não tem familia.

Perguntas.

— Qual é a bebida que tomamos pela cabeça?

— O cha-peu.

— Qual é a parte do livro que vive na arvore?

— A folha.

Certo commandante de uma companhia, querendo chasquear em seu alferes disse:

— Não sabe ninguem da forma. Olhem que tenho aqui dous olhos e um atraz que é o meu alferes.

Epigramma.

Qual é (pergunta um sujeito)

A classe mais immoral?

(Responde um outro) — No mundo

Prima bem a clerical,

Pois refiro-me ao proverbio,

Creio não ser lisongeiro,

Que só espeto de pau

Vê-se em casa de ferreiro.

ANNUNCIOS.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho, feito de encomenda pelos melhores fabricantes, na bem areditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encomenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

A Manufatura popular.

defronte do Correio, precisa de officiaes de alfaiate peritos.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.^a

SABBADO 18 DE JUNHO.

N. 660.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs. PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de junho de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, para que mande tapar um grande buraco que ha no Maciel de cima, encostado ao passeio de um dos lados da rua, afim de evitar algum desastre.

Portaria ao fiscal de Brotas, para que intime ao Dr. Villas-boas, com roça na Madre de Deus, a observancia da postura n. 35, a qual estabelece aos proprietarios de predios rusticos a obrigação de trazerem varridas e limpas de ramagens que, impeçam o transito, a frente de suas propriedades. Cumpra.

—Si eu fosse homem que acreditasse em abuso, dizia que esta ladeira da Saude é mal fadada.

—V. dirá porque razão.

—Porque é uma ladeira que de quando em vez soffre concerto e sempre está esburacada.

—E' que talvez deem a obra a algum alfaiate para fazer.

—Não faz muito tempo que foi calçada e já tem cada barroca capaz de accomodar um homem.

—Como a camara está remendendo as ruas é provavel que se lembre della.

—Não é nada, não é nada; um imprudente costume por poucas que não envia cinco ou seis pessoas para a sepultura.

—Porque forma?

—Estilhaços de uma pedreira que o Dr. Demetrio Bandeira está quebrando no Rio de S. Pedro.

—Creio que a policia já prohibiu.

—Si prohibiu não fizeram caso, porque continuam a dar tiros para a estrada, pondo em risco imminente a vida de quem passa.

—E naquelle caminho tão frequentado por causa dos enterramentos!

—Quinta-feira atacaram fogo á referida pedreira e cinco pedras voaram pelos ares e foram cahir a alguma distancia, em logar que se achavam reunidas diversas pessoas.

Uma das pedras pesava 16 libras, e está em casa do subdelegado da Victoria, duas quatro libras e duas meia libra.

O Sr. Manuel Fabricio, que se achava em sua porta, com uma criança nos braços, escapou por um tris; um dos estilhaços cahiu-lhe aos pés; a que pesa meia arroba cahiu ao pé do Sr. Leoncio Zenon de Castro e as outras entre uma mulher de nome Angelica de tal e duas lavadeiras e mais algumas pessoas.

—Viram a morte nos olhos.

—Todos os dias estão acontecendo desgraças, pela facilidade com que é feito semelhante ramo de serviço tão perigoso.

—E nada de apparecer uma prevenção.

—Aqui dentro da cidade mesmo as pedras que se quebram na montanha, vão cahir dentro d'alfandega e do arsenal e aos pés de quem anda por aquelle cordão de ruas.

—Ao menos prohiba-se tão arriscado systema nos logares perto do transito publico.

—Na rua do Julião está se demolindo um sobrado.

—Para facilitar o curso dos trilhos urbanos; é cousa muito sabida.

—Mas não sabe do desastre que houve lá na terça-feira.

—Isso não.

—Pois ouça.

Os pedreiros atiram sem cautela as pedras que vão arrancando; umas cahem dentro do edificio e outras na rua.

—N'um logar tão estreito e onde passa tanta gente!

—Diversas pessoas tem sido molestadas levemente por pedras miudas; calça e cascalho não se falla, leva-se em cheio pelas ventas.

—Que serviço desasado!

—Na terça-feira despencaram um formidavel pedregulho que veio sobre uma preta e esmagou-lhe os pés.

—E' no que dá o pouco caso, o lá se avenha.

—Os pedreiros logo que a viram estendida por terra desappareceram.

—Si se tivesse prevenido em tempo, aconteceria isso?

—De certo que não.

—E assim é tudo mais.

—Justiça de Deus!


O bispo de Pernambuco negou sepultura ao general Abreu e Lima, a pretexto de que era dissidente, não obstante elle nas ultimas vascas da agonia extrema, na occasião em que deu o derradeiro suspiro, ter dado provas de verdadeiro christão, pois morreu abraçado com uma imagem do Crucificado!

Não obstante todas essas provas, o bispo, por vinganças mesquinhas, o que não deve existir em um ministro da religião catholica, não lhe quiz dar sepultura!

—Mas ao que vem V. agora trazer isso?

—E' que o bispo indo agora ao concilio em Roma, lá morreu, fora de sua patria e de sua diocese, em terra estrangeira, e lá se acha sepultado.

—Deus que se compadeça da sua alma.

—E devemos exclamar ainda:  *perdoae-lhe, meu Deus, elle não soube o que fez!*

● que perde, e o que ganha.

Quem haverá que descrever possa com precisão o que se passa no coração d'estas duas entidades — o que perde, o que deixa ao parceiro até o ultimo vintem de sua bolça, e o que ganha, o que mette na algibeira as moedas do parceiro, cajo tinir-lhe enchem de alegria?

Um leva o desespero no coração, a cabeça esquentada, as faces afogueadas, os pensamentos descontraídos de arrependimento e pesar: o outro caminha ligeiro, fazendo abortos, e liberal em extremo, rindo-se até para as pedras que tem debaixo dos pés, e phantasiando pagodes e divertimentos com um dinheiro que nada lhe custou, e que elle julga vindo do ceu.

Oh! são dous entes em tudo differentes, o que perde e o que ganha.

A senhora D. Prudencia, é uma viuva honesta, que recebe o soldo de seu marido morto em combate, cujo unico defeito é possuir um filho peralta de nome, á quem nunca teve animo de reprehender e que não tem remedio sinão empregar em seu serviço.

Chega o fim do mez e a pobre senhora manda o filho, que é seu procurador, receber o soldo necessario para sustentação da casa.

O amavel sahe e recebe: até ahí vai o negocio as mil maravilhas e não ha nada que se lhe diga.

Mas ao voltar para casa, o tal moço se lembrou de tomar um capilé em uma casa publica, e por que estas casas hoje contem capilés de todas as qualidades, acontece que veja ali um jogo, e não possa conter-se tendo na algibeira os cobres recebidos, e vai não vai, eil-os perdidos, e perdidos sem esperança de tornar a ganhar-os por isso que não tem mais vintem e os companheiros deram com o rigoroso basta.

Ora, quem em tal circumstancia se tiver visto, e ferido tambem for, que imagine se ha situação egual a esta; se haverá desespero maior. Como apparecer em casa? como dizer que perdeu? Isto seria o menos, por que em fim, a senhora D. Prudencia, é a prudencia em pessoa: mas a perda do dinheiro?...

O pobre sahe da casa do capilé, com mais calor do que quando entrou. Não quer conversar com ninguem, está incommunicavel e até malcriado, tudo lhe aborrece, falta-lhe o ar, e quer brigar até com os cães que encontra.

Bem vezes me tem acontecido entrar ufano no jogo e sahir com o rabo entre as pernas, como cão corrido de casa que não é a de seu dono.

A posição do que perde é sempre lamentavel: quer seja dinheiro seu, quer dos outros; em todo caso so tem difficuldades diante de si, e, si possivel fosse, dar-se a escolha, penso que ninguem haveria que quizesse collocar-se na posição do que perde.

Si porem tudo isto acontece ao que perde, ha uma muito grande differença de situação para o que ganha. Em quanto joga, ao passo que o que perde morde os beiços mudo e silencioso, elle alegre, se disfaz em bons ditos, e ri-se quando o outro atira as cartas no momento de perder.

Cada vez que ganha uma parada, acha sempre uma gracinha para dizer, uma palavrinha que dirigir ao parceiro; emfim no seu semblante está estampada, mesmo a seu pesar a alegria, em quanto que no do que perde está a perturbação, e se assemelha a um ceu carrancudo e feio em noite de borrasca; para isso ha um ditado—*Deus disse, quem ganhasse que se risse, e quem perdesse que se... mordesse.*

Ao sahir da casa do jogo é que é ver e observar o que ganha: elle que nunca deu cousa alguma as mulheres do seus amores, n'esta occasião é capaz de dar-lhes tudo.

Não custou a ganhar, e por conseguinte não lhe custa a gastar.

Elle que é o maior caloteiro do todo o mundo, si algum credor lhe apparecer n'aquelle momento, levará a conta paga. Emfim está de tão bom humor que não se zangará até, si ao chegar em casa, encontrar a mulher nos braços de outro; contenta-se de perder ali, por que já ganhou em outra parte.

Grande é a posição do que ganha! Vai andando como si o terreno lhe faltasse, está todo absorvido, e si desse uma topada n'aquelle momento, por certo não sentiria, pois para o que ganha não ha topadas, nem pulgas, nem nada: está invulneravel e curado até de dentada de cobra.

Entre os dous logares, dê me Deus sempre o logar do que ganha. E' por certo cousa bem boa, encher a gente as algibeiras com cobres e patacas que so custaram susto: dá animo e torna a alma expansiva.

Penso que ninguem haverá que não pense da mesma maneira.

A PEDIDO

—Capitão, dizem que um certo inspector de quartelirão recebe dos africanos 200 rs., á titulo não sei de que; até de uma informação para entrar para o hospital quer dinheiro.

—De onde é esse inspector?

—Não sei dizer.

—A localidade siquer.

—Ignoro tambem.

—Si V. nem ao menos sabe si o homem é d'aqui, de Nazareth, Santo Amaro, Maragogipe, Cachoeira, etc., para que vem dar uma noticia sobre a qual não se pode tomar conhecimento?

—Para que V. Ex. veja o olho-vivo como está estendido.

—A proposito do olho-vivo, V. conhece uma crioula que mora no becco do Açouguinho?

—Moram tantas.

—Pois procure saber qual é, depois que eu lhe contar o que fez.

—Estou attento.

—Morava na Calçada; contractou com uma senhora dali para deitarem de sociedade uma caixinha, fornecendo esta o capital e ella o trabalho e devidirem os lucros.

A senhora deu logo 1000 rs, e a esperta rapariga empinou-se para a cidade para comprar miudezas; á tarde voltou perguntando si o ganhador que ella mandara adiante ja tinha chegado.

—Bello!

—Tal ganhador nunca appareceu e a rapariga, dous dias depois, levantou surratoira-

mente a faxeira e veio alugar casa no becco do Açouguinho.

—Isto tambem acontece por que certas senhoras entendem que obram bem, metten-do-se em certos negocios, sem quererem que os maridos saibam.

—Conego, pois V. brigar com o vigario que lhe deu a victoria n'aquelle importante questão?

Como é que V. disse-lhe que nunca foi capellão de almoçar na grade?

Por isso ouviu o que não queria, que elle nunca tinha dormido no convento, nem lá tomado banho.

E esta!?

Mas todo mundo faz justiça a sua innocencia, meu pombinho corôado de pernas róxas.

—Que diabo faz aquelle sujeito espiando pelo buraco da fechadura daquella casa, ali na rua da Ordem Terceira do Santo Seraphico, e aquelles outros assentados no passeio?

—Naquella casa mora uma crioula que tem uma afilhada, a quem familiarmente chamam—Nasinha, a qual namora escandalosamente, affrontando a moralidade publica, pela maneira porque se corresponde com os seus adoradores.

O filho de um professor, transformado em escrevente de cartorio, vem todas as noites acompanhado de outros capadocios, com o competente violão; e; antes de principiar suas enfadonhas modinhas, que bastante encommodam aos moradores, espia primeiro pelo buraco da fechadura, dando signaes para ella saber que elle ali se acha. Neste gosto de modinhas e bravos dos seus companheiros, leva até 3 horas e mais da madrugada.

—Bem; hei de mandar o aspirante uma noite para os agarrar e leval-os para bordo do vapor *Alabama*, afim de entreterem-se um pouco com o muxingueiro.

—O' bruto, pois tiveste a impiedade de levantar a mão para um indefeso velho, a quem os annos ja lhe fez dobrar o corpo?

Sacrilego, infamel Essa mão polluta não tremeu ao descarregar sobre um centenário.

E por que motivo, bruto?

Porque amigavelmente lhe tomaste os 600 rs. emprestados e agora que o pobre ancião te vae pedir lhe retribues com a mais negra ingratição.

Não has de ficar ensosso, cão.

—Capitão, attenda-me primeiro.

—E's indigno de attenção.

Muxingueiro, leva esta peste para o largo de

Nazareth, e lá da-lhe um banho de *calda* a ferver; nesse nefario que desrespeitou a vellethico.

—A pedido de um amigo transcrevemos a seguinte poesia:

● opulento.

Eil-o que passa nos seus trens faustosos
Ebrio das pompas que a riqueza dá;
Lança dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda, e nem se avista já!

Insulto, escandalo, miseria á extrema,
Que as portas bate o do infeliz, que só
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó!

Por altas noites em salões doirados,
Se agitam danças d'um folgar sem fim;
E o rico mostra no esplendor que ostenta
Ornatos proprios de um real festim!

Soam descantos, harmonias soam,
Que infiltram n'alma a languidez do amor...
E entre as folguedos que de véus se rasgam...
Colestes véus de virginal pudor!....

E as noites voam fugitivas, lédas,
Entre as delicias que a ventura tem;
E os sons festivos que o prazer convidam,
Lá vão saudosos murmurando além.

As mesmas horas que familias gemem,
Vazando o calix d'amorgoso fel!....
A quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos d'um pungir cruel!

A chara esposa tão ditosa outr'ora,
Entre os affagos que o amor lhe deu,
Hoje, mendiga, mal resiste á fome,
Chorando o esposo que infeliz morreu!

Triste viuva, que vivia pobre,
Luctando embalde contra a acerba dor,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia!
Cedeu ao crime... Santo Deus!.... que horror!

Sob as arcadas de mosteiro antigo,
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos — sem um tecto ao menos
A' sombra dormem do velar da cruz!

Honrado artista, sobre um leito humilde
Cahe sem alentos — que não pode mais...
Trabalha sempre na miseria immerso,
P'ra soffrer penas no porvir fataes!

Velho soldado, que ao bradar da patria
Verteu o sangue no calor da acção...
Vergonha! opprobrio! maldição eterna!
Hoje, esquecido, lá mendiga o pão!

A casta virgem á penuria cedel...
Do erro ao crime — só um passo vae!

Era hontem pura, criminosa é hoje,
Manhan, perdida, nas orgias cael

E o rico folga nos saraus luzidos,
Sorrindo a todos c'um sorrir mordaz...
E o rico baldo aos sentimentos nobres,
Seu ouro esgota no prazer fallaz!

Só não tem ouro p'ra valer ao pobre...
Só não tem ouro p'ra calar a dor...
Só não tem ouro p'ra salvar a virgem
Dos torpes laços d'um mentido amor!....

.....
Homens durosos, que folgacs no luxo,
Vergae á dor, á compaixão vergae;
E os agros prantos de martyrio e sangue,
Nos bassos olhos do infeliz seccae.

Dai-lhe os sobejos d'essas mesas lautas,
Que as mais das vezes arrojaes ao chão!!
Folgae, embora, mas roubae á fome
Tantas familias que mendigam pão!....

P. Caldas.

VARIÉDADES.

Noticia interessante.

Uma velha escreveu uma carta a seu filho que se achava auzente, cujo conteudo era este:

—« Meu querido, filho recebi as tuas preciosas letras, e fiquei muito satisfeita por saber da tua saude, pois outro tanto não posso eu dizer sobre o teu cãosinho perdigueiro que anda manco de um pé. »

ANNUNCIOS.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho, feito de encomenda pelos melhores fabricantes, na bem areditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encomenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

A Manufactura popular,

defronte do Correio, precisa de officiaes de alfaiate peritos.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.^a

TERÇA-FEIRA 21 DE JUNHO.

N. 661.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1,75 rs. por serie de 10 numeros; 5,75 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de junho de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre o estado deploravel em que se acha a rua do Carro; pois, alem da estação invernosa, desaguam nella os canos das casas da rua do Tingui, formando pantanos e riachos, que se tornam prejudiciaes a salubridade publica, arriscando os moradores com as emanções que desprendem e impossibilitando o transito, especialmente de noite, em que *fica-se com a vista offuscada pela grande claridade produzida pelos innumeros bicos de gaz que n'ella existem, em ompensação das decimas urbanas e os celebres impostos pessoaes, a que estão sujeitos os moradores e proprietarios da dita rua.* Seria mais conveniente mudar-lhe o nome para rua do mangue, do tijuco, do atoleiro etc., visto que o seu estado actual assim o indica, porque, não obstante o entulho que lhe fizeram com barro fofo e escorregadio, *tirado do encantado nivelamento do Campo da Polvora,* tornou-se em peor condição e impropria de uma cidade como esta.

Portanto, espera-se plenas e urgentes providencias para que se possa crer no bom desempenho das attribuições e character dos nove membros que tão desinteressada e cordialmente occupam um lugar devido ao espontaneo voto popular.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que os moradores da ladeira da Piedade e rua d'Alegria, freguezia de S. Pedro, queixam-se de que um portuguez, feitor de uma roça sita á esquina da rua d'Alegria, á noite, quando desconfia que andam ladrões por dentro da roça, dá tiros de polvora e bala, o que, á ser exacto, pode trazer graves consequências, visto como pode a bala ir offender a algum dos moradores visinhos que em alguma d'essas occasiões esteja no quintal de

sua casa. Em vista pois do que acima fica dito, espera-se de S. S. providencias represivas para semelhante abuso.

—Mais um defensor da patria, um bravo condecorado, agrilhado nos ferros do captivo!

—Que aviltamento para o Brazil!

—Quando rompeu a guerra do Paraguay, José Maria, escravo, correu a alistar-se como voluntario, no batalhão de Minas, sob o nome de Joaquim Soares do Bomfim.

Naquelle epocha, o governo tinha precisão de gente, e não procurou reconhecer a identidade de José Maria.

No Paraguay tornou-se um heroe e por sua bravura, recebeu em recompensa, tres condecorações.

—Um soldado que é condecorado tres vezes, é incontestavel que distinguiu-se.

—Terminada a campanha, o bravo José Maria, volta a patria, fazendo parte do batalhão mineiro.

Regressando a sua provincia, ao chegar em Bemposta, o voluntario, sobre cujo peito brilhavam tres habitos, mesmo com a farda militar é preso pelo cidadão Francisco Vieira Machado, como seu escravo e mettido em ferros!

—O libertador do Paraguay veio encontrar a escravidão na patria, cuja honra defendeu com seu sangue!

—E, com as medalhas no peito, será agitado, si seu senhor assim o entender!

—O bravo condecorado, o heroe a quem o imperador, por intermedio de seu commandante abraçou, o guerreiro que recebeu vivas e flores á sua chegada, la geme em ferros, n'um tronco, como paga de seus serviços!

Oh!... que opprobrio para este paiz!

—Consta que o senhor de José Maria em attenção as condecorações e serviços de seu escravo propuzera ao ministro da guerra receber uma quantia por sua liberdade, mas que S. Ex. respondera não haver dinheiro!

—Cubra-se o Brazil de pejo!

Um senhor a quem um escravo prestasse

um serviço não se mostraria tão cruel, como esta ingrata patria para com o filho que verteu seu sangue por ella!

—Para que servem essas tres commendas com que premiam o valor do infeliz, si com ellas no peito, elle pode amanhan ser surrado?...

—Ja não é somente o desgraçado João Fernandes Barcellos, cabo de esquadra voluntario, que tem de ser vendido como bem do evento, tem mais um companheiro de infortunio.

—No senado, o Sr. conselheiro Furtado disse a respeito destes dous factos o seguinte:

«O SR. FURTADO tenciona apresentar um requerimento pedindo informações pelo ministerio da guerra; mas não o fará si o Sr. ministro declarar si é ou não exacto que está preso para ser vendido José Fernandes Barcellos, cabo de esquadra de um batalhão de voluntarios da patria; assim como se José Maria, tambem voluntario, que assentou praça sob o nome de Joaquim Soares do Bemfim, se acha em ferros. Deseja saber si o governo tem conhecimento destes factos, e si está disposto a pedir ao corpo legislativo meios para alforriar estes dous homens, que defenderam a honra e dignidade nacional, pelo que o segundo recebeu tres condecorações por distincção.»

—Quanto grito e a policia não ouve!

—E' na rua das Vassouras.

—Espiemos o que é.

—São dous sujeitos que investem sobre uma porta, e á força de tombos, pretendem arrombal-a; uma mulher de dentro brada aqui-d'el-rei e pede que lhe acudam.

—Nem os gritos desta, nem o estrondo das pancadas e o atroar das imprecações atrozes que proferem os desalmados, tem echo bastante para despertar do lethargo quem deve ver estas cousas.

—Ella pede que lhe valham, porque o Sr. Mandú quer lhe acabar com o que tem em casa.

—E elles dizem que não se retiram sem completar o *beneficio* que vieram dar em casa da safada Maria.

—O tal Mandú é a inversão de todos os da sua especie.

—Eu juraria que os agentes da segurança publica são presas de um somno eterno.

—Dizem que nas sextas feiras á meia noite, os diabos andam soltos; parece que o espirito maligno encarnou nos corpos daquelles dous rapazes para virem perturbar o socego publico.

—A maneira barbara por que certos senhores tratam a seus escravos é mais propria de feras do que de ser humano.

—Isto é verdade.

—A escrava Benedicta, propriedade de uma

tal Chapadista, appareceu na policia com o corpo retalhado, e dizem que sobre as carnes dilaceradas, applicaram um molho de pimenta.

—E' um genero de martyrio adoptado pelos tyrannos para trucidarem suas victimas.

Tambem não é a primeira vez que escravos dessa mulher se appresentam tão brutalmente tractados.

—A desgraçada ia se atirar no dique; mas houve quem visse e a obstasse.

—Dizem que tambem de um engenho do Reconcavo veio outra infeliz em egual estado.

—E a lei cochilla na protecção do fraco! E esses crimes que revoltam a humanidade marcham impunes!

—São incompreensiveis estes agentes de policia!

—Temos obra.

—Onde ha socego fazem barulho, onde encontram desordem passam de largo.

—Defina-me esta embrulhada.

—Vá ouvindo.

Quinta-feira á noite, uma mulher, uma furia antes, encostada a uma porta no recanto do theatro, fazia um sarceiro de seiscentos mil diabos.

Chegam quatro policiaes e perguntam-lhe o que fazia.

Respondeu que esperava uma mulher que estava naquella casa para quebrar-lhe a cara.

«Porque faz isso? perguntou-lhe um dos soldados.

«Porque entrou ahi para fallar com meu amigo, e a porta trancou-se, respondeu a vihora.

«Quer saber? disse outro soldado para o que indagava, vamos-nos embora.

E retiraram-se, deixando a furia em seu desvario, a berrar e a bater.

—Que tal! os mantenedores da ordem encontram uma pessoa escandalizando a moral, com intenção premeditada de provocar desordens e não a aconselham; não a fazem retirar-se do logar do conflicto!

—No Terreiro, um capoeira ourina ao pé das arvores ali plantadas, o que é prejudicial; a patrulha observa-lhe que o logar não é proprio e elle solta um vocabulario de desaforos, articula mil obscenos dixotes, falla em *talo*, pede aos soldados vasilha para ourinar e estes ouvem calados tudo e deixam o insolente ir em paz!

—Ou tudo ou nada.

—Na sexta-feira, um mutilado estava pacificamente sentado no adro de S. Domingos; a patrulha quer saber o que faz ali e tem em resposta que achava-se distrahindo; de novo

exige que se retire. O invalido não se mostra disposto a obedecer a uma sem-razão, e por isso prendem-no, espancam-no, rasgam-lhe o chapéu!

—Que absurdo!

—E si o cabo Cordeiro não apparece no lugar accomodando, a cousa podia ser peor, porque o povo vendo a injustiça, principiava a tomar o partido do invalido.

—E' exacto; com pequenas excepções, a cachola dos policias desta terra anda sempre desacertada.

—No domingo festejou-se Santo Antonio na matriz alem do Carmo.

—Tambem houve festa em Sant'Anna.

—E na igreja da Mizericordia, e em Santo Antonio da Mouraria.

—De todas essas egrejas em qual houve mais sumptuosidade?

—Em todas ellas o acto esteve solemne.

Em Santo Antonio da Mouraria foi magnifico.

Pregou ao evangelho e a noite no offerecimento, o Revm. padre mestre pregador imperial, frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha.

—E que tal estiveram os sermões?

—Excellentes! o padre mestre frei Carneiro não deixou nada a desejar.

No sermão da festa, elle da tribuna sagrada tratou da espada e da Cruz, desenvolvendo um jogo philosophico, a ponto de arrancar as lagrimas aos ouvintes.

—Neste caso, torna-se credor de um elogio seu.

—Não precisa; o padre mestre frei Carneiro é bastante conhecido pelo seu talento oratorio na tribuna evangelica, e na imprensa pela sua habil penna, logo o maior elogio que se lhe pode fazer é pronunciar o seu nome!

—Na segunda-feira, na igreja de Santo Antonio dos Militares, houve uma missa fúnebre por alma dos bravos da patria que succumbiram nos inhospitos campos do Paraguay.

LÁ VAE VERSO

Pelo signal

FEITO POR UM SOLDADO DO EXERCITO E SUA COMADRE, NO PARAGUAY.

O SOLDADO—Comadre já viu o Lopez?

A COMADRE—Eu nunca o cheguei a ver;

O SOLDADO—Eu o dou a conhecer

Pelo signal.

Do Paraguay general,
Foi um ladrão usurario,
E um grande adversario
Da Santa Cruz.

A COMADRE—Santo nome de Jesus!...
Vão todos dello dar cabo;
De semelhante diabo
Livre-nos Deus!

Os malignos judeus,
Pelo que já temos visto,
Não fizeram tanto a Christo
Nosso Senhor!

O SOLDADO—Oh, meu Deus! e causa horror
O que a Robles succedeu; (1)

A COMADRE—O que não faria esse atheu
Dos nossos?

Ah! quem lhe quebrara os ossos;
Pois nos mandou ea o vil
Mais de vinte a trinta mil
Inimigos.

O SOLDADO—Para evitar os perigos
Sabendo que obrava mal,
Proclamou por pastoral (2)
Em nome do Padre.

Olhe, Sra. comadre,
O pao viveu do furtar...

A COMADRE—Que menos se ha de esperar
Do filho?

O SOLDADO—Inventou esse caudilho
Fazer crer a seus soldados,
Que são actos emanados
Do Espirito Santo.

Mas o Diabo por encanto (3)
Deu-lhe lançada tão forto
Que produziu logo a morte!!...

A COMADRE—..... *Amen Jesus.*

A PEDIDO

—Como vae o sargento que levou a navalha?

—Ignoro o seu estado.

—Ora que o diabo teea cousas!

Em que hora aziaga foi aquelle homem metter-se em semelhante rascada!

—Si elle usasse de prudencia e moderação, estaria isempto do que lhe aconteceu.

—Já tinha de acontecer.

—E foi por isso que elle desceu da casa onde estava, para esbofetear a rapariga.

—Foi uma louca imprudencia.

—O rapaz quiz se muito veja a que se casa
mulos das castas virgens.

(1) General a quem um homem e uma mulhe

(2) A falla que fez o homem em cima da mulher

(3) O cabo Chico, caixão!

da namorada ou perto della e teve desejos de dar provas de militar valente; sahio; mas vendo que ficava sujo, lançou mão do resfo de um soldado para cutilar a rapariga, a qual, emquanto o negocio era de mão, não usou da navalha; mas vendo ferro repelliu com ferro.

—Eu não desculpo o delicto de Constança; mas digo que os soldados de policia, e principalmente o sargento foram os causadores de todo este desagradavel acontecimento.

Principiou por Osmo tomar o partido da outra e acabou por o sargento querer espancar uma mulher livre.

—Este sargento sempre teve uma parte de valentão; já o vi uma noite, querer entrar á força em casa de uma mulher, amasia de um paraguayano na rua Direita; assim como em um dia de entrudo chibatar um menino livre, pardo, bem trajado, porque atirou uma laranja para casa da namorada delle sargento.

—Bem diz o adagio que ninguem faça pouco no pouco.

Quem via aquella mulher de natureza sombria, calada, andando sempre de cabeça baixa, havia de julgar que fosse capaz de munirse de uma navalha para praticar tamanha barulhada.

—E' que ninguem quer ser offendido, tambem a cobra quando é pisada assanha-se; eu receio mais o sonso que o bravo.

—Com a maior parte da policia desta terra, todos os dias se dariam casos taes, si todos tivessem o genio de Constança.

—Capitão, quero lhe contar uma historia.

—Não sendo massante, diga.

—Uma mulher tinha uma filhinha bella, bonita e espirituosa.

Um mestre da *escola curandeira* se encartou em casa da pobre mãe, a titulo de protector, e seduziu a moça.

Depois do abutre ter desverginado a infeliz menina, tratou de procurar um meio para reparar o mal, e, tanto andou e virou, que por fim conseguiu casal-a com um inexperiente estudante de preparatorios.

Casado o moço, descobriu o laço em que tinha cahido; mas entendeu que dali em diante não devia fazer ninho para o *pardal* deitar-se.

Ora, o abutre casou a moça com o fim de continuar no seu lascivo costume; porem achando resistencia da parte do moço, raptou-lhe a moça.

—Ores tratam a seus estudos procurando-a de feras do que de ser hu

—Isto é verdade.

—A escrava Benedicta, pi a mãe da moça

sabia o logar em que ella se achava acoutada.

—Está me parecendo esta sua historia com uma que eu ouvi contar outro dia uma mulher.

O seductor não é um cujo casado que largou a mulher?

—Eu ja ouvir dizer que elle é casado, e por ser um marido desnaturado, separou-se da mulher, mas isso não lhe posso assegurar.

—Deixemos isso de parte e vamos ao infeliz estudante.

—O estudante, quasi louco, desprezou os estudos, e foi para o reconcavo, para a casa paterna, procurar desafogo no seio de seus paes que reprovaram semelhante casamento, quando d'isso tiveram sciencia.

—E como se chama a *angelica* mãe da moça.

—Por ora não lhe posso dizer.

—E o nome do *professional*?

—Tambem é impossivel dizer-lhe agora.

—Neste caso suspenda sua historia, que eu vou até o *Bomfim*, e depois voltarei para ouvir o resto.

(Continúa.)

VARIÉDADES.

Dizia uma criança de seis annos a um sujeito de barbas, em um jantar de cerimonia, a vista de grande reunião:

—O' papá, porque é que todas as noites quando se deita, deixa ficar as barbas, emquanto que a mamã tira o cabello?

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda com armação ou sem ella, na rua do Fogo em Itapagipe, a tratar na Ribeira, n.º 69.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 22 e 25 do corrente e 6 do mez de julho vindouro, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, as seguintes propriedades:—uma de n.º 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500\$; outra, de n.º 121, sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma devisão, no valor de rs. 1:100\$; outra, sita á rua nova do Queimado com tres frentes principiadas, em terreno tambem proprio, no valor de rs. 1:000\$, as quaes são pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José, Bahia 20 de junho de 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.^a

QUINTA-FEIRA 23 DE JUNHO.

Ns. 662—663.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, para que dê as necessarias providencias afim de acabar com a indecencia de irem meninos bastante *taludos* banharem-se nus nas praias do Caes Dourado, com grave detrimento da moral publica.

Portaria ao fiscal da Victoria, ordenando lhe terminantemente que passe a intimar ao Dr. Villas-boas, com roça na Madre de Deus, estrada do Rio Vermelho, para que incontinenti mande cortar as ramagens de arvoredos de espinho que de sua propriedade deitam para a estrada, sob pena de, no caso de reluctancia, ser mulctado e fazer-se aquelle serviço á sua custa. Cumpra.

—Capitão, ha occasiões em que eu descreio de todo da civilisação e costumes desta terra.

—Serio? tem motivos para isso?

—De sobra.

—Então vá citando.

—Basta um para exemplo.

Anda nesta cidade uma rapariga italiana tocando rabeça para ganhar a vida, meio muito licito e honesto.

—E' verdade; que mais?

—Eu entendo que quem gostar, aprecie, e quem não gostar que não ouça.

—Isso é tão exacto como tres e dous são cinco.

—Mas não é assim que fazem, não somente os moleques, mas muita gente que devia pensar melhor. Apupam; apedrejam; espancam a pobre moça; rasgam-lhe os vestidos e commettem toda sorte de estúpida selvageria.

Me parece que trabalhar não desdoura a ninguém, não é procedimento que incorra em reprovação.

—De certo. O trabalho é o contra-veneno do vicio. Apupar a quem pelo trabalho pro-

cura ganhar a vida, é ter a degeneração na alma; é apotheosar o vicio; tecer grinaldas a ociosidade.

—Si essa pobre menina quizesse ver ter o corpo, talvez achasse quem lho pagasse um caro, para não ter necessidade de usar de uma industria com que ganhe dous vintens para comprar um pão.

—E' uma acção depravada maltratar a quem procura ganhar a vida por um modo honesto, principalmente sendo essa pessoa uma pobre mulher.

—E a policia, que deve ser incansavel no cumprimento de suas attribuições; que deve ser visivel nas praças, nas ruas, nos beccos, ella que proteja a pobre estrangeira, quando no desempenho de seu meio de vida, fôr perseguida pelos garotos.

—A rua do Bangala está sempre cheia de cisco; parece que a limpeza por ali não passa!

—Creio que passa, mas que quer? Fizeram da rua gallinheiro e o remedio é ter ali com que sustentar a criação.

—Capitão, acaba de sahir dos prélos da typographia do *Diario da Bahia* o primeiro numero do *Prenuncio*, periodico scientifico litterario e recreativo; publica-se mensalmente.

—Estou sciente; já fui obsequiado pelo seu principal redactor o Sr. Franklin C. da Silva Lima, com um exemplar deste importante periodico e agradeço-lhe a sua delicadeza.

—O *virginal pudor* das irmans de charidade, não tolera o contacto de gente macha com femea no hospital de charidade.

—A mãe, não pode visitar o filho, nem esposa ao esposo.

—Entretanto veja a que se reduz os poucos escrupulos das castas virgens.

Morre um homem e uma mulher e elle trepam o homem em cima da mulher mesmo caixão!

—Mas ahí o vicio da carne está extinto; não ha o que receiar.

—E' uma indecencia, uma falta de religião, muito mais quando os corpos não são mortalhados, apezar de dizer se que a santa casa dá para isso tres varas de panno; aproveitam os trapos dos que fallecem, o que dá logar a que o cadaver va com certas partes de fora.

—Mas, homem, defuncto pobre de luxo não precisa.

—E consta que foi esse um dos motivos que obrigaram o Sr. Franco Lima a demittir-se de mordomo do cemiterio. S. m. reclamou contra a pratica immoral de ir encarapitado no mesmo caixão o cadaver de um homem e uma mulher e não foi attendido por que as charidosas não quizeram; as quaes d'ahi por diante lhe moveram mil piquetas e pirraças, a ponto do homem desgostoso, demittir-se.

—Com o que perdeu muito a santa casa.

—Homem, o mais é que aproxima-se a eleição da nova mesa.

—Si ao menos os eleitores se lembrassem de gente que não fosse tão cega apologista das mulheres de chapéu de abano...

—Como se consente um perigo deste!

—Em proveito de um e prejuizo de tantos.

—N'uma estrada publica tolerar-se que se façam tão profundas excavações!

—Onde, n'uma noite de escuro, quem não estiver prevenido, hade precipitar-se.

—Ou mesmo pode occultar-se qualquer malfazejo com sinistros designios.

—Que terra! Para tudo que causa damno a tolerancia!

Parece impossivel de crer-se que na estrada do Rio Vermelho cavem-se enormes buracos para tirar saibro!

—Quanta superstição neste povo!

Spiritismo de branco, spiritismo de preto.

—Não comprehendo.

—Quero dizer que a crença da manifestação dos spiritos está bastante adiantada.

—Não é nova nesta terra de christãos; antes do Luiz Olympio introduzil-a, ja os africanos a praticavam.

—E hoje, quarta feira, ha sessão magna, em uma roça, para evocar a alma do Chico papae, gran-sacerdote do fetichismo, fallecido ha mais de 5 annos, na rua da Poeira. Tanto quanto é crioula da historia está na roça e muita gente fina tambem. A' meia noite no ponto, tem de apparecer a alma do morto, para fallar com papae Domingos e mamãe Riquinhas Velludinho e depois manifestar-se aos proselytos da seita, para o que irão

para um matto onde não é permittido a nenhum olhar para traz.

—E a ignorancia desta gente faz com que ella tenha uma fé cega em semelhantes bugiarias!

—Tambem no Engenho Velho, no Bogum, ha grande candomblé no sabbado, o sacrificio é de um boi.

Nas Campinas tambem ha; sahem duas vudunças da casinha.

—Homem, V. parece que anda mais enfronhado nesses negocios de candomblés do que a propria policia.

—Veja o resultado da desmarcada ambição das irmans de charidade.

—Estou ouvindo.

—Herculano de tal, foi ferido por uma horrenda pedrada que recebeu sobre a fronte, no forte de S. Pedro; entrou para o hospital afim de tratar-se; quando a ferida começou a cicatrizar-se, as mulheres apresentaram-lhe uma brocha e tintas e lhe ordenaram que fosse pintar as portas do hospital; o homem recusou-se e ellas o deitaram para fora sem estar de todo curado.

—Que ridicula impostura! Uma casa que cobra paga do favor que faz, apregoar-se que é de misericordia; que soccorre a miseria por espirito de charidade!

—E ninguem é capaz de contestar; no hospital de charidade, os doentes em convalescença, pagam com serviços corporaes os soccorros que receberam.

—Onde está o merito do beneficio si elle não é despido de interesse!

—Pavonada so! Disfarçada hypocrisia!

Deixe-me concluir.

O homem, enxotado do hospital, com a ferida ainda aberta, por que não quiz pintar portas, dahi a dous dias era victima de um abcesso e morreu!

Quem foi causa daquella morte?

—A gana interesseira das irmans de charidade.

—E' assim que ellas procuram suavisar as angustias; cercar de esperanza, de fé e consolações a infelicidade.

—Capitão, quero dar-lhe conhecimento de uma estrategia do olho-vivo, para que V. Ex. previna-se.

—Vamos a isso.

—Ha dias, apresentou-se no escriptorio de uma empreza á cidade baixa, certo individuo trajado ao rigor da moda, e pediu que lhe trocassem uma cedula de 500\$ rs.

Trocado o dinheiro, quando elle o contava, reclamou a falta de 50\$ rs.; quem lhe deu o

troco, duvidou, tomou o dinheiro passou-o e repassou-o de novo, e viu que na verdade faltavam 50\$ rs. Ficou perplexo por ter consciencia que contara a quantia exactamente, mas vendo que o individuo não se movera, nem fizera o menor gesto, não teve remedio sinão dar-lhe 50\$ rs mais.

—Talvez se enganasse realmente.

—Enganado está V. Ex.; o melro embebeu cinquenta bagos de mais.

—Mas como?

—No final verá.

Dali, o *industrioso* dirigiu-se a um estabelecimento, onde arranjou que lhe trocassem 200\$ rs., e eis que apparece outra phantasiada falta de 20\$ rs., que foram obrigados a dar-lhe.

Não contente com a felicidade da exploração, emprehendeu nova tentativa com um negociante, na qual ainda foi feliz arrecadando mais 20\$ rs.

Passados dias, quiz o acaso, que em conversa, e pelos signaes do individuo, viessem a descobrir os lesados que tinham sido victimas de um logro.

Indaga d'aqui, indaga d'ali, souberam a morada do sujeito, e lá foram exigir o dinheiro extorquido; tambem elle não pôz duvida em entregal-o.

—Mas então esse homem é encantado, ou faz prodigios?

—E' muito simples o artil.

O cujo anda munido com uma substancia, uma especie de pó humido; quando recebe o dinheiro, deixa-o sobre o balcão ou mesa, para não dar o que desconfiar; na contagem, vae abrindo as cedulas e estendendo uma sobre outra. Nessa occasião passa sobre uma dellas uma camada do dito pó que ja traz preparado na palma da mão, assenta outra cedula de igual valor sobre aquella e ambas ficam imperceptivelmente unidas, sem com tudo ficarem grudadas. Feita a operação, conta o dinheiro até o fim e com o maior sangue frio reclama a falta.

Elle não se mexeu; contou o dinheiro sobre a mesa, á vista de todos, quem não comerá a pilula?

O dono da loja ou estabelecimento conta, torna a recontar e dá com a falta sem nunca atinar com o roubo.

E o marreco sabe dali com aquelles tantos de mais, rindo-se do logro que pregou.

—Para mim esta é nova; quem mais vive mais aprende!...

—Esta epocha é eivada de corrupção.

—Estou por isso, meu austero moralista.

—Punge o coração do homem pensador ver

a marcha desregrada da sociedade actual, a qual só fita suas vistas para o metal e para os prazeres mudanos, esquecendo-se de que ha um Deus todo poderoso, a quem se ha de prestar contas do bem e do mal que fizemos nesta vida transitoria, na qual apenas cumprimos um degredo, como filhos de Eva...

—Ao menos, assim nos ensina a *Salve Rainha*.

—Nesta epocha de confusão e desordem, vemos a cada canto meninos de 6, 8 e 10 annos fumando pelas ruas mais publicas o seu cigarro ou charuto.....

—O mais notavel é saber lhes dá o dinheiro, ou porque meios *honrosos* elles o adquirem.

—..... e ao passarem pelos anciãos, cujos cabellos já branquejam, largarem nos rostos destes baforadas de fumaça, como para attestarem a educação que recebem de seus paes.

—Prova que a civilização vòa.

—Mais alem, vemos alguns meninos da mesma idade fallarem ao pae ou a mãe de chapéu na cabeça e tratal-os por você, como si ambos tivessem origem de um mesmo ventre.

—Mas quem lhe deu o direito de satyrisar os costumes?

—Alem, encontramos uma sala em que estão duas ou tres meninas de 12 a 14 annos fazendo a còrte a dous rapazolas e a mãe muito cheia de orgulho assiste a este germen de futuros desgostos!

—E V. a enfronhar-se em camisas de onze varas!

—Grande Deus!... até onde chega a vossa misericordia que não desprendeis o vosso castigo contra esses desgraçados que não sabem guiar a juventude!!!...

Não se lembrarão esses paes desnaturados, que ao unirem-se pelos laços indissolveis, perante a Imagem do Redemptor do mundo, o sacerdote lhes explica que não devem desejar tanto riquezas para accumular para os filhos, como para os criar no amor e temor de Deus, e dar lhes uma boa educação?

Não se lembrarão que o castigo do *vicio proprio vicio*, e que por isso ha tantos exemplos de filhos espancaram os paes e até mesmo tentarem contra a existencia delles?

—Eu achava melhor que V. dissesse

Fallo —ninguem me responde

Olho—não vejo ninguém.

—Mas... as authoridades, a quem está confiada a segurança e a ordem social, cumpre velar sobre esses desregramentos publicos da sociedade.

—Ja agora deixe dar meu pedacinho.

—Tambem aquelles que são incumbidos d'

educação da juventude devem desvelar-se para que em tão tenros arbustos não se vão arraigando tão perniciosos vícios.

A religião da epocha.

Ahi vão algumas linhas escriptas sobre a mais santa de todas as religiões; aquella que professamos, plantada no cimo do Golgotha pelo mais verdadeiro philosopho. E' pena que a egreja catholica se tenha tornado um theatro de immoralidades, vendo-se nella factos que merecem acres censuras.

Entremos em um de nossos templos em dia de festa; ahi encontraremos logo uma mesa onde se vendem registos... E será isso decente? Não foi Jesus Christo, quem lançou á azorrague fóra do templo, aquelles que ahi mercadejavam?

Ah, homens! sois uns ridiculos Judas!

Ridiculos, sim, por que Judas vendeu a Christo por 30 dinheiros; vós por dous ou quatro vintens o vendeis no dia de sua festa!

Começa o sacrificio da missa; o que vê-se sinão immoralidades? Sem querermos fallar das irreverencias que se praticam, dos escandalos que se dão com o mais torpe namoro, fallemos apenas de um irmão que apparece repartindo registos com pessoas escolhidas e valendo-se daquellas estampas, para o que, meu Deus?... a mão nos treme e a penna nos cahiu.

Tudo para se ver.

Ha na vida particular tão doces attractivos, tantos encantos, que não sei como pode certa gente despresal-a para viver para o mundo, somente para a ostentação que elle exige.

Na justa mediania está o prazer e na posse das commodidades da vida, acha-se o homem feliz.

Pois um par que se ama, n'uma casa onde nada falte, limpa e aceiada, gozando do termo medio nas necessidades da existencia, livres desta fantasmagoria que tanto exterior apresenta, e que nada é no interior, é gosar dos dias com sabedoria e uma perenne ventura!

E comtudo ha muita gente, que será capaz de dar um pedaço do nariz ou da orelha, comtanto que todos vejam suas acções; fallem dellas; olhem admirados para sua casa, sua mulher, seus moveis, um candieiro que comprou, o anel que tem no dedo e os botins que são gaspeados.

Que ha gente que tudo que faz é só para que se veja não se pode duvidar.

Um tal Bernardes Francisco, possui um grosso cabedal; enriqueceu ninguem sabe como, e conserva no meio de sua riqueza essa

falta de gosto que acompanha sempre o homem que não teve principios. Mas, o Sr. Bernardes Francisco quer primar, quer que todos saibam que é muito rico e que pode fazer grandes cousas, inda que no particular não seja capaz de gastar dez tostões n'uma libra de queijo para sua mesa. Vem-lhe como de proposito occasião favoravel para se mostrar.

Alguem se lembrou de fazel-o juiz de uma festa, padrinho de um menino, ou possuidor de um camarote em noite de beneficio, para o qual ha muita affluencia. Que gosto para o Sr. Bernardes Francisco! Em particular, ao desenferrolhar das loiras de sua secretaria, o coração se lhe parte de dôr e está capaz de chorar; mas, não ha remedio, é para brilhar em publico, todos devem ver a sua acção e fallar no Sr. juiz que fez e aconteceu; no Sr. padrinho que assegurou a sorte de seu afilhado, ou no diletanti que abriu sua bolsa para pagar generosamente um beneficio. Não tem duvida, lá se vae dinheiro para foguetes, fogos de artificio, maquinas, etc., etc.; lá se arma a egreja toda para o baptisado e o vigario recebe suas duas moedas de esportula, e o beneficiado não fica sem seu periquito bem verde pelo camarote.

Oh! não ha genio munificente como o do Sr. Bernardes Francisco!

Ao voltar da festa, porem, onde dispendeu meia duzia de contos de réis, se enfurece e é capaz de lançar pela escada abaixo o pobre miseravel que lhe veio pedir uma esmola, quando estava sosinho em casa e que ninguem o observava. Tudo para se ver, somente para se ver.

Possuido desta mania, um conheço eu, que ao passo que compra para a mulher vestidos carissimos, e a traz como uma boneca, porque sua casa é frequentada e elle deseja fazer admirar a belleza daquella que lhe cahiu nas garras; dando porem esses caros vestidos, nega-se a lhe comprar meias e camisas, porque, diz elle, ninguem vê as meias com os vestidos compridos da moda e a camisa só elle é que sabe, pois só elle é que vê. Sua casa é preparada com muito gosto e aceio, mas sua cama não tem lençoes, porque ninguem vai no quarto. Gasta dinheiro em qualquer asneira, com tanto que lhe seja offerecida para comprar a vista de gente, e recusa receber o livro ou folheto que lhe provém da sua assignatura, porque o postilhão teve a infelicidade de trazer-lhe em occasião que estava sosinho.

Tambem sei de outro que so paga assignaturas de jornaes quando tem a sala cheia de gente.

Nas mulheres este procedimento é muito commum. Querem somente ser admiradas pelo exterior que apresentam e nada mais. Muitas conheço eu, que lavam o rosto duas e tres vezes no dia, e não limpam os ouvidos, que estão cheios de cêra, capaz de esterçar duas ou tres leiras de alface.

Ha mocinha por ahi, que figura nos bai-les, que falla como papagaio em tudo, e que traz a cabeça cheia de muquiranas, com que não se importa, pois que ninguem vai pesquisar a sua cabeça.

Quanta sinhá de vestido de seda por ahi anda, e por quem andam os rapazes de beijo cahido, que trazem o corpo em misero estado?

Mas.... então no principio do seculo actual, o exterior é tudo, o interior nada. Que se importam ellas, si o corpo fica escondido debaixo de tres ou quatro anagoas?

Os que obram suas acções somente para serem admirados, se conhecem facilmente. Nunca vereis a um d'estes, apeiar-se de seu carro, si o possue, ou de seu cavallo, sem dar uma ordem em voz alta ao seu criado ou escravo. Sempre o encontrareis em publico enfadado contra os seus que lhe não engommam a roupa em ordem; contra o seu charuteiro, que sendo o melhor, e lhe vendendo charutos a tustão, com tudo o engana, e lhe dá charutos maus. Emfim, não perde um so meio de se fazer notar, inda que ninguem repare, pois la em sua cabeça elle está sempre persuadido que em apparecendo em publico, estão todos a olhar para elle.

Si isto que fica exarado n'este artigo não é verdade, estamos promptos á dar as mãos as bolos.

LÁ VAE VERSO

Satiras.

(REMESSA AO «ALABAMA.»)

I.

Nem sempre um triste poeta
Pode dizer o que sente;
Si canta amor — é babão,
Si diz a verdade — mente.
Si pede á morte que venha
Acabar seu soffrimento,
Peitos ha desnaturados
Que gritam — salta jumento!
Se fere os torpes costumes
N'uma critica severa,
Dizem muitos: «Que sandeul!»
Vejam como elle exagera!
Mau mister é fazer versos,
Estou mais que convencido:

Que o fadario do poeta
E' peor que o do marido.

Si ás vezes vibrando a lyra,
Da patria celebra os feitos,
«Quer osso ou quer sinecura»
Gritam mais de dez sujeitos.

De modo que o amor da patria
Não é mais que um nome vão:
Existiu.... mas o egoismo
Matou-o no coração.

Esses combates sangrentos,
Onde o leão brasileiro
Subjuga o paraguayo,
A vista do mundo inteiro;

A bravura inexcédível
De Osorio, marquez do Herval,
O condor rio-grandense,
Cuja gloria é immortal;

Que passando o Paraná,
Primeiro em terra pizou,
E... ente de seu piquete
De lança em punho atacou;

Os dous Machados valentes,
Um Triumpho audacioso,
Um bravo Menna Barretto,
Um Argollo valoroso;

Esse Cam'ra destimido,
Heroe de tamanha gloria,
Cujas feitos transcendentos
Vão ser gravados na historia;

Essa forte infantaria,
Os valentes artilheiros,
Os bravos leões do sul,
Temerarios cavalheiros;

Sem couraça, a peito aberto
Galgando fossos, trincheiras,
Tudo isto nada vale,
Não são glorias brasileiras?

Em summa morreu o Lopez,
E agora tudo acabado,
Dirá muito financeiro:
«Para que tanto soldado?»

E' bom deixar as fronteiras
Desguarnecidas tambem;
E' de grande economia,
Poupa-se muito vintem.

A segurança do povo
E' cousa que não importa;
Quando houver outra invasão,
Poremos tranca na porta.

Ta, ta, ta.: que entusiasmo!
Se acalme, senhor poeta:
O que tem você com isso?
Ora, não seja pateta.

Quo se importa que as finanças
Andem de canto chorado?
E que de imposto o papel
Ando o povo carregado?
E si acaso isso acontece,
Não queira saber porque:
Os homens lá, sabem muito,
Entendem mais que você.

Sorão as formaes palavras
De algum velho barrigudo,
Amante de seu socogo
E da pansa mais que tudo.

De modo que d'esta forma,
Illustrissimos leitores,
Ser juiz com taes mordomos
E' impossivel, senhores.

Portanto vou-me alistar
No corpo dos trovadores,
Vou cantar Analias bellas,
Minhas penas, meus amores.

II.

Em sonhos eu vi Analia,
Em branco leito dormindo,
Nos labios semi-abertos,
Um sorriso vinha abrindo.

Esses labios rubicundos,
Onde amor tem seu poder,
Eu quizera, mas não posso,
Beijal-os, depois morrer.

As tranças negras cahiam
Sobre o collo alvi-rosado,
Ondeando preguiçosas
Sobre o seio perfumado.

Mas, ah! o casto pudor
Cubriu com todo carinho
Os arcanos da belleza
Com alvo lençol do linho.

Mão formosa sujeitava
Alvejante fina tela
Sobre o seio, onde existia
A obra de Deus mais bella.

Eis se mexe.... eis surde a furto,
Apartando o branco linho,
O mais pequeno, o mais bello,
O mais galante pesinho

Diante do pé mimoso,
Não me cansava de vel-o,
Quando sahio do lençol,
O mais lindo tornozelo.

As veias cor da violeta,
A pelle cor de jasmim
Sobre um osso aprimorado...
O que ha de mais bello emfim.

Que indecencial.. vejam só.
Gritará, voltando a vista,

Algun hypoerita sujo,
Com visos de moralista.

Pois, senhor faça do conta
Quo eu Analia nunca vi,
Nem dormindo, nem brincando,
Finalmente que eu menti.

Rio de Janeiro 5 de abril de 1870.

Gregorio Mathias.

A PEDIDO

Ao Illm. e Exm. Sr. Dez. vice-presidente da provincia

Pedindo-lhe quo, durante o tempo de sua administração, não se limite a vir de sua casa para palacio dar o expediente do costume, visto como um bom administrador como parece ser S. Ex., deve ver e examinar tudo.

Si S. Ex. der um passeio até o lugar denominado—Engenho da Conceição, avaliará o talento dos engenheiros da provincia no plano que deram para a obra da ladeira que vae ter ao Tanque, e verá o enorme angulo que descreveram, quando deve ser uma linha recta, para a perfectibilidade da referida obra.

Au revoir, Exm. Sr.

—Muxingueiro, vê si agarras aquelle te-sastrado moleque.

—Ah, capitão, varou pela casa do Sr. Galdino de Souza Barreto a dentro. Talvez seja seu escravo.

—Nesse caso, vae prevenir ao Sr. Galdino quo si aquelle desastrado é seu escravo ponha cobro á suas diabruras. Diz-lhe que o maligno moleque é o flagello das pretas e pretos velhos no Terreiro; que é um atirador de pedras, o que lhe pode trazer algum prejuizo no dia em que quebrar a cabeça de alguém.

—Vou ter com o homem, capitão e si elle não estiver de humor a reprimir as travesuras de seu moleque, eu me porei de espreita até agarral o.

—Capitão, ouça o que me contaram.

—Estou ouvindo.

—Entrou em uma loja de calçados, um modesto operario para comprar um par de botinas para criança. Depois de ajustar por 30 rs tirou do bolso uma cedula de 100 rs. e deu para pagamento. O logista mettu na gaveta e deu troco de 50 rs.; o operario fez ver que tinha dado 100 rs., mais o logista batten pé que fôra 50 e a nada quiz acceder, nem mesmo a rever o dinheiro para reconhecer o signal que lhe dava o operario.

—Ahi é que está a má fé, por que o enganar-se ora fativel.

—E o pobre operario que leva das seis a seis no arsenal para ganhar um tenue salario, ficou sem seu dinheiro, ganho com tanto trabalho!

—E' preciso fazer assim para enriquecer; é preciso tornar-se *aguia* nas alicantinas, para adquirir *ouro*.

—Ora pois, *mister*, continúa V. na suave pepincira de vender 4 arrobas por 3, 7 por 6, 10 por 9 de *combustivel*, e vae arrecadando as sobras!

—Excentricidade ingleza, capitão.

—Ratonice descarada.

Bispou V. esse meio de roubar a companhia que é um nunca acabar.

—Sou homem disso, capitão.

—Rato! Vou mandal-o para a *companhia do gaz*, afim de lá o mettrem nas fornalhas á ver si o reduzem a *carvão de pedra*.

(Continuação do n.º 664.)

—Eis-me de volta.

Colhi na minha ida ao *Bomfim* mais alguns factos do tal *curandeiro*.

Esse abutre, no Rio Vermelho disverginou uma *candida* moça, filha a *paínada*, atirando-a depois no immundo lodaçal da prostituição.

—Eu tambem lhe ia contar esse caso; mas, ja que sabe, dispense-me de tratar d'elle.

—Sei d'isso, porque em caminho encontrei com a *angelica* mãe da rapariga, e um sujeito que ahi estava, disse:—*lá vae uma mãe cruel que entregou a filha a um professor da escola curandeira, o qual depois de satisfazer seus lascivos desejos, casou-a com um incauto estudante de preparatorios.*

—Infeliz mulher! exclamei eu.

—Bem feliz que é ella, respondeu elle.

Esta resposta me surpreendeu.

Elle proseguiu:

Esta mulher fazia suas *caridades* e por ser bem *caritativa*, achou, depois de bem experimentada do mundo, um homem que a desposou.

Igual sorte porem quiz ella que a filha tivesse; mas trocaram-se as bolas!

Tratei de indagar como se chama a mulher e elle me disse que não sabia, pois o que a respeito d'ella tinha colhido foi por informação da *Joanna*.

Na.... mente me vieram factos, que... varro taes pensamentos!

Conclua V. sua historia.

—V. Ex. ja é senhor de toda ella.

Ha apenas ahi um facto, que ainda não sabe.

—Então diga.

—O irmão da moça acha-se empregado

em um hospital, cujo emprego foi arranjado pelo tal *curandeiro*.

—Esse *pardal*, esse marido desnaturado, esse *curandeiro* que não cumpre o juramento que prestou, esse miseravel seductor, não é possivel que tenha *bom fim*.

—*Hodie mihi eras tibi!*

VARIÉDADES.

Um piloto vendo, que os seus passageiros tinham muito medo de certa costa por onde passava o navio, animava-os dizendo-lhes:

—Não tenham medo, porque eu conheço muito todas as pedras, que ha por aqui.

Nisto bate o navio sobre uma rocha.

—Olhem, disse elle, a sangue frio, ahi está uma dellas!

Quem depois da leitura das orações funebres de Bossuet, tiver necessidade de uma diversão, acha-a de certo nos sermões do padre Knapp, denominado o—*evangelista*—ministro baptista, cujas predicas estão hoje fazendo um effeito *de mil demonios*, nos peccadores de New-York.

Eis uma amostra do seu melhor estylo:

«—Amigos meus, vou apresentar-vos o quadro do que se passa no inferno.

«O diabo está sentado á sua carteira para receber as almas que da terra lhe mandam.

«Truz! truz! E' o carcereiro que lhe traz uma alma.

«—Quem és tu?

«—Sou Benjamin, ministro do governo confederado.

Ja ca te esperava, diz Satanaz, escrevendo-lhe o nome no livro mestre do inferno. Sou bom rapaz, e gosto de servir os que me obsequieiam. Aqui não se está muito commodamente; mas eu farei o que poder.

«Voltando-se para o carcereiro diz: «Põe o Sr. Benjamim n'um sitio onde tenha uma boa corrente de ar.

Truz! truz!—Entra um individuo que n'aquellè momento acabava de ser enforcado em Cincinnati por ter matado a sogra.

—Ora! que miseria! exclama o diabo; toma cuidado n'esse rapaz; conheço lhe a sogra; ha tres semanas que está aqui. Que velha tão desagradavell! Eu mesmo fazia gosto em lhe torcer o pescoço.

Está na celula n. 63. Ha la fresco de mais para ella. Mette o genro, e põe em frente do braseiro a velha.

«Truz!truz!—Terceira victima.

—O que fizeste?

«Ah? meu senhor, vim para aqui por ter

feito um juramento. Apenas tenho esse peccado de consciencia.

—Satanaz pula indignado. Fizeste um juramento, desgraçado! Blasphemaste o teu Creator! Comprehendia que matasses um homem; que roubasses por precisão; ou que espancasses algum credor. Isso pode ter desculpa. Mas profanares o nome do Salvador, que morreu por ti, é crime irremissivel.

«Não respondes, velhaco?»

«Carcereiro enterra até ao pescoço este malvado, no sitio em que os carvões estiverem mais accesos; e assenta-lhe em cima da cabeça outro condemnado!»

Como deve ser a mulher.

Para que a mulher gose completa perfeição na sua belleza, deve ter:

Tres cousas brancas: a pelle, os dentes e as mãos.

Tres cousas negras: os olhos, as sobrancelhas e as pestanas.

Tres cousas rosadas: os labios, as faces e as unhas.

Tres cousas compridas: o talhe do corpo, as mãos e o cabello.

Tres cousas curtas: os dentes, as orelhas e os pés.

Tres cousas largas: o peito, a testa e o intervallo entre as sobrancelhas.

Tres cousas estreitas: a bocca, a cintura e a juntura dos pés.

Tres cousas grossas: os braços, as coixas e as barrigas das pernas.

Tres cousas pequenas: o seio, a cabeça e o nariz.

Nas margens do Marne, perto de St.-Maur, lê-se o seguinte, collocado no fim de um pau:

*A authoridade militar
prohibe
que se afogue aqui qualquer
por imprudencia ou
accidente.*

—Sargento, o que é que houve em 93, de que tanto nos fallam?

— Em 93? Ora, não sabes?

— Não.

— Houve... sim... houve... a revolução de 1830.

Um avaro escreveu uma carta a um sujeito, pondo-lhe o seguinte:

P. S.— Desculpe não ir a carta franqueada; no momento em que a deitava na caixa despregou se a estampilha e perdeu-se.

Fechou-a e enviou-a pelo correio.

Epigramma.

Ha quem diga que Malherbe,
De viagem se hospedara
Em casa de um archebispo,
E lautamente jantara.

O prelado que pregava,
E pregava muito mal,
Quiz por força que o poeta
Fosse ouvil-o á cathedral.

Mas, moroso e bocejando,
Responde o baccho noviço:
«Perdão, senhor, desculpae:
«Eu durmo mesmo sem isso.»

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda com armação ou sem ella, na rua do Fogo em Itapagipe, a tratar na Ribeira, n.º 69.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 25 do corrente e 6 do mez de julho vindouro, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, as seguintes propriedades:—uma de n.º 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, terreno proprio, que devida com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500 $\frac{1}{2}$; outra, de n.º 121, sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma devisão, no valor de rs. 1:100 $\frac{1}{2}$; outra, sita á rua nova do Queimado com tres frentes principiadas, em terreno tambem proprio, no valor de rs. 1:000 $\frac{1}{2}$, as quaes são pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 20 de junho de 1870.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NÓITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho, feito de encomenda pelos melhores fabricantes, na bem acreditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encomenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª

TERÇA-FEIRA 28 DE JUNHO.

N. 661.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de junho de 1870.

Officio ao Exm. Sr. governador do arcebispo, expondo-lhe o estado de profanação e desacato em que trazem as irmans de charidade a capella de Nossa Senhora da Piedade edificada no hospital da santa casa.

Essas mulheres admittem á noite um cavallo, como si o fim desse pio estabelecimento fosse receber animaes á trato.

Tres cabras (bicho) que igualmente ahi pastam, invadem á qualquer hora o sanctuario do Senhor e o cavallo faz delle seu dormitorio!

Espera-se que S. Ex. tomando em consideração o pouco apreço em que as irmans de charidade tem o respeito devido ao templo de Deus, não tolere a continuação de tão escandalosa irreverencia.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da santa Misericordia, participando-lhe que o exposto de nome Bento, por descuido ou deleixo de quem o cria, rendeu-se, na quinta-feira, das verilhas, formando-se grande sacco herniario e consta que nenhum curativo lhe foi applicado, antes no dia immediato e subsequentes tem o menino sido visto a correr pelas ruas, conforme seu costume habitual.

Por obra de humanidade, pede-se a S. S. que essa pobre creanca, cuja idade não pode exceder de quatro annos, seja recolhida ao estabelecimento, onde, talvez ainda seja possivel, com os recursos da medicina remediar a tamanha defomirdade, o que não acontecerá si for deixado ao abandono, vindo a tornar-se um homem inutil.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, declarando-lhe que pela falta de providencias da parte de S. S., continúa o deshonesto costume de tomar-se banho nũ no *Buraco de Sinhá Anninha*.

A' vista das repetidas queixas das familias

do logar, de novo insta-se com S. S. por uma medida repressiva.

—Ouça e diga-me si isto não é zombar ou sadamente do bom senso publico.

—Falle, que estou ouvindo.

—Affirmam que o aceio da cidade tem por fim remover do meio della as materias susceptiveis de corrupção, que possam viciar o ar e causar incommodo ou perigo á saude publica.

—E que difficultem o transito publico; é do contracto.

—Entretanto, a Preguiça, que é centro do mercado do peixe, onde a população corre á supprir-se desse genero alimenticio, de primeira necessidade, é o logar mais proprio que o empzario do cisco achou, para com petulante desplante, fazer deposito de immundicies!

E' facto que não se contesta, porque todos podem ver.

Os carros da limpeza vão ali despejar tudo quanto é asqueroso e immundo; o exterquillio já vae assumindo a altura de um outeiro.

A fedentina é insupportavel; os vermes immundos saltitam aqui e acolá; as varejeiras voam da podridão para as gamellas.

—E é um individuo que tão *felmente* cumpre o que contractou, a quem a primeira authoridade da provincia não teve escrupulo de proclamar officialmente como o homem necessario e de reconhecida actividade para desempenhar semelhante commissão!

—Placida e serena como um mar de rosas tem corrido a eleição.

—Si todas ellas se fizessem assim, que fortuna para o povo!

—As respectivas mesas e uns dez ou doze affectos da parcialidade que domina, dão conta do recado.

—Ao menos, as vinganças, os processos, o recrutamento, ficarão para outra vez.

—Haveria algum contra-tempo no gazo-

metro?

—Não lhe vejo geito para isso.

—Falta ainda um quarto para quatro horas e já a cidade está em trevas!

Ao menos as ruas porque temos passado.

—Pois hoje é que reparou nisso?

—V. sabe que não costumo sahir de madrugada.

—Uma cousa que ninguem estranha mais! E' apenas uma *innocente* economia que faz a companhia nas ruas mais solitarias; as mais transitadas apagam-se commumente ás quatro e tres quartos.

—Tanto faz dar na cabeça, como na cabeça lhe dar; logo que não se apague com o dia fora, o contracto é violado.

—Não ha contractos que sirvam.

—Serve tanto que o governo tem um inspector e um ajudante para fiscalisar as irregularidades da companhia.

—V. quer especular muita cousa.

—Não lhe agrada o meu dizer? Então ca-lo-me.

—E obra com juizo.

—Em toda parte se apresenta a companhia do *olho-vivo*!

No sabbado, na egreja da Piedade, na hora em que se celebrava o officio funebre pelo finado visconde de Itaparica, um membro dessa companhia, aproveitando-se da occasião, escamoteou uma carteira do bolso do coronel Botelho; mas felizmente foi mal succedido em sua escamotagem por estar de parte um sujeito que arrancou-lhe a carteira da mão e a entregou ao coronel.

—Nem no templo sagrado esses miseraveis respeitam as algibeiras alheias!

—No domingo, 19, os soldados do destacamento do Caes Dourado deram n'um homem á matar.

Foram prender a um e como não encontraram, espancaram ao outro.

—Que boa policia!

—Na quarta feira a meia noite dous individuos que diziam serem filhos do Sr. Pessoa, poeta, quizeram arrombar uma porta, na Praça.

Fizeram tão pequeno alarido que obrigou o presidente á chegar á janella para saber o que era.

—Na vespera de S. João, contaram-me, deu se um caso funesto no arsenal de marinha; mas que não garanto a sua veracidade.

—Em todo caso relate-o.

—Um menor do arsenal, estava com uma garrafa cheia de polvora, quando ao se appro-

ximar um seu companheiro com um chuveiro acceso cabiu dentro da garrafa uma faisca.

—Misericordia!

—A garrafa estourou, succedendo um dos menores levar um pedaço de vidro nas verilhas, do que, dizem, morreu.

—Coitadinho!

—Um outro ficou sem dous ou tres dedos, e dous feridos levemente.

—Santo Deus! Como é que deixa-se umas crianças brincar com polvora?

—Isso, a ser exacto, comprova o amor quasi paternal que ha ali por aquellas criancinhas.

—Quem anda pelo Rio de S. Pedro continúa a soffrer risco de vida; os tiros para quebrar pedras repetem-se sem cautella.

—O delegado ja andou por la.

—Mas parece que nada conseguiu.

—A policia, podia ao menos, impor a providencia de que, na occasião em que se tivesse de dar os tiros, se fizesse um signal para advertir a quem passasse á não se expor ao risco.

—Nunca vi tanto fogo solto como este anno.

—E eu; as ordens da policia foram bur-ladas.

—Ora! si houveram soldados que receberam esportula para deixar *brincar*.

—Tambem outros cumpriram restrictamente seu dever.

Eu sou amigo da justiça; vi o tenente Ovidio fazer prisões com muita moderação e prudencia; o cabo Cordeiro tambem, e mais dous policiaes que não conheço; assim como um portou-se indignamente na Baixa dos Sapateiros mettendo a chibata no meio de um ajuntamento, do que resultou grave conflicto.

—O que ouviu dizer de desastres?

—Alguns.

Dizem que o capitão Faria Rocha foi offendido na cabeça por uma taboca; um foguete penetrou na casa em que estava uma senhora filha do procurador Malaquias a qual se acha pejada, causando-lhe grave encommo e quebrando um espelho; um socio do Sr. Joaquim Matheus dos Santos, com venda em Santa Barbara, estando á conversar da parte de fora, estourou-lhe um foguete sobre uma das pernas que o poz em serio risco; na rua do Carro penetraram em duas casas, causando estragos; na Calçada quasi queima-se uma mulher; na rua do Collegio, no dia immediato, dava-se tiros de *pecinha* de uma casa, as faiscas pegaram nos vestidos de uma moça que passava e atearam-se em labaredas,

foi soccorrida; no portão da Piedade um foguete levou o peitoril da janella de uma casa e ia ganhando fogo. Isto é o menos, o mais é o que não se sabe.

—Dous divertimentos tão perniciosos e aos quaes a população está tão affeita que não se quer desarraigá-los delles—o entrudo e os foguetes!

«—Aqui d'el rei! estou ferido!»

—Homem, va ver que gritos são estes.

—E' o *mercurio* José Roberto, que passa, banhado em sangue, bradando que o Sr. Nascimento, musico da cathedral, lhe esborrachou a cabeça com uma formidavel porretada, na rua do Pão-de-Lot.

—Isto so de doudo.

—Ou excesso d'alegria por ser dia de S. João.

—Quem as atou que as desate; si realmente, como diz elle, o Sr. Nascimento fez isso, a policia que lhe indague que motivo teve para exceder-se tanto.

—Em todo caso é sempre um delicto que não deve passar por alto.

—No sabbado á noite, o gaz teve um desmaio; muitas ruas ficaram ás escuras e immensas casas de negocio tambem.

—Si fosse a empreza que soffresse qualquer transtorno, talvez quizesse exigir indemnisação de prejuizos; mas ella não resarce aos prejudicados as perdas, que causa com suas continuadas faltas.

—Muitas ruas da cidade estão que fazem nojo.

Por causa da noite de S. João; as fogueiras, as palhas de milho, emporcalharam-nas.

—Mas a empreza por que não limpa?

—Não pode dar vasão; não tem força sufficiente; ha ruas que ha quatro dias ainda não houve tempo para serem varridas.

—Ora ali esta a empreza alcunhada de habilitada pelo Sr. S. Lourenço!

—V. está vendo que ella é incapaz de dar conta do trabalho ordinario, como se admira que fique abarbellada com esse extraordinario?

—Si eu fosse authoridade competente mandava fechar o portão de um becco que ha no Terreiro, entre a faculdade de medicina e a propriedade contigua.

—V. não diz nada que se aproveite. O que tem a authoridade com um portão particular?

—Eu lhe digo. Ali, á noite, é theatro de scenas deshonestas e libidinosas; serve de latrina publica; é uma esterqueira que pode

adubar de estrume uma roca inteira. As irmandades de charidade, depois que se deitaram bancos em redor das arvores, fizeram delle cisqueiro: lama, tijuco, tripas de gallinha, aguas pôdres, tudo ali se despeja.

—Que pechincha para a saude dos vizinhos!

—E visto que os fiscaes não tem accção para multarem essas mulheres, pela porcaria que fazem, nem os soldados de policia olhos para ver quem entra ali de noite para saciar seus appetites corporaes, ao menos, trancado o portão, cessava parte do inconveniente.

—Por morte do visconde de Itaparica houve *pendenga* ecclesiastica.

—Mas elle morreu catholico, fiel aos dogmas da egreja.

—Não é disso que se trata; a cousa é muito differente.

Sendo a casa, em que falleceu o illustre general, lemitrophe das freguezias da Sé e S. Pedro, ambos os reverendos vigarios questionaram sobre o direito de contal-o no numero de seus comparochianos.

Trocaram-se notas; allegaram-se razões; exhibiram-se documentos de parte a parte e por fim ficou decidido que, competia ao vigario da Sé o direito de acompanhar o corpo até a egreja da Piedade, cabendo dahi em diante ao de S. Pedro.

—Eis um facto que abona muito a sollicitude e zelo parochial.

—V. deve reflectir outra cousa; o que são as contingencias do mundo. Uns com tanto, outros sem nada.

Ao passo que para o general se apresentam dous á prestar as orações funebres, quanto soldado raso não terá ido para a valla do cemiterio sem um *requiescat in pace?*

A PEDIDO

Agradecimento.

Sendo a gratidão um dos nobres sentimentos que se aninham n'alma e se identifica de sorte a ser considerada a semi-deusa da terra, esse dever que jamais alguém o desconhece pela sublimidade de sua grandeza, ingrato seria eu, si do alto da imprensa deixasse de agradecer a todos os amigos que se dignavam frequentar o nosso café e vispora á Baixa dos Sapateiros, concorrendo assim para facilitar-me um meio licito de ganhar a vida.

E'-me preciso nesta data separar-me por força *d'alguém* da sociedade do café e vispora, ficando á cargo della o Sr. Cabé (cujo nome não se esqueça) deixando *desida* já com

responsabilidade nem onus da casa, tendo apenas a meação dos utensílios a quem tenho em debito a quantia de 30\$700, que será embolsado convenientemente.

Este agradecimento me ficará gravado no coração de todos quanto me trataram bem. Cuja attenção e urbanidade são dignas de ser eterna e indelevelmente gravadas no nome que não morre — gratidão.

Bahia 10 de junho de 1870.

Antonio Rodrigues de Macedo.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé para o tresloucado procedimento de Joaquim Bertholdo dos Santos, inspector de quarteirão dessa subdelegacia.

Esse individuo, vale-se do cargo de agente da authoridade para praticar quanto absurdo lhe suggerer á desmiolada cabeça, com o que não só desacredita aos demais prepostos da authoridade, como compromette a S. S. fazendo e desfazendo prisões em nome da subdelegacia, revistando carregos, espancando os mendigos que se asylam debaixo dos arcos da camara, e até abusando da força publica para seus tolos caprichos.

Admira a facilidade com que no destacamento da repartição da policia lhe concedem praças para seus desvarios, quando se nega a outros para casos de utilidade e serviço publico.

Espera-se de S. S. um paradeiro ao procedimento inqualificavel desse estouvado individuo que de sorte nenhuma está no caso de exercer o logar de inspector de quarteirão.

— Que diabo tem aquelle individuo?

— Está com a cabeça pesada, creio eu.

— Não creio; quem tem a cabeça pesada vae deitar-se; não dá para violar a casa alheia.

— E' o que elle fez; entrou, tirou o paletot e deitou-se.

— Carece grande animosidade!

Embarafustar por uma casa em que não se tem conhecimento e ficar renitente a ponto de quem está nella vê-se na necessidade de pedir soccorro! Que *pinhão* para o dono da casa se chega agora e encontra semelhante empreitada!

— O sujeito diz ser filho do Sr. Antonio J. S. Gouveia.

— Rapaz, eu não quero complicações.

— Si é ou si não é, não sei.

— Que pedaço d'asno!

— Ou é tolo ou come sujo.

— Os filhos malcreados a atirarem foguetes para cima dos vizinhos e de quem passa, *reze-se moderadamente* que não façam isso, o

o fatuo parvo, em vez de admoestá-los, vem orgulhosamente perguntar si sabe com quem está fallando!

— Sem duvida, julga-se um segundo *Lopez*.

— Forte bestalhão!

— Querer se inculcar de *Lopez* no arrogancia, um sevandija que não passou, sem duvida, de criado de algum *dentista*!

— Si sabe com quem está fallando!...

Com um depravado que abandona a familia, por esse mundo de Deus e anda por cá sem se lembrar della, engolphado em libidinoso concubinato; com um pae *resoluto* que dá educação de quitanda aos filhos, com um tolo insolente emfim.

VARIÉDADES.

Jogo.

As cartas de jogar foram introduzidas no anno de 1390, em França, para entreter o rei Carlos VI, quando cahiu em *loucura*.

O jogo é o dissipador dos bens, o sorvedouro das riquezas, o desperdicio do tempo, o escolho da innocencia, a ruina das sciencias, o inimigo das musas, o pai das querélas.

Por mais ligeiras que sejam as perdas diarias que se fazem ao jogo, ellas não deixam de avultar. São como as pequenas chuvas que, cahindo por muito tempo, vem a molhar muito.

O jogo é um pego, que não tem fundo nem praia. Desde que nello se embarca e se perde a terra de vista, é raro que ella se torne a ver.

O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos annos.

No jogo se perdem amizades, se contraem odios, e se passa rapidamente da paz a guerra, da innocencia ao crime.

Si se empregasse no estudo o tempo e a sagacidade que se emprega no jogo, o mundo estaria cheio de sabios.

Os dentes postiços.

Certa senhora brincava em uma reunião com uma menina muito espirituosa, quando repentinamente ella pergunta-lhe:

— A senhora é muito rica?

— Porque V. pergunta?

— Porque estou vendo sahir-lhe ouro pelos dentes.

Na estação do caminho de ferro:

Uma saloia—Um bilhete de 3.^a classe.

O empregado—Para onde?

A saloia—Que tem com isso?